

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 1968 N.º 16 469 ANO 48.º UM ESCUDO



ENCONTRO MARCELLO-KIESINGER NO PALÁCIO DE SÃO BENTO

O chanceler federal alemão Kurt Georg Kiesinger chegou ao princípio da tarde a Lisboa, para uma visita oficial de cinco dias.

A visita do chanceler Kiesinger, um mês depois da tomada de posse do prof. Marcello Caetano como Presidente do Conselho, é encarada com o maior interesse e, simultaneamente, com o maior optimismo pelos que se debruçam sobre os laços que ligam os dois países.

Acompanham o chanceler, além da esposa, uma comitiva constituída pelo barão Karl Theodor von und zu Guttenberg, secretário de Estado da Chancelaria; Gunther Diehl, secretário de Estado do Serviço de Informação e Imprensa; Paul Frank, director-geral dos Negócios Políti-

cos do Ministério dos Negócios Estrangeiros; embaixador dr. Hans Schwarzmann, chefe do Protocolo; dr. Walter Boss, director-geral adjunto na Chancelaria Federal; dr. Niels Hansen, conselheiro de legação de 1.ª classe no M. N. E.; dr. Friedrich Ruth, conselheiro de legação de 1.ª classe na Chancelaria Federal; e o intérprete Krautlein. As ordens do chanceler estará o ministro plenipotenciário de 1.ª classe dr. Caldeira Coelho.

Cumprimentos de boas-vindas foram apresentados no aeroporto, ao chanceler pelos srs. prof. Marcello Caetano, Presidente do Conselho; prof. Mário de Figueiredo presidente da Assembleia Nacional; general Sá Viana Rebelo, mi-

nas a altas individualidades, pronunciou, em alemão, as seguintes palavras, que, seguidamente, um intérprete traduziu:

— Foi com grande prazer que aceitei o convite altamente honroso para mim da Universidade insigne e venerável da cidade de Coimbra. É uma grande satisfação para mim poder estar aqui neste momento, nesta nação aliada nossa, à qual nos une uma amizade de comprovado valor e múltiplas relações económicas e culturais.

Neste momento, ao pisar terra portuguesa, formulo profundos votos pelas melhoras do Presidente Salazar, gravemente doente, que dirigiu os destinos deste País durante mais tempo do que qualquer outra pessoa. Nos próximos dias terei oportunidade de

manter conversações com o Presidente do Conselho e as personalidades dirigentes de Portugal sobre aquelas questões que se referem e que atingem os nossos países. Esta troca de opiniões, estou certo, contribuirá para melhorar a base de amizade já existente entre os nossos povos.

Inclino-me com grande respeito prestando homenagem à grande História deste País e à enorme contribuição que o povo português tem prestado à cultura do Ocidente. E de todo o coração que formulo votos para um feliz futuro de Portugal.

Findas as suas palavras, que suscitaram o aplauso das individualidades presentes, o chanceler Kiesinger abandonou, na companhia do prof.

(Continua na última página)



O aperto de mão entre o prof. Marcello Caetano e o chanceler Kiesinger foi caloroso.

OS BOMBARDEAMENTOS PODERÃO TERMINAR

AMANHÃ — CONSTA EM SAIGÃO

SAIGÃO, 24 — (F. P.) — Circulam rumores nesta capital de que a cessação dos bombardeamentos contra o Vietnã do Norte será anunciada amanhã simultaneamente em Washington e em Saigão.

Nenhum comentário confirmação ou desmentido pôde ser obtido a este respei-

to de fonte oficial americana ou vietnamita.

A missão americana contentou-se em anunciar que não está prevista para hoje qualquer nova entrevista entre o presidente Nguyen Van Thieu e o embaixador Ellsworth Bunker.

● Ler mais notícias na página 11

A VISITA CONTRIBUIRÁ PARA MELHORAR A AMIZADE ENTRE PORTUGAL E A ALEMANHA FEDERAL

— disse
o chanceler

nistro da Defesa; dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação; general Venâncio Deslandes, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; etc. Encontravam-se, ainda, presentes o embaixador da Alemanha e funcionários superiores da Embaixada.

Depois de ter desembarcado, o chanceler Kiesinger tomou lugar num estrado a fim de assistir ao desfile da guarda de honra, constituída por um pelotão da G. N. R. a duas companhias com fanfarra e guião.

O visitante foi ladeado à esquerda pelo prof. Marcello Caetano e à direita pelo dr. Franco Nogueira.

Terminado o desfile, o chanceler Kiesinger, numa das salas de embarque hoje inauguradas, e que se destinam



Kiesinger acena com uma bandeira alemã às crianças presentes à sua chegada

Jacqueline e Onassis vão participar num safari em Moçambique

BEIRA, 24 — (L.) — O «Notícias da Beira» confirma, hoje, a notícia há dias divulgada, em primeira mão, pelo «Diário de Moçambique», de que Onassis e sua esposa Jacqueline, estarão dentro de cerca de uma semana na província, em «lua-de-mel».

O mesmo jornal salienta que, segundo informações de fonte fidedigna, o programa da viagem do casal Onassis, que se desloca em avião próprio, inclui um safari na Gorongosa e visitas a vários países africanos, entre os quais a África do Sul.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

RALLYE INTERNACIONAL TAP

FORTES CHUVADAS ATINGIRAM OS CONCORRENTES QUE SAIRAM DE LISBOA E PORTO

De Lisboa e Porto partiram ontem, à noite, os últimos concorrentes ao «Rallye» Internacional TAP. Todos os outros, de outras 10 diferentes cidades da Europa haviam já iniciado a grande competição dirigindo-se ao ponto de encontro comum: o Autódromo de Jarama (Madrid).

Quase todos os automobilistas chegaram a Madrid

MADRID, 24 — (Do nosso enviado especial Avelãs Coelho) — Ontem, à noite, e durante a madrugada chegou à capital espanhola a maioria dos concorrentes saídos dos doze locais de partida do 2.º «Rallye» Internacional TAP.

O tempo, até então, tinha-se mostrado benigno, mas

sentou quaisquer dificuldades sendo poucos os concorrentes que o não completaram. Está neste caso a equipa portuguesa n.º 28, Correia Mendes-Arhués Moreira, cujo «Mercedes» se despiçou perto de Coimbra, sem consequências de maior para os pilotos, mas impedindo-os de continuar.

A equipa n.º 125, José Manuel Falcão-Zitef, em «Gordini», teve um acidente em Oliveira de Azeméis (choque com outra viatura), continuando, no entanto, em prova.

O «contrôle» de chegada oficial ao circuito de Jarama abriu cerca das 9 e 30.

Por razões ainda não apuradas — uma vez que todos os concorrentes chegaram aqui dentro da sua hora de

Madrid os carros 79 e 13, e dos saídos de Lisboa as equipas números 28, 57, 59, 67, a primeira das quais é a equipa acidentada do «Mercedes Benz», e os carros 57 e 67, não tendo alinhado à partida, não se conhece de momento o acontecido ao «Cooper S» n.º 59 da equipa eng.º Nascimento Piedade J. Cardoso.

Segundo informação oficial, os concorrentes que partiram do Porto apresentaram-se todos no «contrôle» de Jarama.

Cerca das onze horas, começou a disputar-se a série de corridas que constitui a primeira prova de classificação: 10 voltas ao circuito permanente de Jarama, em grupos de 20 carros, por ordem numérica.

Depois das voltas de aquecimento foi dada a partida, e os carros 19 e 14 tomaram o comando logo desde o início, assim se mantendo quase até ao fim, na altura em que enviamos estas notícias. É provável que a vitória venha a pertencer ao «Porsche 911 S» de Robert Bouchet, dado o seu avanço.

De uma maneira geral, poucos foram, até agora, os concorrentes que «puxaram» pelas máquinas. O ponto aceite por todos é que «partir por partir» os carros, ao menos que seja um pouco lá mais para o fim: em Sintra, Arganil ou Armagem, por exemplo...

Mas quanto às provas de Jarama devemos frisar que as classificações de cada uma das corridas de Jarama interessam pouco para os resultados do «Rallye» TAP, uma vez que o que conta verdadeiramente são os tempos totais efectuados pelos concorrentes nas dez voltas de que se compõe cada corrida.

Horário do percurso em Portugal

Para aqueles leitores que, interessando-se mais de perto pelo automobilismo desportivo queiram assistir à passagem dos concorrentes, publicamos o seguinte horário relativo às localidades do percurso em Portugal:

Amanhã

Elvas, 5.12 h.; Casal do Marco, 9.27; Canéas, 20.42; Belas, 20.50; Ramalhã, 21.13; Monserrate, 21.20; Almoçageme, 21.26; Sintra, 21.35; Gradil, 22.03; Torres Vedras, 22.15; Cercal, 23; Alcanena, 23.45.

Dia 26

Abrantes, 0.39 h.; Gavião, 1; Mação, 1.15; Proença-a-Nova, 2; Sertã, 2.28; Castanheira de Pera, 2.50; Louçã, 3.43; Vila Nova do Ceira, 4.02; Góis, 4.07; Arganil, 4.27; Seia, 5.21; Sabugueiro, 5.30; Gouveia, 5.48; Mangualde, 6; Aguiar da Beira, 6.50; Armamar, 8.02; Régua, 8.15; Mesão Frio, 8.25; Amarante, 9.07; Porto, 13.25; Valongo, 15; Amarante, 16; Baião, 16.30; Mosteiró, 16.50; Lamego, 17.45; Viseu, 18.30; Nelas, 19.30; Oliveira do Hospital, 20.34; Carregal do Sal, 21; Santa Comba Dão, 21.10; Campo de Bésteiros, 21.55; Caramulo, 22.05; Anadia, 22.45; Luso, 23; Poiares, 23.37.

Dia 27

Arganil 0.19 h.; Góis 0.39;



Paddy Hopkirk, com o número 71, é o mais célebre e o mais experimentado dos concorrentes partidos de Lisboa — talvez mesmo de todos os participantes no Rallye TAP. É o único piloto oficial da British Leyland em 1968 e evidentemente um dos favoritos na chegada ao Estoril, no domingo

Lousã, 01; Lousã, «após troço cronometrado» 01.30; Coimbra, 01.50; Montejunto, 4.17; Torres Vedras, 4.40; Gradil, 5.15; Mafra, 5.27; Colares, 5.50; Almoçageme, 6; Rampa da Pena, 6.10; Lagoa Azul, 6.15; Estoril, 6.42.

Conquanto a chegada a Lisboa os concorrentes já tenham percorrido uma apreciável quilometragem, as verdadeiras dificuldades do II Rallye TAP começarão apenas amanhã às 20 h. 30 horas de partida para a segunda etapa, que termina no Porto. O II Rallye TAP termina no domingo, no Estoril, com a realização de uma prova complementar.

Assinala-se já, no entanto, as desistências das equipas n.º 28 (Vasco Correia Mendes-Arhués Moreira) e n.º 81,

e Peery-Roefs, na fronteira francesa, esta última em virtude de se ter partido o diferencial do seu carro.

HEGEMONIA PORTUGUESA NO AUTÓDROMO DE JARAMA

Na primeira prova de velocidade do Rallye da TAP, disputada desde as 11 horas de hoje no circuito permanente de Jarama (Madrid) os portugueses ganharam duas das quatro corridas disputadas.

Depois da vitória de Barter na primeira série seguiram-se os triunfos de José Lampreia e de Américo Nunes respectivamente nas segunda e terceira corridas.

O fenomenal Paddy Hopkirk ganhou a quarta prova da série e os carros continuam a correr em Jarama até que todos os concorrentes ao II Rallye Internacional TAP tenham cumprido aquela prova complementar.

As classificações

Após a 1.ª prova de classificação realizada hoje no Autódromo de Jarama, a classificação provisória do «Rallye» Internacional da TAP é a seguinte:

1.º, Laurent (Porsche 911S), 1m 54.1s; 2.º, Hopkirk (BMC 1300), 20.21.1; 3.º, Nicolas (Alpine Proto), 20.26.6; 4.º, Houell (Alpine 1300), 20.26.8; 5.º, Colação Marques (BMC 1300), 20.41.8; 6.º, Simonsen (Porsche 911S), 20.52.2; 7.º, Lampreia (Gordini 1300), 20.56.7; 8.º, Fernando Baptista (BMC 1300), 20.59.9; 9.º, Romãozinho (BMC 1300), 21.09.1; 10.º, Fall (Lancia Fulvia HF), 21.09.1; 11.º, Américo Nunes (Porsche 911S), 22.22.2.

III Reunião

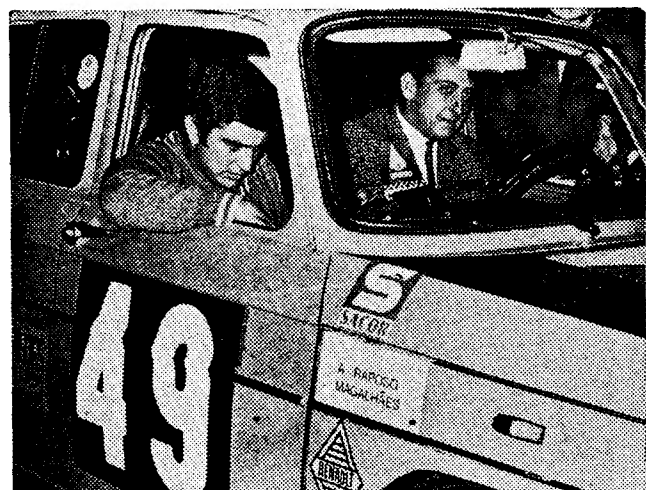
da Comissão

Luso-Espanhola

das Actividades Económicas

A fim de tomar parte na III Reunião da Comissão Permanente Luso-Espanhola das Actividades Económicas que hoje começa em Madrid, prolongando-se até depois de amanhã, partiu, ontem, para aquela cidade, o presidente da Associação Comercial de Lisboa — Câmara de Comércio, sr. prof. dr. Caetano Léglise da Cruz Vidal.

Durante a sua estadia em Madrid o presidente da Associação Comercial de Lisboa visitará o Conselho Superior das Câmaras de Comércio, Indústria e Navegação de Espanha.



Carpinteiro Albino, o vencedor do ano passado, faz este ano equipa com Raposo de Magalhães. O carro, um Gordini, é idêntico ao que lhe deu a vitória em 1967

nas últimas horas de prova caíram fortes chuvadas, que atingiram, principalmente, os concorrentes saídos de Lisboa e Porto.

Como se previa, o percurso de concentração não apre-

passagem de minuto a minuto — a partir de certa altura a chegada passou a fazer-se «em bloco», no meio de grande confusão.

Até ao último dos concorrentes não controlaram em

Besuch des Bundeskanzlers in Portugal

Der deutsche Bundeskanzler, Dr. h. c. Kurt Georg Kiesinger, wird am Freitag, den 25. Oktober um 17.00 Uhr die Deutsche Schule besuchen. Die Botschaft lädt die Angehörigen der Deutschen Kolonie herzlich ein, bei dieser Gelegenheit den Herrn Bundeskanzler zu begrüßen, der aus diesem Anlass eine kurze Ansprache an die Anwesenden richten wird.

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

Inscrições nas secretarias, das 10 às 23 horas

■ Rua do Paraíso, 28 (entre a Graça e St.ª Apolónia) Telefone 865904

— agora com ampliação e remodelação das suas instalações, incluindo modernos e bem aparelhados laboratórios. —

■ Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) Telefone 834658

Externatos:

Dr. Abranches-Ferrão

Partiu esta tarde para Estrasburgo o sr. dr. Fernando de Abranches-Ferrão, que, conforme notícias, vai representar a Ordem dos Advogados, de cujo Conselho-Geral é vice-presidente, na Conferência da Comissão Internacional de Juristas, que ali reúne nos dias 26 e 27, e na qual será debatido o tema «O indivíduo e o Estado — elementos jurídicos essenciais para assegurar a protecção do indivíduo».

Ministro das Obras Públicas

O eng.º Rui Sanches recebeu hoje, em audiências de trabalho, os srs. Governador civil de Ponta Delgada, com quem tratou de assuntos relacionados com os prejuízos causados pelos temporais na ilha de S. Miguel; o Governador civil de Coimbra, acompanhado pelo presiden-

Ministro da Justiça

O ministro da Justiça recebeu em audiência de trabalho, esta manhã, os srs. dr. Duarte Santos, director do Instituto de Medicina Legal de Coimbra, e o coronel Homem da Costa, presidente da Junta Geral do distrito autónomo do Funchal.

O eng.º Rui Sanches recebeu também o sr. Artur Baptista, de Mira de Aire.

Subsecretário das Obras Públicas

O sr. dr. Silva Pinto, subsecretário de Estado das Obras Públicas, recebeu os srs. governador civil de Coimbra e o governador do distrito autónomo do Funchal, com os quais estudou problemas de interesse para os respectivos distritos; tenente coronel Salvação Barreto; dr. Coriário Ferreira, director-geral dos Hospitais; eng.º Ivo Gonçalves, presidente do Grupo de Trabalho de Energia da Comissão Internacional de Planeamento e Integração Económica; eng.º Amílcar Marques, administrador e secretário-geral da Siderurgia Nacional, acompanhado de outros administradores da mesma empresa; e os secretários-gerais das Corporações, da Lavoura, da Indústria, do Comércio, dos Transportes e Turismo, do Crédito e Seguros, das Pescas e Conservas, da Imprensa e Artes Gráficas; e Espectáculos e Assistência.

Ministro de Estado

O sr. eng.º Vaz Pinto, ministro de Estado adjunto da Presidência do Conselho, trabalhou esta manhã com os srs. drs. Paiva Brandão e Amaro Guerreiro, respectivamente secretário-geral da Presidência do Conselho e director do Instituto Nacional de Estatística. Aquele membro do Governo recebeu também o embaixador António de Sêves e o sr. Kenneth Beggs, director do Stanford Research Institute.

VIDA POLÍTICA

REGIONALISMOS E INSTITUIÇÕES REGIONAIS

O DESPERTAR dos movimentos regionalistas nas últimas décadas corresponde a exigências que se afirmam, simultaneamente, no plano económico e no domínio político e administrativo. Tais movimentos nada têm que ver com a idealização nostálgica de um bucolismo enraizado em velhas tradições folclóricas, já quase inteiramente superadas.

Em numerosos países do Ocidente europeu, foram sem dúvida os aspectos económicos que inicialmente determinaram uma nova tomada de consciência dos problemas regionais. Perante os desequilíbrios de crescimento, demasiado gritantes, que se foram gerando de região para região, os poderes centrais não podiam ficar impassíveis e inactivos. Na realidade, os governos procuraram adoptar medidas e lançar programas que, em alguns casos, deram origem a um novo tipo de planeamento económico «regionalizado», com base num novo conceito de região: a «região-plano».

As medidas que foram sendo adoptadas para promover uma expansão descentralizada da economia eram no entanto concebidas quase exclusivamente pelos serviços técnicos e burocráticos das administrações centrais. Ora, depressa se reconheceu a necessidade de associar mais directamente as populações interessadas à formulação e aplicação de tais medidas. O mesmo é dizer que se impôs a criação de novas estruturas políticas e administrativas regionais, visto que era quase geral a anemia e ineficácia das instituições locais existentes, em face de governos centrais que haviam concentrado em si todos os poderes efectivos de decisão.

Mesmo em países como a Grã-Bretanha, com uma longa tradição respeitadora das autonomias locais, tem sido admitida a necessidade de dar novos meios de expressão política às forças vivas

das diversas regiões, por meio de autoridades eleitas que constituam um sistema de «governos regionais». Em França, pode dizer-se que se caminha no mesmo sentido, desde que o general de Gaulle, em discurso pronunciado em Lyon, em Março último, se exprimiu do seguinte modo: «o esforço multissecular de centralização que durante muito tempo foi necessário à França para realizar e manter a sua unidade, já hoje não se impõe; pelo contrário, são as actividades regionais que surgem como a mola impulsora do seu poder económico futuro».

Como se sabe, a reforma das instituições regionais em França figura — ao lado da reforma da Universidade e da remodelação das relações capital-trabalho através da «participação» dos trabalhadores nos resultados e na gestão das empresas — como uma das três grandes transformações de fundo da vida política e social francesa a que os acontecimentos de Maio último conferiram renovada urgência.

por MANUEL BELLO

No que respeita às novas estruturas regionais, anuncia-se para breve uma declaração governamental acerca das linhas de orientação a adoptar na elaboração definitiva da reforma que deverá ser submetida a um referendo popular em Março do próximo ano. Segundo as indicações já fornecidas pelo general de Gaulle e por outros dirigentes responsáveis, trata-se, em primeiro lugar, de transformar as actuais regiões-plano em autarquias territoriais dotadas de personalidade jurídica e de poderes autónomos efectivos. O poder executivo no âmbito de cada região deverá pertencer, pelo menos inicialmente, aos «perfeitos de região» nomeados pelo governo central e que se sobrepõem aos prefeitos de departamento. A função legislativa caberá, todavia, a assembleias regionais que terão importantes atribuições, nomeadamente em matéria de planificação económica, de ordenamento do território e de criação de impostos. Falta ainda definir o modo de escolha e de eleição dos componentes das assembleias, mas parece ponto assente que deixarão de existir membros de nomeação governamental, como sucedia até agora nas Comissões de desenvolvimento regional. Neste aspecto delicado e complexo, procura-se uma fórmula que assegure uma representação autêntica das populações através do sufrágio universal, assim como uma participação orgânica dos interesses económicos, profissionais e culturais, evitando, simultaneamente, uma extrema «politização» da vida regional e uma paralisante tutela burocrática ou tecnocrática exercida pelo poder central.

As províncias portuguesas e as regiões económicas

Julgamos que, no nosso País, devemos estar atentos às experiências de descon-

(Continua na pág. seguinte)

Nota do dia

MISSÃO E PROFISSÃO

A FIGURA DO ESCRITOR foi desenhada por um editor, ontem, ao fim da tarde, num acto de convívio público que teve por pretexto o lançamento simultâneo, pelo mesmo editor, de obras de quatro autores, sendo dois consagrados e dois estreantes, os que estão e os que chegam, os que já ganharam os seus louros e os que principiam o tentame de conseguir ganhá-los um dia. Editor: F. Lyon de Castro (Europa-América); autores: Alves Redol, Fernando Namora, Maria Isabel Barreno e João Palma-Ferreira.

O trabalho de escrever tem múltiplos aspectos que a maior parte das vezes escapam ao leitor que vai de corrida em busca de uma emoção, de um passatempo ou, não mais que isso, da oportunidade de uma pincelada de actualização apressada. Mas, no fundo, quantas horas de vigília, quantas horas de contemplação crítica e recolha do material que o rodeia (que está à vista de nós todos mesmo daqueles de nós que não o vejamos), quantas horas para amassar as ideias e conseguir o modo final de lhes dar expressão, quantas horas de luta?

No homem que escreve (e se dão licença quando se diz «homem» quer dizer-se a entidade, que pode ser e parece ser cada vez mais também a mulher que escreve) está permanentemente a imagem do lutador, não se dirá apenas para da pena fazer espada, porque a luta não é apenas isso, mas a luta que se trava na sua própria consciência, a escolha dos valores que a sociedade põe à sua disposição, o crivo a que terá de submetê-los para bem desempenhar o papel que lhe confere a sua consciência de que a consciência do escritor público haverá de ser a boa consciência do mundo de que ele próprio faz parte com os próprios que hão-de ser os seus leitores.

Quanto aspectos são os que pode essa luta assumir? Quantos obstáculos é preciso vencer para quem não se der por satisfeito de apenas os flanquear? Quantas limitações? Quantas incompreensões, até, daqueles a quem o escritor se dirige, a quem pretende comunicar o seu transporte de experiência e análise? «Um escritor (disse Mauriac) é essencialmente um homem que não se resigna à solidão». É esse desejo, essa ânsia de comunicação que verdadeiramente determina os impulsos do escritor.

Há nisto o exercício de uma profissão, mas muito mal seria do escritor que só a isso se resignasse. Há também o instinto e a consciência de qualquer coisa que tem o sabor e a força de missão, o ser intérprete de uma causa, o ser testemunha de uma experiência, uma voz do seu tempo, simultaneamente a expressão de uma análise e de uma síntese das outras vozes que nele próprio se fazem ouvir. Se o não fizer, o escritor falha a sua missão. Mas, para o conseguir, quanta luta, quanta luta teimosa, quanta obstinação e quantos sacrifícios? É bom e é justo não o esquecer.

MÁRIO CASTRIM

A Imprensa alemã vê nos suicídios de Bonn um drama da espionagem

BONN, Outubro — O exército alemão irá enfrentar um dos maiores casos de espionagem que conheceu desde a passagem do dr. Otto John, primeiro chefe do serviço de contra-espionagem alemão, para Berlim-Leste em 1954? Três suicídios seguidos dão a pensar que assim seja, e ocupam desde já, evidentemente, os cabeçalhos da Imprensa de sensa-

ção. O almirante Lüdke teria mandado revelar, num laboratório fotográfico de Bonn, um filme contendo documentos da N. A. T. O., onde estivera em serviço, documentos esses com o carimbo «top secret». Segundo as últimas notícias, o almirante não teria feito espionagem, limitando-se a querer «conservar certos documentos da N. A. T. O. com o objectivo de escrever as suas memórias». Esta explicação, no entanto, não satisfaz toda a gente, e nem sequer tem carácter oficial.

Na passada sexta-feira houve terceiro suicídio, desta vez no Ministério da Defesa. O tenente-coronel Jo-

riam devidos a um gigantesco caso de espionagem.

Em todo o caso a Imprensa sensacional já há muito se fez eco desta tese, e um jornal popular de grande tiragem, o «Bild Zeitung», deu mesmo a entender que, depois da morte do general Wendlandt e do almirante Lüdke, haveria com certeza outros suicídios.

Do correspondente particular
ROLLOND DELCOUR

Johannes Grimm desfechou um tiro de pistola na cabeça. Oficial do corpo do Estado-Maior, com 54 anos de idade, morria 13 horas depois na clínica da Universidade de Bonn, para onde fora transportado. Também esta (por enquanto) versão oficial, difundida pelo Ministério da Defesa e segundo a qual o tenente-coronel Grimm não é objecto de suspeitas, depara com geral incredulidade. Entre os próprios funcionários do Ministério alastra cada vez mais a ideia de que os três suicídios estão interligados, e se-

E o meu amigo, muito hábil em sabedorias orientais, contou-me a seguinte história:

«Era uma vez um pobre tecelão que vivia num único quarto com sua mulher e seus quatro filhos. Foi ter com o «shumah» e disse-lhe:

— Vivo num único quarto com minha mulher e quatro filhos. Preciso de mudar de vida. Aconselha-me «shumah!»

«Shumah» envolveu a resposta numa onda de fumo do seu cachimbo carregado de essências:

— Leva para casa um gato.

Passados que foram quatro dias volta o tecelão.

— Vivo num quarto com a mulher, os filhos e um gato. Que hei-de fazer para melhorar de vida.

Outra vez a onda de essências perfumadas:

— Leva para casa um cão.

Três dias passados, torna o tecelão barbuado.

— Senhor: Eu, a mulher, quatro filhos, o gato, o cão, vivemos no quase nada de um quarto. Que vou eu fazer?

— Leva uma cabra.

O tecelão comprou a cabra já no regresso ao lar. Muito aflito, cada vez mais encovado, tornou ao «shumah» duas semanas depois:

— Ó senhor!, a vida assim torna-se insuportável. Vivo num quarto com a mulher, os filhos, o gato, o cão, e agora uma cabra. Esclarece-me com a tua ciência. Diz-me o que hei-de fazer para melhorar de vida.

«Shumah» nem hesitou:

— Leva um touro.

Decorria o segundo dia depois do touro, quando o tecelão, de olhos a arder em febre, arrastou os ossos até à cabana do «shumah».

— Senhor: vivo num misero quarto com a mulher, quatro filhos, um gato, um cão, uma cabra, um touro. Quero melhorar a vida, que hei-de fazer, «shumah»?

«Shumah» não hesitou na resposta:

— Vai para casa, desgraçado homem, e põe fora o gato, o cão, a cabra, o touro.

Assim fez o tecelão e assim o tecelão conheceu as delícias do paraíso, graças à sabedoria do grande «shumah», sábio entre os sábios.

DE
«LE MONDE»
em exclusivo para o
«DIÁRIO DE LISBOA»

REUNIÃO DE HOTELEIROS EM LISBOA

Começa hoje em Lisboa, até ao dia 27 do corrente, a reunião bienal da secção europeia da Cornell Society of Hotelmen, constituída por antigos alunos da Escola de Administração de Hotéis, da Universidade de Cornell (U. S. A.). Esta reunião, presidida pelo reitor daquela reputada escola superior, conta com a presença de cerca de 30 delegados representando vários países europeus, entre os quais Portugal, e ocupando cargos de maior relevo na indústria hoteleira ou noutros sectores ligados ao turismo ou à formação profissional.

Integrado num plano geral de reuniões, o próximo encontro de Lisboa tem como finalidade proporcionar aos membros da Cornell Society of Hotelmen o debate actualizado da problemática educacional ligada à profissão.

Para além de um programa cultural e social exclusivamente destinado aos diplomados pela referida escola, a reunião de Lisboa inclui um seminário sobre administração de hotéis, organizado com o patrocínio do Comissariado do Turismo. Para participar neste seminário, que se realiza no próximo dia 26, foram convidados todos os hoteleiros portugueses. Estão previstas, para este seminário, quatro conferências a cargo do reitor Beck, do prof. Bond, Rudolf Munster e Ralph Starke destacados dirigentes da hotelaria europeia e conhecidos especialistas de administração de hotéis. Após as conferências, seguir-se-á uma discussão livre sobre os temas expostos.

Dizem os leitores...

«UM MÍNIMO DE SEGURANÇA»

Do sr. José Alves Semide, morador na Rua C-1, lote 221, 6.º-B, Olivais Sul, Lisboa-6, recebemos a seguinte pauta que publicamos na integra:

«As minhas súplicas, os meus rogos, os meus gritos de alarme, de que vários jornais se fizeram eco, têm merecido, segundo me parece, puro e simples desprezo.

Lote 221, Célula 1, Olivais Sul, um enorme imóvel, com cerca de 50 famílias, cujas deficiências têm sido por demais apontadas. Habitado há cerca de dois anos, tudo continua na mesma... ou pior! muito pior!!!

Elevadores que sobem... quando não devem!... Que descem... às vezes!... Que estão parados, ora um, ora outro (há dois) e um até esteve parado, vários meses, enquanto o outro andava... quando andava... E isto... num prédio de 13 pisos! Elevadores que assustam novos e velhos! Elevadores que poderão causar a morte! Elevadores que ainda não mataram... nem se sabe bem porquê! Entre outras, aconteceu há poucos dias o seguinte:

Uma senhora, residente no 6.º andar, letra C, abriu na cave, as portas de um dos elevadores (!!) e tentou entrar, rebocando um carrinho com o filho de cerca de 4 meses e, com uma perna dentro e outra fora, com o carrinho quase metido no elevador, eis que este sobe, com as portas abertas!!! — quase esmagando a mãe e o filho e atirando este (devi-

do à inclinação adquirida) para o chão.

Estão a proceder a um inquérito, segundo me disseram. Mas há dois anos que, quer directamente quer através da Imprensa, ando a chamar a atenção de quem de direito para o assunto... e nada!

Tomo a liberdade de perguntar: aguarda-se que grave desastre aconteça, para então se inquirir sobre a qualidade, estado e vigilância do material?!

Que os estores estejam caídos e partidos, por serem de inferioríssima qualidade — que os fechos das portas nos fiquem nas mãos... que tudo, enfim, seja de má qualidade e de péssima feitura... não se compreende lá muito bem... Mas deverá exigir-se, sem dúvida, que num prédio habitado por cerca de 50 famílias, haja, pelo menos, um mínimo de segurança! Será pedir de mais?!

PATOLOGIA AVIÁRIA

Efectua-se na Escola Superior de Medicina Veterinária, de 25 a 30 de Novembro, um curso de actualização pós-universitário sobre Patologia Aviária, integrado nas Actividades do Fomento da Acção Educativa do Ministério da Educação Nacional, ao abrigo do III Plano de Fomento, sob a orientação do prof. Braço Forte Júnior.

A inscrição deste curso, reservada a veterinários, está aberta na secretaria desta Escola até ao próximo dia 9 de Novembro.

Palestra de Francisco Duarte no Clube dos Publicitários

A Imprensa — meio fundamental da publicidade do cinema

No âmbito do ciclo de conferências seguidas de colóquio que o Clube dos Publicitários está a promover, e que se destina a equacionar as actuais possibilidades dos meios de publicidade utilizados no nosso País, o gerente do cinema S. Jorge, sr. Francisco Duarte, falou ontem sobre «O cinema e a publicidade».

O orador foi apresentado pelo presidente da assembleia geral do Clube dos Publicitários, Adelino Duarte Boica, que pôs em relevo a inteligência e o dinamismo de Francisco Duarte, bem como a sua competência excepcional na matéria em debate.

Francisco Duarte começou por fazer uma resenha dos primeiros tempos do cinema em Portugal, evocando a primeira sessão de cinematógrafo ou cinematógrafo levada a cabo em Lisboa, em 1896, por iniciativa do empresário inglês Rosby e que se efectuou na sala do Real Coliseu da Rua da Palma. Os folhetos de anúncio falavam, então, do «maior acontecimento científico e artístico do século XIX». Referiu a lenta evolução da nova arte-indústria até à guerra de 14, época em que o seu desenvolvimento a impôs definitivamente. Mencionou a abertura das salas Olímpia, Central e Central, como decisiva para a conquista das «élites» da época para o gosto do cinema.

Recordou também Francisco Duarte a contribuição de empresários pioneiros como Castelo Lopes, O'Donnell e Lopes Freire. Descreveu a conquista da maturidade artística do cinema e das tentativas de consequimento de uma linguagem própria, que os anos vinte presenciaram, e a dedicação de homens tão válidos como Félix Ribeiro, José Gomes Ferreira, Chiarcia de Garcia e Fernando Fragozo no cinema desse tempo, lamentando que eles não tenham permanecido ao serviço da 7.ª arte, e que vulgares de tão grande envergadura não tenham surgido para tomar o seu lugar. Fez uma rápida digressão através da crítica e dos críticos de cinema, até aos nossos dias, sublinhando as achegas que eles deram para a dignidade do cinema e a formação crítica das plateias.

Aludiu, finalmente, à acção dos cineclubes e dos cineclubistas, elogiando o seu trabalho de elaboração teórica e de consciencialização do público.

Iniciou Francisco Duarte, seguidamente, o estudo das relações entre a publicidade e o cinema. Dividiu-o em duas partes: 1) a publicidade do cinema; 2) a publicidade do cinema. Quanto à primeira defendeu que as suas variadas modalidades se escalonavam pela seguinte ordem decrescente de importância (ou eficiência): exibição de «trailers», imprensa, cartazes, rádio, anúncio especificado, desfiles ou exposições na rua e televisão. Teceu largas considerações sobre o impacto psicológico do «trailer», que se dirige ao público de cinema, na sa-

la em que o espectáculo vai ser apresentado, pelo que se reveste de uma utilidade impar. Referiu a técnica do «trailer», que disse estar muito mais aperfeiçoada nos Estados Unidos que na Europa.

Em seguida, Francisco Duarte falou da imprensa, que admitiu ser a forma mais receptiva, para o público em geral, de publicidade do cinema, tendo sabido criar um hábito nos leitores de se informarem sobre o espectáculo.



Francisco Duarte no uso da palavra no Clube dos Publicitários

culo filmado, ao dedicarem espaços determinados para a propaganda do cinema.

Falou dos critérios de interesse e estéticos dos cartazes de rua, aludiu às limitações que, apesar da sua grande popularidade, a rádio apresenta como divulgadora do filme. Ao referir-se ao anúncio específico (publicidade pelo correio para as pessoas de determinado ramo profissional, informando-as que vai ser exibido um filme que tem por assunto a sua profissão — por exemplo) considerou-o de uma eficiência sedutora insuperável, mas de âmbito necessariamente muito restrito. Quanto aos desfiles e outras iniciativas

de rua congéneres, elas são, disse, quase inexistentes no nosso País, devido ao alto preço que custam e às dificuldades que as autoridades responsáveis normalmente lhes antepõem — pelo que é difícil aquilatar da sua incidência entre o público. Em relação à televisão, afirmou, que, sem embargo da fabulosa audiência que ela conseguiu granjear, a publicidade dos filmes pela TV é, hoje, muito reduzida pelas seguintes razões: publicidade mágica na TV, o que diluiria o impacto da propaganda de cinema eventualmente apresentada na televisão; inexistência de horas certas na TV para exibição de propaganda de espectáculos, ao contrário do que sucede na imprensa (não em relação ao tempo, mas ao espaço) e sem atentar nas repetidas tentativas dos exibidores para o conseguir; e finalmente o preço incomportável que o anúncio TV custa; inviável para os exíguos orçamentos de que a publicidade cinematográfica dispõe no nosso País.

O cinema ao serviço da publicidade

Quanto ao segundo aspecto (a publicidade no cinema) o orador começou por citar números, que são da responsabilidade do Instituto Nacional de Estatística e se referem a 1967: havia então no nosso País, 439 salas de cinema, 84 357 exhibições de filmes por ano e 25 554 000 bilhetes vendidos. Apesar, como disse, da mediocridade relativa destes números em face do que acontece nos outros países da Europa, existe de qualquer forma um número significativo de pessoas, 25 milhões, que vêem cinema, competindo aos anunciantes tentar e conseguir torná-los fervorosos admiradores dos seus produtos. Acentuou, igualmente, que na fracção de portugueses que vai ao cinema (e, especialmente, aquela que vai muito ao cinema) é economicamente a mais interessante e culturalmente a mais sólida, o que encarece a relevância do anúncio nas salas de cinema.

O debate

No animado debate que se seguiu, e em que tomaram parte alguns profissionais de publicidade, familiarizados pois com o tema em discussão, e foram discutidos os problemas equacionados, por vezes com certo calor.

O 35.º Congresso da União das Feiras Internacionais

Proseguiram esta manhã os trabalhos do 35.º Congresso da U. F. I. (União das Feiras Internacionais), que actualmente está a decorrer no Hotel Palácio, no Estoril. Depois de breves alocações dos srs. dñs. Cortez Pinto e Mário Neves, os congressistas começaram por ouvir o relatório do sr. M. Laguens, secretário-geral do Salão de Mobilidade de Paris sobre «Nacionalidade do Expositor».

Foi apresentado seguidamente um estudo do sr. von der Heyde, director da feira Amuga, em Colónia, sobre «A técnica do controle das estatísticas», no qual é salientado que a exactidão das estatísticas é uma questão de prestígio, na medida em que melhor possam desempenhar o seu papel de promoção de negócios, assegurando em consequência a sua válida posição junto dos organizadores de feiras e dos seus expositores. A propósito deste assunto, pronunciou-se ainda o sr. Paul Breton, comissário-geral do Salão Internacional de Artes Domésticas de Paris.

Finalmente, foi exposto um relatório conjunto da autoria dos srs. eng.º E. Patzold, director da Feira Internacional de Hannover, e Kurt Schmeiser, director-geral da Feira de Leipzig, sobre a incidência das grandes comunicações nas manifestações económicas e instituições de amostras. Nesta comunicação faz-se menção ao trabalho metódico dedicado pela U. F. I. ao estudo e observação do desenvolvimento económico internacional na sua influência junto das feiras e salões internacionais.

De tarde, não se realizaram trabalhos, sendo os participantes no congresso recebidos no Castelo de S. Jorge, às 19 horas, pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, As 22 horas, no Teatro S. Carlos, é oferecido pela organização aos congressistas, um espectáculo em que serão ouvidas obras de Sousa Carvalho e Joly Braga Santos e actuará o conjunto Verde-Gaio. Tocará a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Silva Pereira.

REGIONALISMOS E INSTITUIÇÕES REGIONAIS

(Continuação da pág. anterior)

centração e de descentralização do poder político e económico que estão em curso na Europa Ocidental a que pertencemos — não apenas em França e na Grã-Bretanha, mas ainda em outros países como a Itália. Com a publicação do Decreto-Lei n.º 46 909, de 19 de Março de 1966, e a entrada em vigor do III Plano de Fomento, deram-se entre nós os primeiros passos significativos de uma política de desenvolvimento regional que se situam num contexto ainda puramente técnico e burocrático. Previu-se a criação de quatro regiões-plano que, enquanto se aguardam os resultados de estudos complementares, coincidem com grupos de distritos. Está, igualmente, prevista, a criação de «comissões consultivas regionais», como «órgãos de informação e consulta», em cuja constituição «deverão incluir-se representantes distritais e municipais, bem como de serviços regionais dos Ministérios, além de representantes idóneos dos interesses locais, públicos e privados». É isto o essencial do caminho percorrido entre nós.

Muito mais terá certamente que fazer-se, no plano de uma reestruturação das instituições políticas e administrativas, para dar um impulso novo e fecundo à vida das nossas regiões, vencendo apatias e descrenças de muitos anos.

Pode evocar-se a este res-

peito, como exemplo a não seguir, a experiência realizada com a instituição das Províncias, criadas pela reforma administrativa de 1936 e suprimidas em 1959. No seu «Manual de Direito Administrativo» (4.ª edição, 1957) o sr. prof. dr. Marcello Caetano refere a insignificância das atribuições que haviam sido conferidas às Juntas de Província e conclui: «a autarquia provincial, nos moldes em que foi instituída, é simples homenagem a um regionalismo ineficiente».

Por ocasião de uma conferência que pronunciou em Abrantes, durante um colóquio sobre desenvolvimento regional ali realizado em Maio de 1967, voltou o sr. prof. dr. Marcello Caetano a abordar a mesma problemática, ao tratar em especial da participação dos municípios no planeamento económico regional, fazendo-o nos seguintes termos que nos permitimos transcrever do relato dos jornais: «os planos regionais só serão bem sucedidos na medida em que consigam despertar a vida regional. O espírito a alimentar é o de que importa antes de tudo fazer o fomento da região, porque as vantagens para as suas parcelas virão depois por acréscimo. As fórmulas institucionais têm de ser procuradas nesta orientação, a fim de que não suceda à região económica o que sucedeu às províncias: ficarem sendo meras entidades jurídicas, sem projecção social efectiva.»

Neste domínio, como aliás em outros sectores capitais da nossa vida pública, haverá que olhar de frente as realidades. Impõe-se a governantes e a governados tomar consciência das verdadeiras causas que têm levado tantas instituições e organismos a arrastar uma vida meramente formal e burocrática, sem que os interessados lhes insuflam uma existência real através da sua participação efectiva.

Defeito dos homens? Defeito do sistema? Por nossa parte não podemos acreditar que sobre o homem português pese não sabemos que estranha incapacidade congénita que o impossibilita de se transformar em cidadão consciente e participante, quando, no decorrer da nossa vida colectiva, se trata de abrir novos rumos para os destinos da comunidade.

MANUEL BELLO

MAGNÍFICOS ANDARES

AS PORTAS DE LISBOA — ALGÉS

Junto à Praça de Touros e ao mercado, boa vista de mar, 4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, despensa, roupeiros, etc. Acabamentos de 1.ª qualidade. Visite um andar modelo. Temos uma solução para cada cliente.

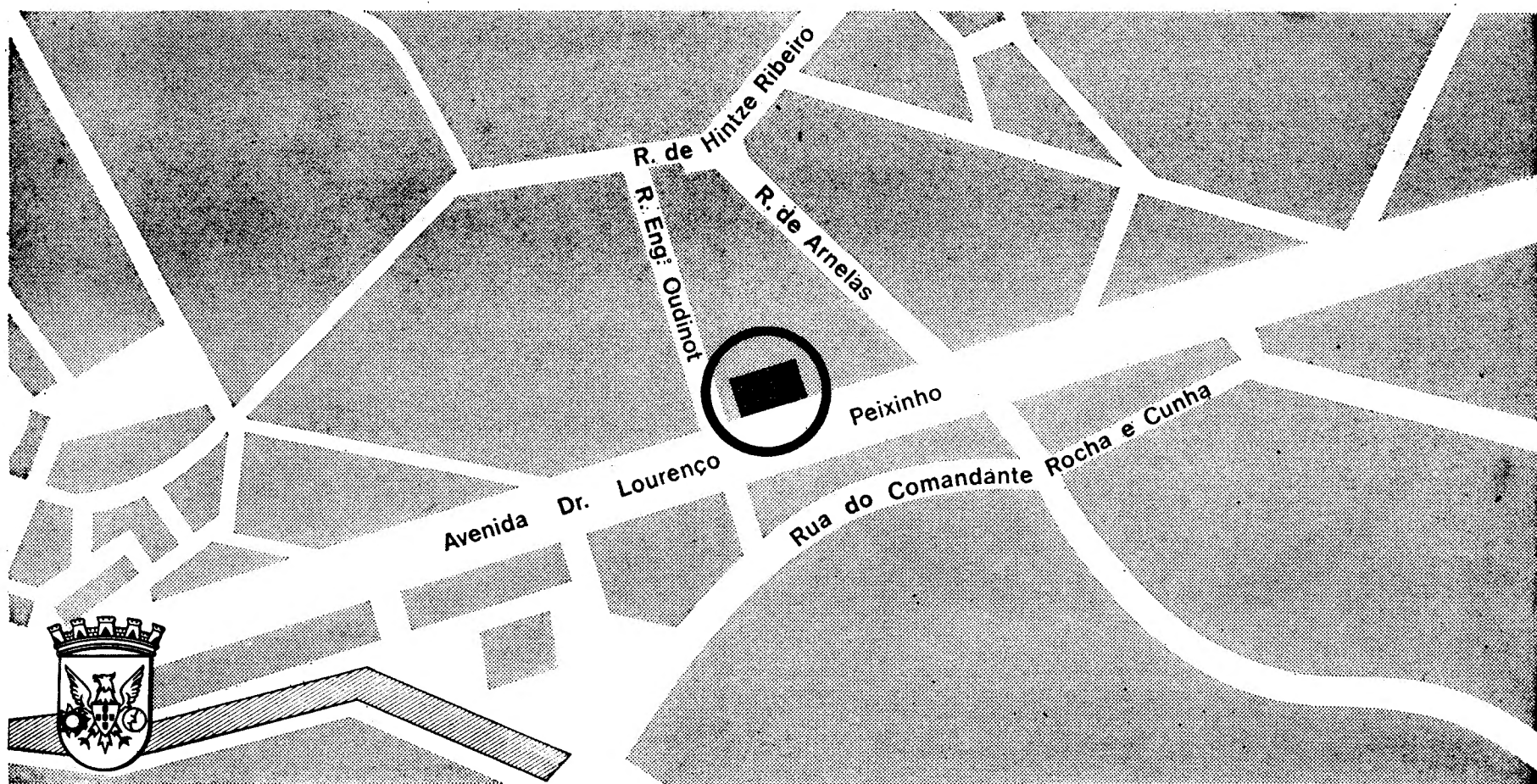
LOTES 90 — 130 — 131

AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES

S. P. O. C. — SOC. PORTUGUESA DE OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA. — Telef. 21 22 88 - 21 31 02



PERTO DE SI PARA LHE PRESTAR MELHORES SERVIÇOS



NOVA AGÊNCIA EM **AVEIRO**

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 151
(Instalações provisórias)

Banco Borges & Irmão

Com toda a comodidade
tem, desde agora,
ao seu dispor os nossos serviços
nesta nova Agência.

Banco Borges & Irmão

FUNDADO EM 1884

LCINEMA
LUMIAR

O MAIS CONFORTÁVEL E ELEGANTE DE LISBOA
AR CONDICIONADO
ESTACIONAMENTO PRIVATIVO

ESTREIA SENSACIONAL

ESTA MAGNÍFICA SALA DE ESPECTÁCULOS ABRE
AS SUAS PORTAS AO PÚBLICO NO DIA 31 DE
OUTUBRO, ÀS 21.30 H., ESTREANDO O GRANDIOSO
FILME

**O REINO
DE BUDA**

AS BILHETEIRAS ESTÃO ABERTAS A PARTIR DO
DIA 28 DE OUTUBRO, NA CALÇADA DE CARRICHE

HENRIQUE SANTANA ESTREIA AMANHÃ NO VARIEDADES A SUA NOVA PEÇA

Uma constatação há que
fazer quando reparamos bem
na actividade desenvolvida
pela companhia Teatro Ale-
gre, ao longo dos anos da
sua existência: é que tem
sido o único agrupamento
onde os originais portu-
gueses dos nossos dias têm apa-
recido com relativa frequên-
cia. Isto explica-se fácilmen-
te, bem entendido, pelo pró-
prio género de repertório
por ela cultivado. Mas a ver-
dade é que, quando fizemos
o balanço dos originais de
comédia ou por ser escritos
nos últimos dez anos no no-
so País, as toparemos com o
nome de Henrique Santana.

sejam quais forem as objec-
ções que se possam pôr a
esses trabalhos. Reunir as-
sim numa só pessoa, os ta-
lentos de autor, actor e às
vezes encenador, constituir
um «palmarés» que o conhe-

(Continua na 8.ª página)

• LISBOA TODA INTEIRINHA
VAI AO • MARIA VITÓRIA

onde todas as noites
às 20.45 e 23 h. — Adultos
uma alegre companhia re-
presenta a revista das mil
gargalhadas

• GRANDE POETA
É O ZÉ!

com
• SALVADOR • VIANA
• MARIEMA
MAX • ANITA • DORA
VIT. MENDES

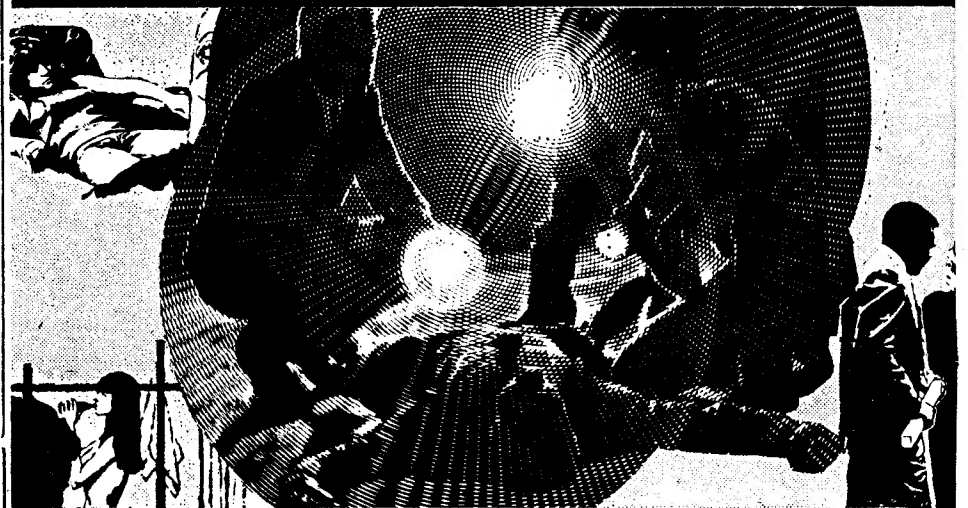
e a formosa atracção
• BRIGITTE ST. JOHN Max e Anita em «Rosa e Alfredo»



ACORDO TOTAL PÚBLICO — CRÍTICA

NA APRECIACÃO DA NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE
NORMAN JEWISON

NO CALOR DA NOITE



com
ROD STEIGER • SIDNEY POITIER

... «NO CALOR DA NOITE» É
UMA PELÍCULA A QUE NÃO
CHAMAREMOS MARAVILHOSA,
EXTRAORDINÁRIA, OU SENSA-
CIONAL, PORQUE, SENDO TU-
DO ISTO, IMPÕE QUE SE DIGA
TRATAR-SE DUMA OBRA RA-
RA...»

C. F. — D.º de Notícias

... «UM FILME OBCECANTE
DE INTERESSE, RITMADO, SEM
ALTERAÇÕES PRENDENDO E
DOMINANDO A ATENÇÃO DA
PLATEIA ATÉ AO ÚLTIMO MO-
MENTO...»

P. da C. — D.º Popular

... «NO CALOR DA NOITE» É
CINEMA ADMIRÁVEL E ESMA-
GADOR...»

A. F. — Capital

... «NO CALOR DA NOITE» É
UM FILME QUE AGARRA INTEI-
RAMENTE O PÚBLICO, O SUBJU-
GA DE PRINCÍPIO A FIM, O
APAIXONA...

... SE NÃO TEM TEMPO DE
JANTAR PARA CHEGAR A TEM-
PO AO CINEMA, NÃO HESITE...
DEIXE DE JANTAR... VALE A
PENHA!

Lauro António — D.º de Lisboa

... «PARA ENTENDER MELHOR
A CHUVA DE «OSCAR» QUE
CAIU SOBRE ESTA PELÍCULA,
HÁ QUE ACEITÁ-LA, DESDE LO-
GO, COMO OBRA QUE OS PRÓ-
PRIOS AMERICANOS FAZEM
COMO SE SE TRATASSE DE EX-
PIACÃO DAS SUAS TERRÍVEIS
CULPAS RACISTAS...»

F. — Século

TAMBÉM COM O INCONDICIONAL APLAUSO DE TODO
O PÚBLICO ENTRA A ESGOTAR LOTAÇÕES EM

4.ª SEMANA **SÃO JORGE**
Adultos

O MAIS COTADO FILME DO ANO!

MELHOR FILME DO ANO!

VENCEDOR DE

5 "OSCARs"

MELHOR ACTOR / MELHOR ARGUMENTO
MELHOR SOM / MELHOR MONTAGEM
ROD STEIGER

Um novo espectáculo **AMANHÃ**
de VASCO MORGADO **ESTREIA NO VARIEDADES**

o amor 68 UMA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA

DESEMPENHO DA
COMPANHIA TEATRO ALEGRE

com
• HENRIQUE SANTANA • IRENE ISIDRO
• COSTINHA • ARTUR SEMEDO • LIA
GAMA • ANABELA

E O ARTISTA CONVIDADO
ADRIANO REYS

encenação de realização plástica de
• MARIA HELENA MATOS • FRANCISCO RELÓGIO

UMA PEÇA
ALEGRE, OUSADA E ATREVIDA!
SÁBADO, 2 SESSÕES ÀS 20,45 e 23 H.
DOMINGO, À TARDE ÀS 16 HORAS
(ADULTOS)



APÓS OS ÉXITOS
DE MADRID E BARCELONA
ESTREIA AMANHÃ

NO

BILHETES
A
VENDAAS CONDICIONADO
**TEATRO
VILLARET**AS
21.45 H.
(ADULTOS)apresentado por
VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO**TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS**

Patrocinado pela Junta de Turismo da Costa do Sol

MIRITA CASIMIRO
MÁRIO PEREIRA

em

**D. QUIXOTE**de YVES JAMIAQUE — Trad. de MÁRIO DELGADO
comCÉU GUERRA ★ RUY DE MATOS
(DULCINEIA) (SANCHO PANÇA)FERNANDA ★ JOÃO ★ ZITA
COIMBRA VASCO DUARTEMARTA ★ ANTÓNIO ★ ELISA
RIBEIRO MARQUES LISBOA

SANTOS MANUEL

«Prémio Revelação 1968»
(D. QUIXOTE)CENÁRIOS E FIGURINOS COREOGRAFIA
JOÃO VIEIRA AGUEDA SENA

DIRECÇÃO DE

CARLOS AVILEZ

«PRÉMIO DE ENCENAÇÃO DE 1968»

ESPECTÁCULO SUBSIDIADO PELA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
e FUNDO DE TEATRO**MONUMENTAL**HOJE — 2 SESSÕES T. 555133
20.45 e 23 H. (Adultos)

VASCO MORGADO apresenta

UMA FABULOSA REVISTA

com

CAMILO — FLORELA

NICOLAU

M.ª ADELINA • OCTAVIO DE

MATOS • YOLA • LINDA

SILVA • MARIA ALVIM

e as atrações

21.ª M.ª TERESA QUINTA

VUM-VUM • UM BAL-
LET INTERNACIONAL

SEMANA

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.



Depois do espectáculo vá ao PORÃO DA NAU (Maiores de 17 anos e frequente «O CONYÊ»)

MONUMENTAL

SÁBADO E DOMINGO À TARDE ÀS 18.30 H.

• PARA MAIORES 4 ANOS •

UMA PEÇA PARA CRIANÇAS

A HISTÓRIA DO PASTORINHO
BEIJA-FLOR**PRIMEIRAS
EXIBI
ÇÕES****• NO IMPÉRIO**Título: PETÚLIA (Petu-
lia).Realizador: Richard Les-
ter, 1968.Interpretes: Julie Chris-
tie, George C. Scott,
Richard Chamberlain,
Shirley Knight, Joseph
Cotten, Arthur Hill,
etc.

PETÚLIA é um filme im-
portante. PETÚLIA é uma
película difícil. PETÚLIA é
uma obra incomoda. Conve-
niente será ter-se em conta
estas três afirmações iniciais
para o desenvolvimento
futuro deste comentário. E ao
espectador que procure a sala
do cinema Império é necessá-
rio igualmente não o esque-
cer. Porque vendo PETÚLIA
não se irá seguramente diver-
tir (ainda que por vezes pos-
sa sorrir lembrando o Les-
ter, já conhecido). Porque em
PETÚLIA não se lhe concederá
qualquer trégua, não se
lhe permitirá o repouso, nem
a sonolência bem instalada.
PETÚLIA é um filme violento,
uma obra profundamente
amarga, desagradável mes-
mo. Mas, por tudo isso (e ain-
da por tudo o que seguidamente
tentaremos expor), PE-
TÚLIA é uma película a não
perder. A não perder, está
visto, por aqueles que pedem
ao cinema mais do que duas
horas de divertimento fácil e
digestivo. A esses, portanto,
estas palavras de alerta.

1. A primeira vista este
novo filme de Richard Les-
ter pouco ou quase nada te-
rá a ver com as anteriores
películas deste cineasta, duas
das quais interpretadas pe-

PETÚLIA — UM FILME IMPORTANTE

los «Beatles» («Os 4 Cabeli-
mos do Após-Calipso» e «So-
corro!»), duas outras que se
inscrevem numa corrente de
sátira burlesca («Um rato em
órbita» e «Roma era assim»),
para além de algumas que
ainda não vimos (comédias
como «The Knack» ou «How
I Won the War»). Da comé-
dia Lester passou a uma his-
tória dramática, romanesca,
sobre que pesa o tom da tra-
gédia. Numa primeira im-
pressão poderá parecer uma
rotação completa. Julgamos,
porém, que mais não é do
que uma nova via para ex-
pressar um mesmo espírito
crítico frente a uma socieda-
de em vias de decomposição
(que Lester havia já asso-
ciado à sociedade romana da
decadência, em «Roma era
assim»), bem assim como um
ataque directo a um ambien-
te social putrefacto, sem reac-
ções, moribundo. Condiciona-
lismo esse que está na base
da contestação da juventude
actual (nela incluindo os
Beatles, únicas figuras posi-
tivas do universo lesteriano).
Só aparentemente este filme
se desvia, portanto, da linha
das anteriores obras do mes-
mo autor.

2. A construção de «Petu-
lia» assenta num caótico
amontoado de seqüências, on-
da tempos e lugares diferen-
tes se inter cruzam, definin-
do um fio de intriga onde
evoluem predominantemente
três personagens: Petúlia
(Julie Christie), um médico,
Archie (George C. Scott) e
David, o marido de Petúlia
(Richard Chamberlain). Eles
constituem os vértices de
uma aventura amorosa a
três. Estamos nos E. U. A.,
São Francisco precisamente.
Petúlia encontra Archie, tem-
pos depois de o conhecer
num hospital para onde fora
conduzido um garoto mexi-
cano atropelado. Archie pre-
para o divórcio da sua anti-
ga mulher — Polo (Shirley
Knight). Do encontro nasceu
a aventura e Petúlia aban-
dona o marido (um construtor
naval desempregado, he-
deiro de uma família riquí-
sima) e muda-se para casa
do médico, onde David a irá
encontrar e espancar violenta-

mente. Levada de urgência
para um hospital, Petúlia dei-
xa, todavia, convencer-se a
regressar a casa, depois da
visita do sogro (Joseph Cotten),
que lhe faz ver alguns
dos inconvenientes da sua
atitude. Archie irá encontrar
Petúlia integrada, de novo,
no ambiente familiar, rodea-
da pelo marido e pelos so-
gros. Passados alguns meses,
ambos se voltarão a encon-
trar, agora nos corredores de
um hospital. Petúlia espera
um filho. Um filho que será,
ainda um filho de Archie, e
pergunta-lhe se ele está dis-
posto a fugir com ela. Para
tanto bastará simplesmente
chamar uma ambulância e
desaparecerem. Archie vai
até junto do telefone, levanta
o auscultador, depois sus-
pende o gesto e desliga. Uma
ambulância seria já impossí-
vel. Nada a fazer. Nenhuma
fuga possível da prisão de
Alcatraz.

3. Esta tentativa de esque-
matização cronológica e con-
seqüente da intriga de «Petu-
lia» deverá entender-se uni-
camente como possível ache-
ga para uma mais fácil com-
preensão da obra em causa,
e nunca como um pretendo
resumo do argumento. «Petu-
lia» não é (muito pelo con-
trário) mais uma história de
amor. Ou a sério, só-lo-la da
mesma maneira que um
«Blow-Up», por exemplo (pe-
lícula com que, aliás, se apa-
renta vagamente, em cons-
trução e, até, alguns dos
seus propósitos). A aventura
amorosa serve de base a uma
exposição mais vasta. O que
está em causa neste último
filme de Richard Lester é a
própria sociedade americana,
nas suas estruturas básicas,
onde a hipocrisia, a violên-
cia e o dinheiro se associam
para atingir posições privi-
legiadas e manter o circuns-
tancialismo social que as
justifica. Nas relações de Pe-
túlia com David seu marido
(para além de um longo flash-
back, que se mistura com a
progressão do tempo presen-
te da acção, no qual se narra
um episódio ocorrido com o
casal e o garoto mexicano,
episódio esse que funciona
como chave para compreen-

são do comportamento futu-
ro da figura de Petúlia), exis-
te indiferença e hostilidade
para além de súbitas explo-
sões de violência. Indiferen-
ça, hostilidade e violência
que se repetem (a outros ní-
veis) nas relações de Archie
com Polo, sua antiga mulher.
Velando pelas boas aparên-
cias do agregado, o pai de
David oferece a garantia da
sua situação económica, pe-
dindo em troca o silêncio e
a quietude nas águas pantan-
osas.

4. «Petúlia» é um filme di-
fícil na construção: uma ex-
posição aparentemente des-
conexa de seqüências, que o
espectador é convidado a or-
denar (um pouco como «Mu-
riel», de Resnais). Ainda, e
de novo, a aparência se reve-
la enganadora. A suposta des-
conexidade da narrativa tem
como consequência directa a
fragmentação da realidade
(donde umas certas analogias
com «Blow-Up») que se apre-
senta compartimentada aos
olhos do espectador, pedindo-
lhe uma adesão racional e
interviente. Planos que se
não ajustam entre si criam
um ambiente de indiferença,
de agressividade latente de
desadaptação, de impossibi-
lidade. «Petúlia» é a história
impossível de um amor em
tempo e terra de violência.
A violência vai, aliás, pautan-
do todo o filme, juntamente
com a doença, quer em ce-
nas de sangue (atropelamen-
to, espancamento), quer em
actualidades de TV (cenas da
guerra no Vietnã), quer em
diálogos igualmente confun-
dentes e mortais. «Petúlia» é,
ainda, a corrosão das pes-
soas pelo aviltamento diá-
rio consentido, em nome

(Continua na pág. seguinte)

ALMOCE E JANTE

NO

CIRCUITO

Av. Casal Ribeiro, 17-A

ESTREIA— AMANHÃ — nos cinemas
ADULTOS — DOPERFILME

NA TELA

Um filme de
GEORGES LAUTNERCOMO «SUSPENSE»
E A VIOLÊNCIA
DOS GRANDES
CLÁSSICOS
POLICIAIS!**A NOITE ESCALDANTE
DO INSPECTOR JOSS**
EASTMANGOLOR

AS 21.45

AS 21.30

ROMA

E

AVIS**JEAN GABIN**

AÔ LADO DE

DANY CARRELcom FELIX MARTEN — JEAN GAVEN
LOUIS SEIGNERUM GRANDE REALIZADOR
E O MAIOR ACTOR DO CINEMA FRANCÊS
NUM FILME DE ALTO NÍVEL

SÓ NO CINEMA ROMA

NO PALCO

ACTUAÇÃO ESPECIAL DO

TRIO ELECTRÓNICO HOHNER

NACIONAL RÁDIO, LDA.

HINZ MARQUART

NO SALÃO «ANGOLA ESPECTACULAR» e «RETRATO DE UMA CIDADE»

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA A CORES DE F. CHAVES

E DO LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO COLORAMA, LDA. (Luanda)



O Chefe do Estado quando passava revista à guarda de honra, acompanhado pelo director do Colégio Militar

O CHEFE DO ESTADO PRESIDIU À ABERTURA DAS AULAS NO COLÉGIO MILITAR

Sob a presidência do Chefe do Estado realizou-se, hoje, ao princípio da tarde, a tradicional cerimónia da abertura solene do ano lectivo do Colégio Militar — o 166.º desde a sua fundação — e que este ano regista uma frequência de 650 alunos.

O batalhão colegial, armado e de grande uniforme, com bandeira e guião, formou no Largo da Luz, para prestar guarda de honra ao sr. Presidente da República, que ali chegou às 15 horas.

Além do director, brigadeiro Reimão Nogueira, e do subdirector do Colégio, coronel Freire Damião, encontra-

vam-se presentes os ministros do Exército e da Marinha, secretário de Estado da Aeronáutica, subsecretários do Exército e da Administração Escolar, chefes do Estado-Maior das Forças Armadas e do Exército, oficiais-generais, outras altas entidades civis e militares, bem como deputações de outros estabelecimentos de ensino, como dos Pupilos do Exército, do Instituto de Odivelas, Academia Militar e Escola Naval.

O sr. almirante Américo Thomaz passou revista à formação de alunos, a cujo desfile depois assistiu.

No interior do Colégio, após ter recebido os cumprimentos dos professores e oficiais ali em serviço, o sr. Presidente da República dirigiu-se para o ginásio, onde se efectuou a sessão solene. Usou da palavra o director do Colégio, que prestou homenagem ao Presidente Salazar e disse que não fora lúdica a confiança de militares e civis quanto ao critério do Chefe do Estado na escolha do seu sucessor.

A nova peça de Henrique Santana

(Continuação da 6.ª página)

do artista evoca com justificado orgulho.

Há tempos, quando findava a anterior temporada, Santana queixava-se justamente da dificuldade que tinha em encontrar originais estrangeiros que servissem bem o género que cultivava. Daí a produzir o «Amor 68» foi um passo.

A nova comédia estreou-se há dias no Porto e ali ficou em rodagem alguns dias. Assim, quiseram a encenadora Helena Matos e os próprios directores da empresa e da companhia preparar bem o início da sua temporada, que se pode marcar para esta noite, no Variedades.

É uma nova caminhada de esperanças para a Companhia Teatro Alegre.

PROSSEGUIU NO PLENÁRIO O JULGAMENTO DO GRUPO ACUSADO DE PERTENCER À F. A. P.

No Tribunal Plenário da Boa Hora prosseguiu, hoje, em segunda audiência, o julgamento dos srs. Rui Lopes Cardoso, Jorge Manuel Galamba Marques, José Manuel Picão de Abreu, Fernando António Brederode Rodrigues dos Santos, António Maria de Sousa Almeida, Alexandre José Alinho Martins de Oliveira e Carlos Alberto Quintas Cardoso Furtado, acusados de pertencerem à F. A. P. e de actividades subversivas contra a segurança do Estado.

Presidiu o desembargador sr. dr. Almeida Moura, que completou o interrogatório dos réus, sendo ouvidos os dois últimos os quais não haviam chegado a ser inquiridos na primeira audiência.

A defesa está entregue aos srs. drs. Joaquim Mestre, António Carqueijeiro, José Paradelo de Oliveira, Guilherme da Palma Carlos, Duarte Vidal e José Lopes de Almeida.

Terminado o interrogatório dos réus

Aberta a audiência, pelas 14 e 50, o tribunal ouviu os réus srs. Alexandre José Alinho Martins de Oliveira e Carlos Alberto Quintas Cardoso Furtado, que ainda não haviam sido inquiridos

na audiência de quinta-feira. Na audiência de hoje, que se deve prolongar até ao fim da tarde, começaram a ser ouvidas as 4 testemunhas de acusação.

As testemunhas de defesa devem começar a ser ouvidas na próxima audiência, a realizar terça-feira à mesma hora.

A ESQUADRA AMERICANA

LARGOU DO TEJO

Largou hoje de Lisboa, ao fim da manhã, a força naval dos E. U. A., que estava no Tejo, em visita não oficial, desde segunda-feira.

A esquadra era constituída pelos navios «Worpe», «Voge», «Koelsch», «Hammerberg», «Cromwell», «Dealey» e «Tench», tripulados por um total de 3638 homens, sob o comando do almirante McClellan.

Ontem, os marinheiros americanos tinham sido recebidos pelo titular da pasta da Marinha, comodoro Manuel Crespo.



D. Alice Ferreira Fernandes, professora primária há 53 anos

HÁ 53 ANOS QUE ENSINA AS PRIMEIRAS LETRAS

Numa sessão solene, começou a ensinar na Escola Camões, tinha 15 anos, «mas era forte, alta, parecia mais velha. Ainda esteve para fazer exame para regente escolar, mas nunca calhou.

Casada, sem filhos, vive com o marido. Hoje a sua casa está cheia de pessoas de família, cunhados, sobrinhos e irmãos que vieram de Setúbal e Beja para se associarem à festa de homenagem. É um dia feliz que coroa os seus 53 anos de dedicação ao ensino.

Primeiras exhibições (Continuação da pág. anterior)

de dois mil anos de cultura ocidental

5. Na interpretação de «Petúlia», um conjunto de actores invulgares: Julie Christie, magnífica e bela, marcada nos seus longos cabelos e no rosto. George C. Scott, admirável de contensão e sobriedade (em completa oposição ao que lhe haviam pedido em «O simpático vigarista» de Kerscher, por exemplo); Richard Chamberlain, um David inquietante e dúbio, que não se chega nunca a revelar na sua complexidade; Shirley Knight, uma presença brilhante na composição de Polo

LAURO ANTÓNIO

— O ensino é o meu único meio de subsistência. Não tenho reforma...

Contou-nos então que seus pais tiveram 13 filhos e, por isso, ficaram todos só com a 4.ª classe.

Sem outra preparação, co-

Pedida ao Supremo Tribunal Militar

a anulação do julgamento do sargento que matou a mulher

No Supremo Tribunal Militar, é julgado hoje o recurso interposto por Anibal Correia de Oliveira — o sargento que matou a mulher e depois a transportou numa mala, lançando o cadáver ao Tejo na ponte de Santarém, como noticiámos — da decisão de primeira instância do 1.º Tribunal Militar Territorial que o condenou a 17 anos de prisão maior.

Preside ao Supremo Tribunal o sr. general Costa Macedo e é promotor o sr. coronel Alberto Enes Brandão, que fala em primeiro lugar, como representante de acusação. Em seguida usa da palavra o defensor do réu, sr. dr. Joaquim Pereira da Costa.

O tribunal de 1.ª instância deu como provado o homicídio com a atenuação geral da provocação. A defesa pretende agora com o recurso, em primeira linha, a anulação do julgamento com base em ambiguidade e deficiência da sentença na parte em que aprecia a matéria de facto; e, em segunda linha, aquele advogado defende a substituição da pena por outra menos grave, pretendendo que a provocação seja qualificada como especial, com a consequente atenuação.

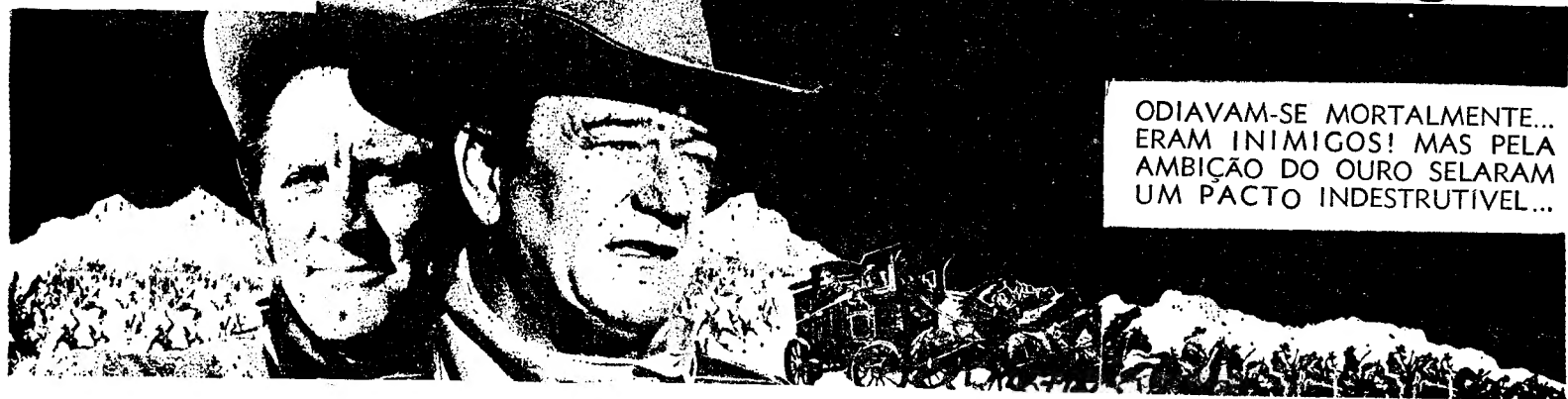
Se o Supremo Tribunal Militar anular o julgamento designará outro Tribunal Militar Territorial a fim de se proceder a um novo.

HERMÍNIA SILVA

Hermínia Silva, que, na Noite do Fado foi felicitada por todos os espectadores, de pé, como previmos ao dar notícia do seu aniversário natalício viu, ontem o Solar com o seu nome, no Largo Trindade Coelho, repleto de admiradores e de «corbeilles», e novamente aclamada após uma série dos seus melhores fados e discursos de vários oradores, que enalteceram o mérito e qualidades de carácter de uma das mais castiças das fadistas.

DOIS HOMENS INVENCÍVEIS!

JOHN WAYNE/KIRK DOUGLAS



ODIAVAM-SE MORTALMENTE...
ERAM INIMIGOS! MAS PELA
AMBIÇÃO DO OURO SELARAM
UM PACTO INDESTRUTÍVEL...

ASSALTO AO CARRO BLINDADO

HOWARD KEEL • ROBERT WALKER • KEENAN WYNN • BRUCE CABOT • JOANNA BARNES

Musica de DIMITRI TIOMKIN • Produção de MARVIN SCHWARTZ • Realização de BURT KENNEDY

Um filme da UNIVERSAL distribuído por SONORO FILME • TECHNICOLOR • PANAVISION • 12 ANOS

AMANHÃ

21.30 21.45
SÃO LUIZ e ALVALADE

M/ 6 ANOS



É VORA

Domingo, 27, às 16.30 horas
GRANDIOSO FESTIVAL TAURINO

6 Toiros Vindas (Manuel e Mário)
CAVALEIROS

DAVID R. TELLES
JOSÉ LUPI

ALFREDO CONDE
o o Rojoneador Espanhol

D. GREGÓRIO MORENO PIDAL

GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE LISBOA
comandados pelo Ex.º Sr. Nuno Salvação Barreto

O pintor Geo Sempels no Casino Estoril

Artista de créditos firmados, o belga Geo Sempels expõe vinte telas, de grandes proporções, no Casino Estoril.

COMUNICADO ESPECIAL DO C. C. F. A. DE ANGOLA

LUANDA, 24 — (A. N. I. e L.) — Foi divulgado ontem o seguinte comunicado especial:

«O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola comunica:

Conforme foi oportunamente divulgado pelos órgãos da Informação, na noite do dia 25 do passado mês de Março ocorreu uma desordem, que foi motivada por ligeira discussão entre alguns elementos das Forças Armadas e depois tomou proporções de certo modo graves. Efectuadas as averiguações foi instaurado e remetido para o competente foro militar o processo crime contra oito intervenientes e aplicadas sanções disciplinares a mais dois militares. Luanda, 22 de Outubro de 1968.»

Estas telas, além do seu incontestável nível artístico, têm a particularidade de terem sido todas pintadas em Portugal, pois Geo Sempels encontra-se entre nós há cinco meses.

Pintor jovem — não atingiu ainda a casa dos cinquenta — faz viver, em interpretações contemporâneas, os grandes mestres flamengos, como Breughel, Van Deyck e Rubens, imprimindo às suas obras o mesmo poderoso vigor e intensa luz. Há, pois, razões de sobra para visitar mais esta exposição de arte promovida pela Estoril-Sol, que assim prossegue numa meritória actividade cultural, em paralelo com a desenvolvida no sector turístico.

A inauguração do certame, que ficará patente ao público durante oito dias, foi assinalada com a presença de um grupo de convidados, recebidos pelo artista e pelo sr. dr. Manuel Teles, administrador da Estoril-Sol.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



O artista junto de alguns dos seus trabalhos

Jornadas Internacionais de Pediatria em Lisboa

Organizadas pela Sociedade Portuguesa de Pediatria, de que é presidente o sr. prof. dr. Nuno Cordeiro Ferreira e secretário-geral a sr. dr.ª D. Maria de Lourdes Levy, vão realizar-se em Lisboa, na Maternidade dr. Alfredo da Costa, nos dias 30 e 31 do corrente, as 7.ªs Jornadas Internacionais de Pediatria, dedicadas a problemas da Hematologia Infantil.

Além dos cientistas portugueses, srs. profs. drs. Arsénio Cordeiro, Ducla Soares, Francisco Parreira, Mário Cordeiro

e Nuno Cordeiro Ferreira e drs. Valadas Preto e Januário de Melo, participam na importante reunião alguns nomes da Hematologia e da Pediatria mundiais, tais como os profs. Mathé, Lamy, Frezal e Seligman, de Paris; Sansone, de Génova; Hitzig, de Zurique; Suarez, de Sevilha; e Sanches de Villares, de Valladolid.

As inscrições podem ser feitas por escrito, dirigidas à Clínica Pediátrica Universitária — Piso 7, Hospital de Santa Maria.

Os bons samaritanos e as multas no Bairro Alto

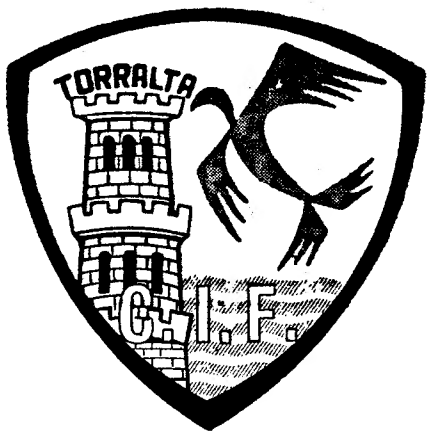
Há gente prestimosa, sempre pronta a auxiliar o próximo, mas é pena que esse auxílio constitua, depois, prejuízo para os outros. Estão neste caso os bons samaritanos do Bairro Alto que, á minino dificuldade de trânsito experimentada pelos camiónes através das ruelas estreitas, levantam em peso os veículos que lá estacionam (devidamente autorizados entenda-se) e os colocam sobre o passeio. Depois de cumprida a sua boa acção do dia, deixam o veículo em transgressão, sobre o passeio e vão á vidinha sem se preocuparem com prejuízos de condutores e de peões.

Ora acontece que, posteriormente, passa por lá a Polícia e multa, por transgressão os condutores que não infringiram a lei. Para não pagarem a multa injusta os condutores perdem, pelo menos, muito tempo, isto se tiverem a sorte de encontrar testemunhas que corroborem a verdade dos factos. De qualquer forma, ninguém poderá indemnizá-los das maciças e do tempo que tam-

bém fazem perder ás testemunhas. Por vezes, estas têm de ser compensadas pelas horas perdidas. No fundo, talvez se preferisse pagar a multa, não fora o facto de ela ficar registada no cadastro do condutor e a sua acumulação contar sempre em desabono daquele. E, numa cidade de trânsito indisciplinado como Lisboa (exactamente porque além de outras causas se procura orientá-lo ao nível da capacidade dos meios) ninguém está livre de ser apanhado em inevitáveis transgressões.

O Bairro Alto desempenha, na cidade, um papel importantíssimo como parque de estacionamento livre. Exactamente porque as ruas são estreitas e o trânsito diminuído, quase todas elas têm sentido único, podendo, portanto, estacionar-se. Mesmo os grandes camiónes, com as devidas cautelas, conseguem lá passar.

Acontece, porém, que alguns motoristas ou não têm a necessária perícia ou não estão para magar-se. Daí recorrerem aos tais bons samaritanos. Ainda se estes, depois da boa acção, voltassem a repor os carros nos seus lugares, tudo estaria certo. Do modo como procedem é que não.



EXPERIMENTE ANTES DE COMPRAR

Utilizando as óptimas instalações de **TORRALTA** — CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S. A. R. L. na **Praia do Alvor**, ficará conhecendo um dos melhores empreendimentos turístico do Algarve.

Se gostar, poderá fazer um magnífico investimento

TORRALTA oferece-lhe **2** modalidades para aplicação do seu capital:

- 1** — Adquirindo **APARTAMENTOS** a partir de 230.000\$00 a 990.000\$00, com a garantia de 8% de rendimento ao capital investido.
- 2** — Comprando **TÍTULOS DE FÉRIAS** (25 acções) — mínimo 28 contos — receberá um grande rendimento anual e tornar-se-á co-proprietário do mais atraente empreendimento turístico do País.

INFORMAÇÕES: Lisboa — Av.ª Duque de Loulé, 66-A (telef: 54479-51748)
Algarve — Praia de Alvor (telef: 428 — Portimão)
Hotel Golphino — Praia D. Ana (telef: 302 — Lagos)
Porto — R. St.ª Catarina, 759 (telef: 36915)

Actualidade internacional

Prevêem-se «perturbações»

na auto-estrada

para Berlim-Oeste

HAMBURGO, 24 — (R.) — O burgomestre adjunto de Berlim-Oeste, Kurt Neubauer, afirmou a noite passada nesta cidade que se esperavam no princípio do próximo mês perturbações por parte das autoridades alemãs orientais no trânsito na auto-estrada para Berlim Ocidental.

Neubauer disse num discurso que uma interferência com o trânsito para e de Berlim-Oeste era provável durante o congresso do Partido Cristão-Democrático que se realiza naquela cidade, em princípios de Novembro.

«A própria União Soviética pouco fará mas dará às autoridades alemãs orientais luz verde» — acrescentou o burgomestre adjunto.

A Alemanha Oriental e a União Soviética avisaram que elas e outros países socialistas não podem tolerar o congresso do partido em Berlim-Oeste, que consideram uma entidade política inde-

pendente das autoridades alemãs ocidentais.

Anteontem, foi anunciado que a U. R. S. S. prevenira directamente os três aliados ocidentais em Berlim-Oeste de que não deviam permitir o congresso — o primeiro que se realiza naquela cidade desde 1952.

RESPOSTA PROVISÓRIA

SALISBURY, 24. — (F. P.) — A resposta rodesiana às propostas britânicas do «Fearless», é apenas provisória — declararam de fonte idónea, nesta cidade, acrescentando que o documento, de página e meia, tem por fim provocar nova visita de George Thomson, o negociador britânico, a Salisbury. Mais do que dar respostas, faz perguntas.

Ian Smith, o primeiro-ministro rodesiano, está interessado em não fechar a porta a novas discussões, e pensa-se que reunirá novo conselho dos ministros ainda esta semana, para elaborar contra-propostas circunstanciadas. Ontem, o primeiro-ministro convocou o conselho dos 25 chefes tribais, em Salisbury, para os informar dos resultados das negociações sobre a independência. Crê-se que na mesma ocasião declarou que Harold Wilson se recusava a aceitar que eles fossem os verdadeiros dirigentes dos 4 500 000 africanos da Rodésia.

O primeiro-ministro da Rodésia teria afirmado, igualmente, aos seus interlocutores que tentara levar os britânicos a admitir as posições dos chefes tribais, e pediu-lhes que discutissem a sua atitude relativamente às propostas de Londres.

Governo de maioria para a Rodésia pedido na O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 24 — (R.) — Um grande grupo de membros da O. N. U. apresentou a noite passada uma resolução formal pedindo à Grã-Bretanha que negue a independência à Rodésia, até um Governo de maioria ser estabelecido na colónia, por meio de eleições com base no sufrágio universal.

O grupo apresentou a moção de emergência perante a Comissão de Curadorias de 125 nações da Assembleia Geral, após a Tanzânia afirmar que o Governo britânico estava prestes a «legalizar» o regime minoritário branco do primeiro-ministro rodesiano Ian Smith.

O delegado britânico, Evan Luard, assegurou a comissão que não haveria qualquer enfraquecimento de atitude quanto à Rodésia.

Disse ainda que não havia razão para a comissão agir com tanta rapidez e urgência dramáticas.

Era ainda intenção «solene» do Governo britânico de que qualquer solução devia prevenir o fim do regime ilegal e ser aceitável pelo povo rodesiano no seu conjunto — acrescentou Luard.

A moção, apresentada como uma medida provisória enquanto se aguarda nova acção sobre a Rodésia por parte da comissão, foi redigida por delegados, durante um

intervalo de hora e meia solicitado pela Tanzânia.

Nas suas secções operativas a proposta faria com que:

1 — A Assembleia pedisse ao Governo britânico «para não conceder independência à Rodésia do Sul a não ser que ela fosse precedida pelo estabelecimento de um Governo com base em eleições livres, por meio de sufrágio universal entre adultos e em Governo de maioria».

2 — «Todos os estados não reconhecessem qualquer independência da Rodésia do Sul

sem o estabelecimento prévio de um Governo baseado na maioria».

DIA DA O. N. U.

A proposta não foi posta imediatamente à votação.

O presidente, Patrick Solomon, da Trindade-Tobago, disse que a votação se realizaria amanhã e que a comissão adiaria os seus trabalhos até sexta-feira, às 14 e 30.

Hoje é o dia das Nações Unidas e pouco se fez na organização mundial.

Mais dois mortos em incidentes no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 23 — (F. P.) — Morreram duas pessoas e ficaram feridas várias, algumas delas gravemente, durante as manifestações que assinalaram o funeral de um jovem estudan-

Apesar de tudo, grupos de estudantes conseguiram alcançar o edifício do jornal «O Globo», diário conservador o qual afirmara que «os movimentos estudantis do Brasil são comandados por agitadores subversivos». Os manifestantes partiram a pedrada os vidros do edifício.

O grau de violência atingido ontem preocupa seriamente as autoridades. De todos os lados se lançam apelos à razão e a grande imprensa pede às autoridades que deem provas de mais pulso para assegurar a ordem, custe o que custar. Parecem dominados pelo medo os sectores mais diversos da opinião pública, a qual entende que é preciso achar de qualquer modo uma solução para sustentar o crescendo de violência e evitar o pior.



A artista brasileira Vânia Orico, que foi presa, ontem no Rio de Janeiro, durante novos incidentes

Soldados russos acolhidos como heróis

MOSCOVO, 24. — (R.) — Um coronel do Exército vermelho escreve hoje que as tropas soviéticas que estão a regressar da Checoslováquia recebem na União Soviética um acolhimento de heróis.

Um artigo publicado no jornal das Forças Armadas «Estrela Vermelha» e assinado pelo coronel Bryukhanov é a primeira confirmação oficial de notícias vindas de Praga, segundo as quais teria já começado a retirada das forças de ocupação.

Um tratado russo-checoslovaco assinado, há dias, em Praga prevê a retirada gradual do grosso das tropas do Pacto de Varsóvia que invadiram a Checoslováquia.

PEDIDA A ANULAÇÃO DA NACIONALIDADE ARGENTINA DO GREGO ONASSIS

BUENOS AIRES, 24 — (R.) — O magnate grego Aristóteles Onassis arriscase a perder a sua nacionalidade argentina em virtude do descontentamento provocado nos meios católicos pelo seu casamento com Jacqueline Kennedy.

O Ministério Público pediu ontem a um tribunal civil que anulasse a cidadania argentina de Onassis — concedida em 1929 — uma vez que ele não vive na Argentina.

O delegado do Ministério Público invocou um decreto de 1943 segundo o qual é causa suficiente para retirar a cidadania o facto de um naturalizado argentino se ausentar do país durante mais de dois anos sem dar qualquer indicação de que pretende estabelecer residência na Argentina.

A atitude da Argentina surgiu pouco depois de fontes afectas ao Vaticano terem reafirmado que o casamento da sr.^a Kennedy no domingo passado foi uma infracção à lei católica.

Aquelas fontes recusaram-se a comentar a afirmação do cardeal de Boston de que só dizem disparates os que atacam a viúva do presidente Kennedy, ao mesmo tempo que continuam a manifestar a opinião de que o divórcio de Onassis e da sua primeira mulher constitui um obstáculo insuperável para o reconhecimento pela Igreja do recente casamento.

«MUITO FELIZ»

ATENAS, 24 — (R.) — Aristóteles Onassis interrompeu hoje a sua lua-de-mel na ilha de Skorpios para vir à capital grega assinar com o Governo um contrato de investimentos no valor de 11 900 000 contos.

Onassis chegou sozinho ao aeroporto de Atenas e declarou que se sentia «muito feliz» com o seu casamento e que «estava a passar uns dias muito agradáveis em Skorpios».

Assim que chegou ao aeroporto, Onassis instalou-se num gabinete onde conferenciou com outros homens de negócios e com representantes do Ministério da Coordenação.

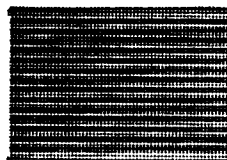
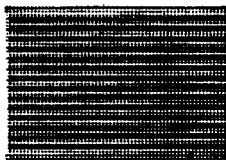
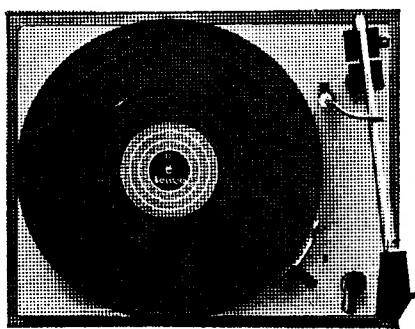
Willy Brandt no Uruguai

MONTEVIDEO, 24 — (A. N. I.) — Para conferenciar com o seu colega uruguaio, Venancio Flores, chegou a Montevideo o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt.

Nas conversações são focados problemas económicos, nomeadamente a forma de melhorar o «déficit» comercial do Uruguai com a República Federal, a utilização pacífica da energia atómica e o tratado de não-proliferação nuclear, que o Uruguai já assinou.

Willy Brandt foi recebido pelo presidente Jorge Pacheco Areco, que aceitou o convite do presidente Luebbe para visitar oficialmente a Alemanha Ocidental no próximo ano.

O ministro alemão segue para o Rio de Janeiro, de onde parte para Lisboa, no regresso à Europa, no dia 26.



LENCO LAB-52

SABE QUE PODE COMPRAR UMA CADEIA DE ALTA FIDELIDADE ESTEREOFONICA POR UM PREÇO ACESSÍVEL ?

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS

PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.



Saigão vai libertar 140 prisioneiros

SAIGÃO, 24 — (F. P.) — Anuncia um informador do Ministério da Defesa que o Governo sul-vietnamiano decidiu restituir à liberdade 140 prisioneiros de guerra, muito provavelmente ainda este mês.

Este grupo de prisioneiros compreendia «vietcongs» e norte-vietnamianos. O mesmo informador declarou ignorar se os segudos seriam reconduzidos ao seu país.

O gesto de agora verifica-se três dias depois da entrega de 14 soldados norte-vietnamianos, aprisionados pelas tropas americanas, que foram desembarcadas no Vietnã do Norte, a quando de um cessar-fogo local decidido em negociações que se efectuaram em Vientiane, onde tinham começado em Agosto.

Optimismo em Washington onde se espera a resposta de Hanói

WASHINGTON, 24 — (F. P.) — O Governo norte-americano, que continua a esperar numa atmosfera febril, a resposta de Hanói às últimas propostas secre-

tas de Washington redefinindo as condições de uma suspensão total dos bombardeamentos do Vietnã do Norte, continua a manifestar optimismo prudente.

Embora os informadores observem silêncio absoluto, nos meios oficiais começa a fazer-se discretamente alguma luz sobre as negociações secretas entre Washington e Hanói. Indica-se, em termos vagos, que o presidente Johnson submeteu aos dirigentes norte-vietnamianos um autêntico «package deal», uma espécie de compromisso global em cujos termos os bombardeamentos serão totalmente suspensos se o Vietnã do Norte garantir que não tirará vantagem militar da situação e aceitar participar imediatamente em negociações de paz com os Estados Unidos e o Governo de Saigão.

Outra hipótese admitida nos meios competentes, relativamente ao silêncio prolongado de Hanói, é que existe ali desacordo entre «pombas» e «falcões». Por este motivo os conselheiros do presidente Johnson recusam-se a considerar como rejeição da proposta americana a declaração negativa da Frente Nacional de Libertação difundida na terça-feira por rádio Hanói. Pensam que reflecte antes certo nervosismo por parte da F. N. L., que procuraria comprometer um acordo americano-norte-vietnamiano que

não tenha suficientemente em conta as suas aspirações.

O papel da F. N. L. numa negociação de paz suscita, aliás, sérios problemas no campo dos aliados, que ainda não parecem estar resolvidos. Estes problemas devem ter figurado na ordem do dia das conversações efectuadas ontem em Saigão entre o presidente Thieu e o embaixador dos Estados Unidos, Ellsworth Bunker.

Resta, entretanto, chegar a acordo sobre um ponto capital: ir-se-á negociar a três ou quatro, com ou sem a F. N. L.?

Estará o presidente John-

son disposto a passar por cima das objecções do seu aliado do sul-vietnamiano se o presidente Thieu mantiver que os representantes da F. N. L. só poderão sentar-se à volta do pano verde na qualidade de membros da delegação norte-vietnamiana?

A Casa Branca e o departamento de Estado fecham-se em mutismo total, talvez porque não dispõem ainda dos elementos que deveriam permitir ao presidente Johnson celebrar esta semana a conferência com a imprensa anunciada pelo seu informador e que talvez ponha termo a um «suspense» que já tem oito dias.

Abatidos três aviões israelitas — anuncia-se no Cairo

CAIRO, 24 — (A. N. I.) — Foram três os caças a jacto israelitas «Mirage» que a Força Aérea egípcia derrubou durante a batalha aérea ontem travada — anuncia o alto comando egípcio.

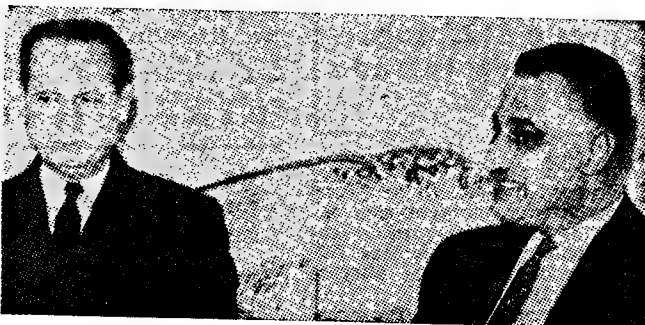
Depois de uma «avaliação mais cuidadosa», o alto comando corrigiu as suas iniciais declarações, segundo as quais tinham sido abatidos dois caças israelitas e fora atingido o terceiro. Um dos pilotos israelitas saltou de pára-quedas e foi cair na margem egípcia do canal.

Há também informações de que outro aparelho «Mirage» foi atingido perto de Ismailia, no Canal de Suez.

ISRAEL DESMENTE

As Forças Aéreas egípcias não sofreram perdas e todos os seus aparelhos regressaram a salvo às suas bases — segundo o comunicado do alto comando egípcio.

A Rádio «Voz de Israel» desmentiu as notícias provenientes do Cairo de que os seus aviões tinham sido abatidos e afirmou que os «jactos» israelitas se limitaram a interceptar dois aviões egípcios, que tinham tentado pe-



Gunnar Jarring (à esquerda), o diplomata sueco escolhido por U Thant para servir de mediador no conflito do Médio Oriente, conferenciou há dias com Nasser, no Cairo

netrar no espaço aéreo de Israel, sobre o Sinai, perto de Ismailia, obrigando-os a fugir.

Na notícia da Rádio israelita afirma-se que todos os aparelhos regressaram às suas bases.

CEPTICISMO

LONDRES, 24 — (A. N. I.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Abba Eban, manifestou em Londres, antes de partir para Jerusalém, o seu cepticismo em relação às notícias de que os

russos tentariam forçar o Canal de Suez.

«Penso que a U. R. S. S. não fará qualquer diligência nesse sentido enquanto houver ali a presença de uma força internacional.

«Antes de partir para Londres, conferenciou com o secretário do presidente Johnson e tenho a certeza de que ele me teria informado, se qualquer movimento dessa natureza fosse conhecido em Washington» — declarou Abba Eban.

QUATRO SABOTADORES ÁRABES MORTOS

TEL-AVIV, 24 — (F. P.) — Quatro sabotadores árabes foram ontem à noite mortos por uma patrulha israelita, tendo um quinto sido capturado. Segundo um informador israelita, os sabotadores «infiltraram-se» na região de Um Sidra, no vale do Jordão. Não se registaram baixas do lado israelita.

Anuncia-se também que terroristas árabes abriram ontem à tarde fogo contra um camião militar israelita com armas automáticas e uma bazuca, no bairro sul de Gaza, ao longo da estrada que conduz a Dir El Balach. Além disso, lançaram granadas que feriram dois soldados israelitas e danificaram o veículo. O sector foi cercado por tropas israelitas que procuram os terroristas.

tância — baseado na convenção da lei marítima de Genebra de 1958 — não constitui uma lei, sendo apenas aplicável se houver acordo.

O professor sublinhou que a Holanda e a Dinamarca já estavam a garantir concessões para a exploração de petróleo e gás na área em disputa, muito embora tivessem conhecimento de que a Alemanha Ocidental pretendia uma porção para além dos cinquenta quilómetros limites de «equidistância».

O prof. Jaenicke lembrou que outras nações, como a França, a Pérsia, a Jugoslávia e a Venezuela, tinham também levantado objecções ao método da «equidistância» para certas áreas costeiras.

O jurista alemão rejeitou as acusações das outras duas nações, segundo as quais a República Federal pretendia uma área da plataforma do Mar do Norte à custa do sacrifício dos outros.

A República Federal não reconhece a actual divisão no mar do Norte

HAIA, 24 — (A. N. I.) — A Alemanha Ocidental afirmou, no Tribunal Internacional de Justiça, na Haia, que não se sentia obrigada a reconhecer a actual divisão da plataforma continental do mar do Norte e pediu uma porção equitativa da área potencialmente rica em petróleo e gás natural.

O prof. G. Jaenicke, perito de Frankfurt, delineou aquele «moderado» pedido perante os sete juízes internacionais, no primeiro dia do debate sobre a disputa da Alemanha Ocidental com a Dinamarca e a Holanda, seus vizinhos.

Apontando um gigantesco mapa colocado numa parede da sala de sessões do Palácio da Paz, o prof. Jaenicke afirmou que a actual divisão da plataforma continental do mar do Norte criaria um desequilíbrio.

O chamado método da «equidistância» para fixação da partilha de plataformas ao longo de linhas de curta dis-

Em perspectiva a cessação dos bombardeamentos

WASHINGTON, 24 — (R.) — Novos boatos de um próximo acordo, a seguir à última sondagem de paz no Vietnã feita pelo presidente Johnson, circulavam hoje nesta capital, a despeito de tentativas da Casa Branca para os desmentir.

Johnson realizou ontem, segundo foi anunciado de fonte fidedigna, conversações sobre o Vietnã com os seus principais conselheiros governamentais e militares.

Contudo, o informador presidencial George Christian recusou-se a confirmar que se efectuara a conferência entre Johnson e o secretário de Estado, Dean Rusk; o secretário da Defesa, Clark Clifford, e o presidente da comissão conjunta de chefes de Estado-Maior, general Earle Wheeler.

Antes o informador norte-vietnamiano em Paris, Nguyen Thanh Le, foi mais longe do que nunca no sentido de satisfazer o requisito americano de que uma suspensão dos bombardeamentos contra o Vietnã do Norte faça progredir as negociações, que duram há cinco meses.

«Se os Estados Unidos suspenderem os bombardeamen-

tos haverá imediatamente algo de novo», declarou Thanh Le aos jornalistas.

A Casa Branca teve de defender durante todo o dia uma barragem de inquirições acerca de rumores de uma dramática comunicação presidencial pela Televisão e de que outras medidas estavam prestes a ser reveladas.

Muitos observadores julgaram que essas respostas indirectas são uma manobra de indiferença deliberada, deixando a porta aberta a medidas que podem conduzir a uma suspensão total dos bombardeamentos.

Por outro lado, a comunicação prévia do presidente Johnson de que esperava realizar, esta semana, uma conferência de imprensa, recusando-se, no entanto, a fornecer uma data para ela, foi considerada como invulgar.

AVIÃO DESVIADO PARA CUBA

MIAMI, 24. — (R.) — Um monomotor «Cessna 177», e o seu piloto foram obrigados ontem, a seguir para Cuba, pelo único passageiro do avião.

O passageiro foi identificado pelo F. B. I. como sendo William Barkley Truitt, de Key West (Florida) fotógrafo profissional. O monomotor aterrou em Havana às 18 e 56 horas (T.M.G.).

O piloto, identificado como Charles Oliveros, comunicou pela Rádio que o assaltante não estava a usar uma pistola, mas algo mais prejudicial.

A mulher de Truitt disse que não sabia de qualquer razão para o assalto. O voo destinava-se a uma missão fotográfica sobre as ilhas Tortugas. Truitt levou no avião bastante equipamento fotográfico.

Truitt, a mulher e três filhos vivem numa tenda de campanha em Key West.

Melhora a posição de Humphrey

NOVA YORK, 24. — (A.N.I.) — Usando a tática «façam-lhes a vida num inferno» de Harry Truman, Hubert Humphrey está a melhorar rapidamente a sua posição entre os eleitores de Nova York — escreve o «Daily News» de Nova York, acrescentando: «Segundo os resultados das últimas sondagens a vantagem de Richard Nixon sobre Humphrey é agora apenas de dois por cento».

VAUXHALL
VIVA

STANDARD • DE LUXE • SL/90
ESTATECAR • GT

EXPOSIÇÃO E VENDA

TECNICAR

— RUA D. ESTEFÂNIA, 84-A — TEL. 53 00 32 — LISBOA



VENDEDORES AMBULANTES TROCARAM AS CARRINHAS POR UM NOVO MERCADO

A Câmara Municipal pretende um armistício negociado com os vendedores ambulantes, mas continuará a solicitar o auxílio das autoridades policiais se estes persistirem em actuar nas zonas onde forem instalados novos mercados.

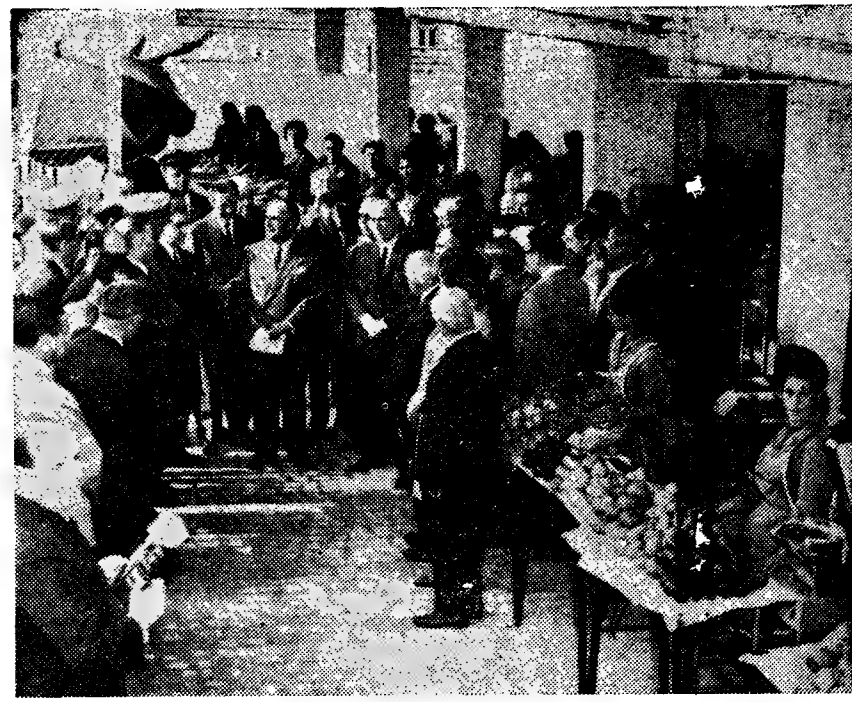
O presidente da Câmara Municipal inaugurou, esta manhã, um mercado na Rua Freitas Gául, para servir a zona dos Prazeres, sendo as 53 bancas de venda integralmente ocupadas por outros tantos vendedores ambulantes, todos quantos um inquérito conduzido pelo Município apurou serem os que actuavam na zona.

O general França Borges explicou às individualidades presentes entre os quais se contavam os seus mais directos colaboradores, representantes de diversos departamentos do Ministério da Economia e do Sindicato dos Veterinários, que do comandante da P. S. P. de Lisboa, que se encontrava a seu lado, seria solicitada uma intervenção, tendente a evitar o vazio criado pelo desaparecimento das ruas dos actuais

ocupantes do mercado fosse ocupado por outros.

— Só podíamos tomar uma de duas atitudes — prosseguiu o general França Borges. — Permitir a existência de ambulantes, pactuando com um sistema antiquado da vida citadina, que envolve uma repressão por vezes anti-social e anti-humanitária, ou dar-lhes condições de continuarem a desenvolver sem atropelos nem desordem a sua actividade, em mercados construídos pela Câmara.

O presidente da Câmara



O general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, proferiu algumas palavras no novo Mercado dos Prazeres

conservar, em boas condições higiénicas, os produtos que, normalmente, sobram da venda diária, o mais delicado problema do circuito comercial. Dispõe, como apoio indispensável, de um pavilhão em alvenaria, onde se encontram devidamente divididos, o gabinete do médico-veterinário e da fiscalização, a recepção, preparação e

armazenagem de produtos, um pequeno matadouro para criação e os respectivos vestiários e sanitários tanto para o pessoal municipal como para os utilizantes do mercado.

Nota original: Há, também, uma balança onde os fregueses podem controlar o peso dos géneros adquiridos. Esta cerimónia integrou-se

na série de comemorações do 821.º aniversário de Lisboa aos M. Ao princípio o general França Borges, também, falou na Rua Augusta, visitando obras de construção para a arte em curso no Parque.

O MINISTRO

DA SAÚDE

NO HOSPITAL

DE S. JOSÉ

O ministro da Saúde, sr. Lopo Cancele de Abreu, visitou esta manhã, no Hospital de S. José, os Serviços de Traumatologia e as obras da antiga Maternidade Magalhães Coutinho, que estão a sofrer remodelações para passar a ser hospital daquele primeira especialidade.

O titular da pasta da Saúde foi recebido e acompanhado pelo enfermeiro-mor dr. Carlos George e pelo administrador-geral dos mesmos Hospitais, dr. Lima das Neves.

num. breve improviso que antecedeu a visita às novas instalações, revelou que ascende a 400 o número de ambulantes instalados nas 869 lojas dos mercados abertos desde 1961.

O Mercado dos Prazeres, cuja inauguração foi seguida de longe com palmas e vivas por algumas centenas de modestas donas de casa (havia cochas e tapetes nas janelas) é uma instalação simples, construída no único terreno disponível no local, que permite

Esquadrão 252-Guiné

Os elementos do Esquadrão 252 (Guiné) levaram hoje a efeito uma jornada de confraternização, que decorreu animada (e dorida) pelas recordações de uma acção conjunta.

COMEÇO DOS TRABALHOS DA XVI CONFERÊNCIA DOS ESTADOS-MAIORES PENINSULARES

Iniciaram-se, hoje, no quartel-general do Governo Militar de Lisboa, em S. Sebastião da Pedreira, os trabalhos da XVI Conferência dos Estados-Maiores Peninsulares, para o que chegou ontem, à nossa capital a delegação espanhola, chefiada pelo general D. Julio Salvador Diaz Benjumea, 2.º chefe do Alto Estado-Maior Espanhol, e constituída por vinte elementos do Estado-Maior do Exército de Espanha.

Pelas 10 horas, efectuou-se a sessão plenária de abertura,

durante a qual foi elaborada a agenda dos trabalhos a realizar e começou o debate dos assuntos na mesma insígnia.

Terminados os trabalhos, seguiu-se uma visita ao titular da pasta da Marinha.

De tarde, os presidentes das delegações portuguesa e espanhola, respectivamente os srs. contra-almirante Laurindo dos Santos e general Julio Salvador Diaz Benjumea, avistaram-se com o ministro da Defesa Nacional.

Exige uma revisão o regime dos seminários da Faculdade de Ciências

Um despacho do ministro da Educação, do passado dia 12 de Setembro, regulamentou os seminários das Faculdades de Ciências. Segundo o artigo primeiro do referido diploma, os seminários têm por missão fundamental «desenvolver nos alunos qualidades de iniciativa para o trabalho individual e o gosto pela investigação científica nos que para ela revelam aptidões». O seminário consta de um trabalho a executar por cada aluno do último ano do curso (o 5.º portanto), qualquer que este seja, indicado e orientado pelo supervisor e aprovado pela respectiva comissão do seminário. O supervisor deverá ser um professor catedrático, um professor extraordinário ou um primeiro-assistente, salvo os casos de autorização ministerial específica.

Terminado o trabalho do seminário, os alunos apresentarão o respectivo relatório. A classificação do seminário é, por sua vez, votada por um júri constituído por todos os membros da comissão e supervisores do seminário. Porém, não o será antes de o seminarista ter defendido, perante a comissão, as conclusões do relatório estando obrigatoriamente entre os arguentes o supervisor que orientou o seminário que se pretende discutir.

Merece encômios a instituição deste novo instituto, criado pela reforma de 1964 e só agora regulamentado, á semelhança aliás do que acontecia já em outras escolas superiores. Contudo, um aspecto da sua estrutura tem merecido reparos entre os interessados, e exige, talvez, uma revisão parcial do novo regime. Trata-se do estipulado no parágrafo único do artigo um do despacho, onde se diz que «só podem inscrever-se nos seminários os alunos que tenham completado o 4.º ano da respectiva licenciatura». Esta prescrição origina que os alunos que transitam para o último ano do curso com uma ou duas cadeiras atrasadas, vejam gorada a expectativa de se formarem no ano seguinte. Tal perspectiva frustra as vantagens que a lei pensou criar para os estudantes ao permitir que passem de ano com duas cadeiras em atraso — de facto, do 4.º para o 5.º ano, a partir de agora, «chumba» quem não tiver feito todas as cadeiras do 4.º ano. O problema torna-se particularmente grave em relação aos alunos que se matricularam este ano lectivo no 5.º ano, sem terem completado o 4.º, os quais se vêem inopinadamente com o fim do curso protelado por mais um ano. Nem se diga que podiam ter superado es-

sa dificuldade. Mas na época, pois havia quem xado três cadeiras (ou quatro) com de se submeter a Outubro e passava ano.

É verdade que o aluno não tem a aprovação em todas as cadeiras fundamentais para a inscrição no seminário. Mas as constantes do 4.º ano perfundam em faculdade em causa. Não foi aprovada a cadeira de estatística, entre as quais, algumas são importantes, o que não a lei de determinação pode efectuar o seminário. Esta é uma boa medida, pois se não for aprovada a cadeira de estatística, não se pode inscrever no seminário. Esta é uma boa medida, pois se não for aprovada a cadeira de estatística, não se pode inscrever no seminário.

CENTRALIZA

DA VENDA

DE TELHA E

Com vista á melhoria do sistema de venda de produtos de barro vermelho e tijolo, reuniram-se os gerentes das Indústrias de Cerâmica — tendo-se procedido ao regulamento de distribuição de produtos.

CHOCOLATES

BARREIRO LISBOA

Novo CASINO ESTORIL

apresenta

BENTYBER DANCERS

COM CLAUDETTE WALKER e LINDSAY BOLAN

LES TRIPLÉES

VEJETAS DA CANÇÃO FRANCESA

MARIA VALEJO

DRAKON

LOS SANTOS

COM **FRANCE CARROLL**

OS "SHEIKS"

JORGE COSTA PINTO

E SUA ORQUESTRA

No Cinema às 17 e 21.30 h.

O Último Comboio do Katanga

(M/ 17 anos)

Joalharia Mergulhão

Fornecedora do Corpo Diplomático

— Fundada em 1895 —

ARTÍSTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B

Telefone 30013 — LISBOA

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

LIBRAS OURO

Comparamos a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.ª - PROMISSA Q. DO VALE - PORTO

2.ª - J. GONÇALVES SILVA - LISBOA

A PASTA COUTO VULGAR é a mais barata e natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, dá-lhes a SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

CONFIE NA

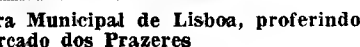
Ouriçaria da GUIA

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B

(Edifício do Hotel Mundial)

FUNDADA EM 1868



também
fregue-
o peso
tos.
grou-se

o Instituto, de 1964
tado, á
o que
s esco-
do, um
strutura
s entre
ge, tal-
cial do
do es-
o único
spacho,
podem
inários
n com-
respec-
a pres-
alunos
último
ma ou
vas, ve-
ativa de
seguin-
stra as
pensou
tes ao
de ano
atra
para o
agora,
ver fel-
do 4.
orne-
em re-
se ma-
lectivo
n com-
ais se
com o
do por
e diga
ado es-

LA
SA

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO*LISBOA*OUELIZ

Na verdade, o êxito alcançado nos anos anteriores por esta iniciativa mostra bem como o público reconhece a eficácia e o alcance humanitário da acção daquela Liga no combate a um dos mais terríveis males que hoje afligem a humanidade. Poderá mesmo dizer-se que sem esse auxílio do público anónimo não teria sido possível à Liga Portuguesa contra o Cancro desenvolver tão extensamente uma actividade de que milhares de pessoas já sentiram os efeitos benéficos.

A Liga Portuguesa contra o Cancro, numa missão de esclarecimento, procura despertar a atenção para uma doença que de início é geralmente curável e cujas desoladoras consequências são fortemente agravadas pela ignorância e pelo desleixo.

Embora existam hoje meios eficazes de tratamento, como a cirurgia, radiações, o mais seguro meio de combate é ainda o diagnóstico precoce. As campanhas da Liga têm sempre, assim, como objectivo principal prevenir os males de tão devastadora doença, educando e aconselhando o público, difundindo conhecimentos úteis, procurando a colaboração dos mais variados sectores da população.

Como corolário desta acção de esclarecimento, a Liga promove campanhas de profilaxia, as quais, através de um rastreio sistemático, procuram por meio de um diagnóstico precoce detectar formas de doença ainda em início e portanto facilmente curáveis.

Muito importante, igualmente, tem sido a actividade da Liga na assistência aos doentes economicamente débeis ou que se encontram afastados dos seus meios familiares.

Nesse sentido, criou lares onde podem ficar alojados os doentes da província desprovidos de recursos, que, deste modo, podem continuar em Lisboa, para seguir os tratamentos necessários.

Estabeleceu, também, serviços domiciliários, constituídos por equipas de médicos e enfermeiras, que diariamente vão às casas dos doentes impossibilitados de se deslocarem; através do seu serviço social distribui diariamente subsídios, refeições, medicamentos, etc., aos doentes mais pobres; assegura, em viaturas próprias, o transporte de doentes incuráveis para junto dos seus familiares; o seu serviço social contacta com os doentes internados nas clínicas ou albergados nos lares a fim de proporcionar com-

Entre outros domínios onde a sua acção se exerce, deverá ainda citar-se a recolha de sangue graciosamente doado, o qual se destina a possibilitar a administração de uma das terapêuticas mais importantes, na maioria dos casos vital.

O simples enunciado das principais actividades da Liga dá já bem uma ideia da amplitude da sua acção de tão profundo significado humano. Mas para poder ir mais além, satisfazendo necessidades prementes e alargando ainda mais os benefícios que proporciona, a Liga necessita de recursos que dependerão do êxito de múltiplas iniciativas que promove e, principalmente, do acolhimento do público aos seus peditórios.

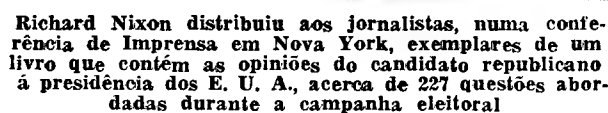
Entre os objectivos mais imediatos e importantes que a Liga pretende atingir, destacam-se a compra de uma nova bomba de cobalto, que permite um dos mais eficazes tratamentos, e o apetrechamento de um pavilhão de enfermeiras que está quase construído, no Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, com capacidade para 200 doentes.

Para se avaliar do intenso movimento do Instituto Português de Oncologia bastará dizer que, em 1967, nele se efectuaram 53 308 análises clínicas (33 823 em 1960); 13 107 análises histológicas (6518 em 1950); 2795 electrocardiogramas (694 em 1960); 2313 análises endocrinológicas (79 em

1960); 14 415 tratamentos de fisioterapia (14 343 em 1950); 25 450 radiografias (4520 em 1950); 8750 exames endoscópicos (2953 em 1950); 5246 transfusões, utilizando um volume de sangue de 2 090 250 c. c. (1231 e 430 850 c. c. em 1950); 11 670 intervenções cirúrgicas (3 671 em 1950); 266 eletroencefalogramas; 2549 tratamentos de rádio, 49 110 de raios X e 27 621 de cobalto, num total, portanto, de 76 280 (71 908 em 1950); e 2301 tratamentos por isótopos radioactivos (1114 em 1960). Além disso, no ano transacto foram visitados 578 doentes (524 em 1960) e houve um movimento de 27 532 doentes externos (14 773 em 1950). Em 1967 estiveram internados no Instituto 4348 doentes, o que representa quase o dobro do número de internados em 1950.

Por esta exposição se poderá verificar o aumento considerável da actividade do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil nos últimos anos, o que tem sido possível, em grande parte, devido à forma calorosa como o público tem respondido aos apelos da Liga para a recolha de fundos.

Da maneira como a população continuar a responder a estes apelos dependerá, substancialmente, a possibilidade do alargamento e da intensificação da luta contra o cancro no nosso País. É de prever, portanto, que o acolhimento ao pedidório que se efectuará dentro de dias directamente é o principal bellico a uma actividade de que primará o activo apoio do puneficiado e que se reveste de tão profundo sentido humano.



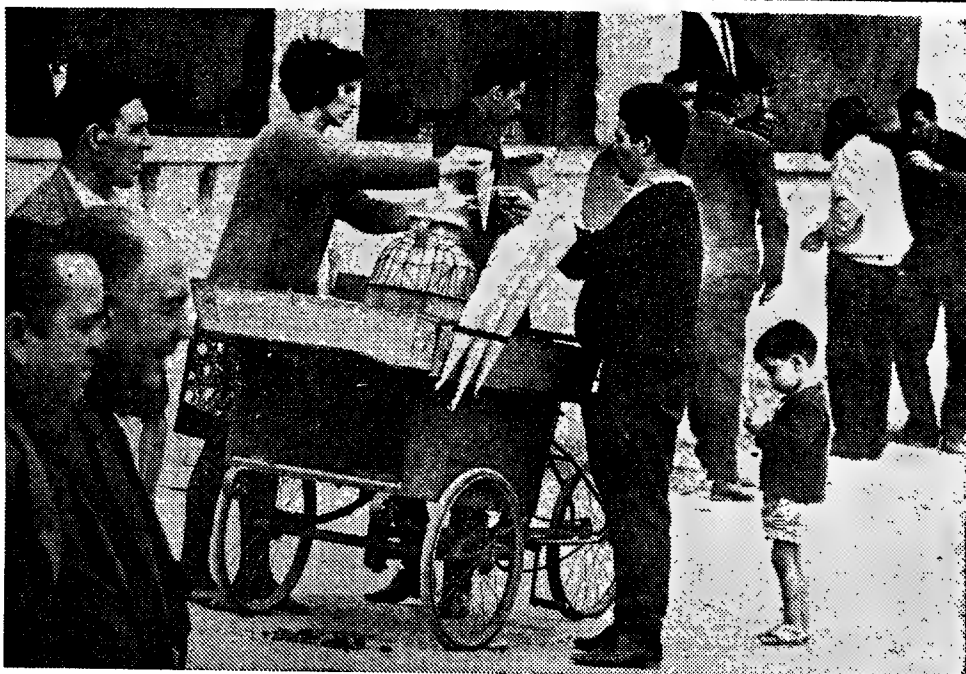
AVEIRO, 24 — O Banco Borges & Irmão acaba de alargar a esta cidade a vasta rede de estabelecimentos com que, praticamente, cobre já todo o País e que continua a estender às zonas onde a presença de uma sólida instituição bancária, que alia á ortodoxia dos processos um esclarecido dinamismo, melhor possa contribuir para o progresso e o

desenvolvimento das actividades locais.

Justamente, Aveiro regista um surto de progresso que justifica amplamente a escolha do Banco Borges & Irmão para aqui instalar uma agência. Capital de um distrito consideravelmente industrializado, onde sobressaem, pela sua importância no conjunto metropolitano, as produções de laticínios, tapeçarias, cordas e cabos, chapelaria, sapataria, louça metálica, fósforos e pasta, papel e carvão, e com um comércio diversificado, cuja dimensão tem já significativa influência na economia nacional, esta cidade passa, agora, a dispor de um novo apoio bancário, cuja benéfica influência não deixará, em breve, de começar a fazer-se sentir.

Aliás, o propósito de prestar a imprescindível assistência da banca privada a um numero cada vez mais elevado de centros de promissora actividade para a economia nacional constitui o fundamento da permanente expansão geográfica do Banco Borges & Irmão, que dispõe, hoje, além da sede no Porto, da filial em Lisboa e das dozes dependências naquela cidade e nove nesta, de 35 agências disseminadas por todo o território metropolitano, sem entrar em linha de conta com a influência que estende ao Ultramar, nomeadamente às Províncias de Angola e Moçambique, através do Banco de Crédito Commercial e Industrial, de que é fundador e principal accionista.

A abertura da nova agência do Banco Borges & Irmão efectuou-se num ambiente de grande simplicidade, pois as suas instalações, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 151, são ainda provisórias, uma vez que aquela prestigiosa instituição bancária não quis privar o publico por mais tempo dos benefícios resultantes da sua presença. Embora com carácter íntimo, o acto registou a presença dos administradores do Banco srs. eng.º Miguel de Rezende e dr. Rui de Carvalho e Cunha Fortes da Gama; e do director de Serviço de Agências, sr. dr. António Augusto da Cruz Pires de Miranda, além do gerente da nova agência, sr. José de Lima Faria.



O calor disse adeus. De má vontade, o Verão deixou a cena e deu lugar a um Outono tímido que só agora começa a usar os direitos de seu breve tempo de reinado. Imagem de Outono, pode não ser apenas o cair das folhas de árvores enfiadas ou a criançaçada, em bandos, a caminho das escolas. Imagem de Outono pode ser um fogareiro, colocado num estabelecimento de duas fôdas que negocia polvo assado, ou o copo de vinho que se toma ao balcão, num parêntesis do trabalho.

**CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...**

A

ORGANIZADA PELO

**COMITÉ PERMANENT DES EXPOSITIONS DU
LIVRE FRANÇAIS ET DES ARTS GRAPHIQUES**

E PATROCINADA PELOS

SERVIÇOS CULTURAIS DA EMBAIXADA DE FRANÇA
NOS SALÕES DO S. N. I. (PALACIO FOZ)
SÓ ATÉ DOMINGO DAS 15 ÀS 20 H.

Vendo, em Carcavelos e Parede, preços de 675 a 750 contos, Facilito parte longo prazo. Trata dono. T. 539773 - escritório e 771664 - residência ou carta ao Apartado 1048, Lisboa-1.

Com vista á centralização do sistema de venda dos produtos de barro vermelho (telha e tijolo), reuniram-se os compositores gerentes do Centro de Indústrias de Cerâmica — OENICER —, na sua sede, tendo-se procedido ao estudo do regulamento de uma unidade distribuidora dos referidos produtos.

ora diga-nos...

— Como escolhe os filmes a que vai assistir?

O repórter hoje estava cinéfilo. E quis saber como estava o leitor no capítulo de filmes, sabido que tem diariamente à sua escolha, na capital, entre trinta a quarenta obras cinematográficas que vão desde os filmes de pura distração às obras de ficção científica ou de tese, se assim se quiser dizer.



● Ouvimos primeiro o nosso camarada António Valdemar, que é chefe de redacção da delegação alfacinha de «O Primeiro de Janeiro». Afirmou-nos:

— Não vou ao cinema por motivos de saúde. A última vez que vi um filme, «Fellini 8 1/2», estive quinze dias sem poder trabalhar. Os olhos incham-me de tal modo e inflamam-se tanto que fico impossibilitado de frequentar as salas de cinema. Daí a razão por que não vou ao cinema há já alguns anos.

● Conversámos a seguir com o sr. J. A. M.

(que quis manter este mistério das três letras):

— Como sou porteiro da Embaixada de França estou sempre de serviço — afirmou. — É lá que tenho o meu buraco, motivo por que nunca saio. Não vou, portanto, ao cinema, nem a lado nenhum, aliás, há quatro ou cinco anos. Mas gosto muito de filmes de ficção científica. Regalo-me muito quando eles passam na T. V.



● Terminamos a nossa série de hoje interrogando um aluno de Direito, o nosso camarada Carlos Gil. Foi peremptório:



— Depende da disposição do momento — esclareceu. — Se estou cansado vejo «cow-boys». Se estou descansado procuro filmes de substância, ou filmes de marcado conteúdo social, que me interessam muito, se estou com disposição para o estudo. Mas, como não há muito por onde escolher... as mais das vezes vou indiscriminadamente! Em compensação vou ao teatro sempre que vale a pena, o que também não é muito fácil. De qualquer forma o teatro é o meu vírus. Por isso há quase cinco anos que pertenço à Secção de Teatro da Faculdade de Direito.

Prisão maior (em conselho de guerra) para um pára-quedista acusado de roubo dum motorista de táxi

Um soldado pára-quedista foi ontem condenado, em conselho de guerra, a sete anos de prisão maior por assalto e tentativa de roubo na pessoa de um motorista de táxi. O caso remonta a Janeiro de 1965, envolvendo um outro pára-quedista que anda a monte.

Durante o julgamento, realizado no 1.º Tribunal Militar Territorial (Santa Clara) sob a presidência do coronel Pereira Martinho, ladeado pelo coronel Ramalho Xavier e sendo juiz-auditor o dr. Leite Marreiros, promotor de Justiça o coronel Nunes Garcia e defensor (oficioso) o dr. José Barbosa Bessa, com o aspirante miliciano dr. Nuno de Siqueira a secretariar, o júri deu como provado o crime de tentativa de roubo e levou em conta várias circunstâncias agravantes, entre as quais o mau comportamento anterior do réu, Jorge António de Jesus Oliveira, de 28 anos, natural de Vendas Novas, que foi condenado em cúmulo jurídico.

Segundo o libelo, Jorge Oliveira e um outro soldado do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas, Sebastião José da Cunha, de 27 anos, depois de alugarem um táxi na Praça da Liberdade, Porto, que devia conduzi-los a Vila Nova de Gaia, intimidaram o motorista Joaquim Pinto da

Silva a parar o veículo num sítio armo e extorquiram-lhe 790\$00 e três dólares, manietando-o com um fio eléctrico e esfaqueando-o (autor da agressão: Sebastião Cunha) quando começou a gritar por socorro.

Em consequência de o crime haver sido praticado fora da jurisdição de Lisboa, não compareceram testemunhas.

REUNIÕES MÉDICAS DE SANTARÉM

No próximo sábado, às 21 e 30, no salão nobre da Junta Distrital de Santarém, efectua-se a primeira sessão das Reuniões Médicas de 1968-69.

«CIRROSE HEPÁTICA» será o tema de uma Mesa Redonda organizada com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia, e que, dirigida pelo prof. Frederico Madeira, terá a colaboração dos profs. Celestino da Costa e Pinto Correia e dr. António Saraçoça.

Principiará assim uma série de lições que se irão processando regularmente de três em três semanas, constituindo um verdadeiro curso de aperfeiçoamento médico post-universitário.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Eduardo José Teixeira de Abreu

BRAGANÇA, 24 — Com grande acompanhamento, no qual se incluíam as individualidades mais representativas do distrito, efectuou-se o funeral do sr. dr. Eduardo José Teixeira de Abreu, de 87 anos, natural de Mogadouro, viúvo da sr.ª D. Ana de Sousa Gentil Teixeira de Abreu, e que de há tempos a esta parte residia em casa de um sobrinho, o advogado sr. dr. José Joaquim de Abreu Faria, onde faleceu após prolongada doença.

O extinto cursou o Seminário de Bragança, onde fez o Curso Teológico e era formado em Germanicas e Direito pela Universidade de Coimbra, no ano de 1911. Foi Con-

servador do Registo Civil nos vizinhos concelhos de Vimioso e Vinhais, exerceu o cargo de Juiz de Direito nas comarcas, nomeadamente de Régua e Marco de Canaveses, e foi, também, director adjunto da Polícia de Investigação Criminal, em Lisboa.

Alfredo da Silva Martins

LEIRIA, 24 — Com 99 anos, foi a enterrar, no cemitério desta cidade, o sr. Alfredo da Silva Martins, oficial de diligências, aposentado, e figura muito popular em Leiria, onde se radicara em fins do século passado.

Democrata convicto, Alfredo da Silva Martins era pai da sr.ª D. Alda de Almeida Martins, funcionária da Biblioteca Erudita de Leiria, e do sr. Joaquim de Almeida Martins.

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES, DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex.ª pode receber directamente em casa, no n/ escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados	PREÇO DOS ANDARES
130.000\$00 — 230.000\$00	3 ASSOALH. 220.000\$00
155.000\$00 — 240.000\$00	4 > 230.000\$00
170.000\$00 — 250.000\$00	5 > 380.000\$00
180.000\$00 — 270.000\$00	6 > 440.000\$00
185.000\$00 — 280.000\$00	7 > 600.000\$00
200.000\$00 — 300.000\$00	
210.000\$00 — 320.000\$00	
220.000\$00 — 340.000\$00	

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S. João do Estoril

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde \$60

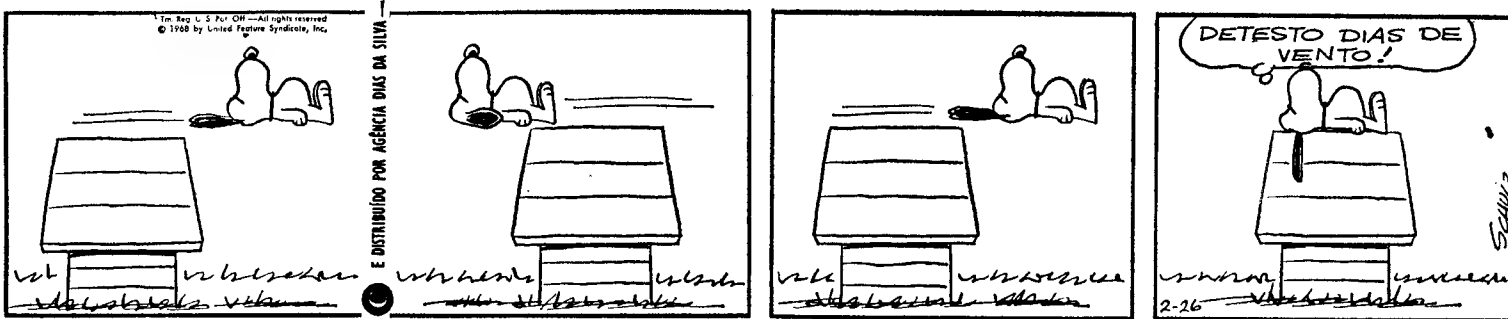
INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. - Telefones 47843 - 45843 • Queluz - R. D. Maria I, 30 - Telefones 952021 - 952022 • Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA: — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SÃO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇÃO.



REBOLEIRA — VISTA PARCIAL (AÉREA)

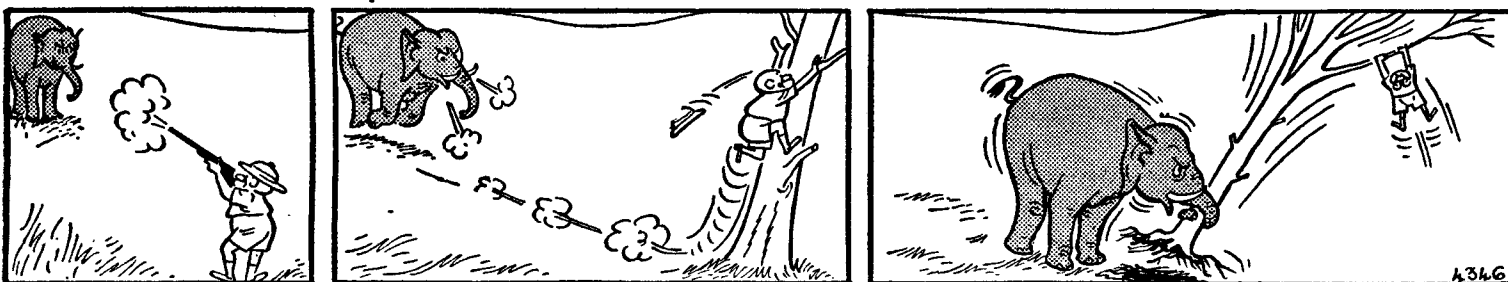
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

Na sua edição de 24 de Outubro de 1968, publicava o «Diário de Lisboa»:

BOMBAIM — Gandhi comentando os recentes acontecimentos na Europa Central (invasão da Checoslováquia pelos nazis), declarou:

— A crise checoslovaca impressionou-me física e mentalmente. É evidente que as nações pequenas têm de se convencer a colocar-se sob a protecção dos ditadores ou a constituir permanentemente uma ameaça para a paz europeia. Apesar de toda a sua boa vontade, a França e a Grã-Bretanha não as conseguem salvar. (...) Se eu fosse checo teria libertado a França e a Grã-Bretanha dos seus compromissos para com o meu país. Embora sacrificando a própria vida, não seria vassalo de qualquer outra nação. Nós devemos ter independência absoluta. (...) Tentar vencer pela força das armas é uma loucura. Mas posso desafiar o poder de quem tenta privar-me da minha independência recusando-me a obedecer à sua intimação

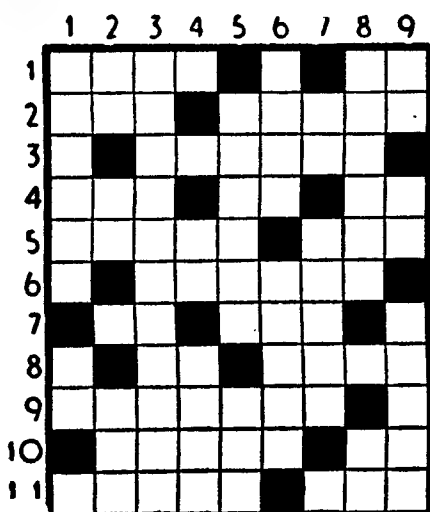
ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
Telefs.: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 4979



HORIZONTAIS: 1 — Bolsa. Inconveniente 2 — Dama de companhia. Desocupado. 3 — Estremeceres 4 — Acimal Nome de letra grega 5 — Sadio 6 — Pele. Recusa. 7 — Subterfúgio 8 — A mim. Departamento de França que tem Bourg por capital. 9 — Prefixo de negação. 10 — Inútil. 11 — Embarcações de recreio. 12 — Tareias. Pósul.

VERTICAIS: 1 — Agite. Conceda 2 — Gemido. Haste. Ninho 3 — Constipações 4 — Pedra de moinho. Limite de um percurso 5 — Atalho. Entregues. 6 — Secção. Enguia 7 — O povo português (pop.) Cantigas para acalantar 8 — Incumbência. No caso de. 9 — Proposição e artigo Ditongo nasal Retirem

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4978

HORIZONTAIS: 1 — QUEM TEME 2 — Eio Ou. 3 — Até. A. Te. 4 — Nô. Sena. 5 — Te. gumento. 6 — Os. MORTE 7 — Au. Pê. 8 — Rara. Vi. 9 — PERDE. Gim. 10 — Orar. Dovo. 11 — Sarópode

VERTICAIS: 1 — QUANTO. Após. 2 — Ioesa. Era. 3 — Urrar. 4 — Me. Pum. Adro. 5 — Lá. MÔ. Ré. 6 — Tô. Serpa. Dô. 7 — Tente. Gad. 8 — Moente. VIVE. 9 — Eu. Ao. Rima.

(Provérbio: QUEM TEME A MORTE PERDE QUANTO VIVE).

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8823

HORIZONTAIS: 1 — Abotoar. Apelido. 2 — Pátria. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande numero de nomes irlandeses e escoceses. 3 — Braços de mar. A corte. 4 — Seguros. Couso que alumia. 5 — Atomo (abrev.). Introduzi 6 — Eia. Rio da Suíça. 7 — Filéiras. Artigo indefinido. 8 — Quebrei. Ilha do estado da Bala. 9 — Encoleriza. Lavrar. 10 — Rate. Mediana. 11 — Campeão. Constava

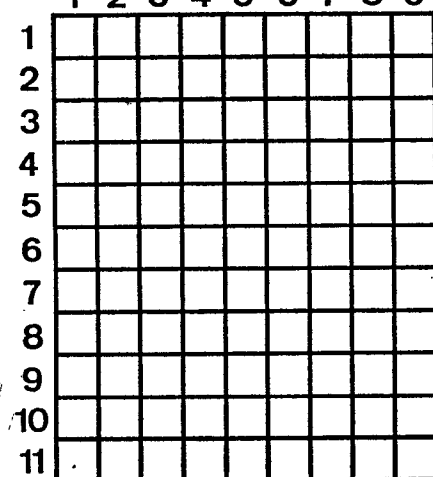
VERTICAIS: 1 — Homem excluído da sociedade. Afia. 2 — Pequeno barco de recreio. Escuderos 3 — Pronome pessoal (pl). Relata. 4 — Fluido aeriforme. Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a África. 5 — Viração. Crença. Nesse lugar. Pedra de moinho 6 — Pés de animais. Prefixo que designa ar. 7 — Nome de mulher. Encolerizar. 8 — Pessoa gorda. Freguesia do concelho de Torres Vedras 9 — Além. Nome de mulher.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8822

HORIZONTAIS: 1 — Faca. Rema. 2 — Olã. Mon. 3 — Rs. Pua. Ru. 4 — Ri. lo. 5 — Aria. Sina. 6 — Im. Sá. 7 — As. Com. Rs. 8 — Camareira. 9 — Adir. Room. 10 — Tara. Adro. 11 — Asas. Soas.

VERTICAIS: 1 — Forca. Acota. 2 — Ais. Rissadas. 3 — Ca. Rim. Mira. 4 — Pia. Coras. 5 — Tu. Mor. 6 — Ais. Meros. 7 — Em. Ois. lodo. 8 — Mar. Narrara. 9 — Anula. Samos

1 2 3 4 5 6 7 8 9



PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço DE ABASTECIMENTOS

Concurso para fornecimento de uma máquina dobradora e revestimento do rolo da calandra

Até às 17.30 horas do dia 7 do próximo mês de Novembro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para o fornecimento em referência.

Lisboa, em 23 de Outubro de 1968.

O CHEFE DO SERVIÇO

ERRAMENTAS ELÉCTRICAS PORTÁTEIS RUPES (MILÃO) O QUE HÁ DE MELHOR E MAIS ECONÓMICO

Distribuidores:

H. CABRAL & SARZEDAS, L.ª
LISBOA — AV. DO BRASIL, 41-B
PORTO — RUA DA ALEGRIA, 294

REBARBADORAS MONOFÁSICAS E TRIFÁSICAS, BERBEQUINS, RECTIFICADORAS DE FÓRMICA, LIXADEIRAS, ELECTRO-SOPRADORAS, ETC., ETC.

BAQUELITES E EBONITES

EM CHAPAS, TUBOS E VARÕES
CARTÃO HIDRÁULICO DESDE 0,10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS

VENDE AOS MELHORES PREÇOS

SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.
Rua dos Fanqueiros, 262-3.ª — LISBOA — Telef. 36 61 87

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.

TELEF. 369384

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista (Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

AS BATAS E A SR. DIRECTORA

A burocracia atinge no nosso País as proporções lamentáveis e por vezes doentes que todos conhecemos. A custa de tanto se exigir, por vezes em detalhes de somenos, descamba-se facilmente no exagero na atitude caprichosa, no pormenor grotesco. É o que se verifica agora com as alunas do curso nocturno da Escola Comercial D. Maria I, cuja directora decidiu obrigar ao uso de novo modelo de bata.

Considerando-se lesadas nos seus parcos proventos (a maior parte das alunas são empregadas), alguns grupos dirigiram-se á subdirectora pedindo dispensa da obrigação e solicitando a possibilidade de usar a bata do ano passado, que se encontra em bom estado e nada justifica que seja posta de parte. Até agora, porém, o seu pedido deparou sempre com uma negativa, acompanhada de argumentos corriqueiros e lamentáveis.

Que influência terá no ambiente de estudo e no aproveitamento escolar das alunas que estas usem batas abotoadas á frente ou atrás, com gola ou de viés, com botões ou de fecho. Uma questão de paisagem? Mas que vale uma mancha compacta e igual perante a diversidade do espírito humano? É esta diversidade, na sua múltipla riqueza, que importa fomentar e desenvolver. Até porque a Escola Comercial D. Maria I não é exactamente um asilo. Ou não devia ser.

Roteiros e instrumentos da navegação antiga discutidos em Coimbra

COIMBRA, 24 — Oito comunicações foram hoje apresentadas na I Reunião Internacional de História Náutica, que está a decorrer nesta cidade com sessões num anfiteatro do Museu e Laboratório Antropológico da Faculdade de Ciências.

Na sessão da manhã divulgaram trabalhos os especialistas Francis Madison (Oxford), sobre «Os instrumentos científicos medievais e seu aperfeiçoamento para utilização na navegação do século XVI», Ernst Crone (Amsterdão), sobre «Como era determinada pelo navegador a velocidade do barco e a distância percorrida», e H. Gabriel Mendes (Instituto Geográfico Cadastral, Lisboa), sobre «Lucas J. Waghe-

naer e o conhecimento das costas de Portugal no século XVII». A sessão da tarde, mais extensa, incluiu a apresentação de comunicações do comandante Teixeira da Mota (Lisboa), sobre «A evolução dos roteiros portugueses no século XVI», Julio Guillén (Madrid), sobre «Roteiros espanhóis dos séculos XVI e XVII», Rolando Laguarda-Trías (Montevideo), sobre «Vestígios da utilização dos métodos de navegação pré-astrológica no Atlântico», Wilcomb E. Washburn (Londres), sobre «Representação de terras desconhecidas na cartografia dos séculos XIV, XV e XVI», e G. R. Tibbets (Londres), sobre «A teoria de navegação dos Árabes nos séculos XV e XVI».

A noite, num restaurante da Baixa, realiza-se um jantar oferecido a todos os participantes pela comissão executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral.

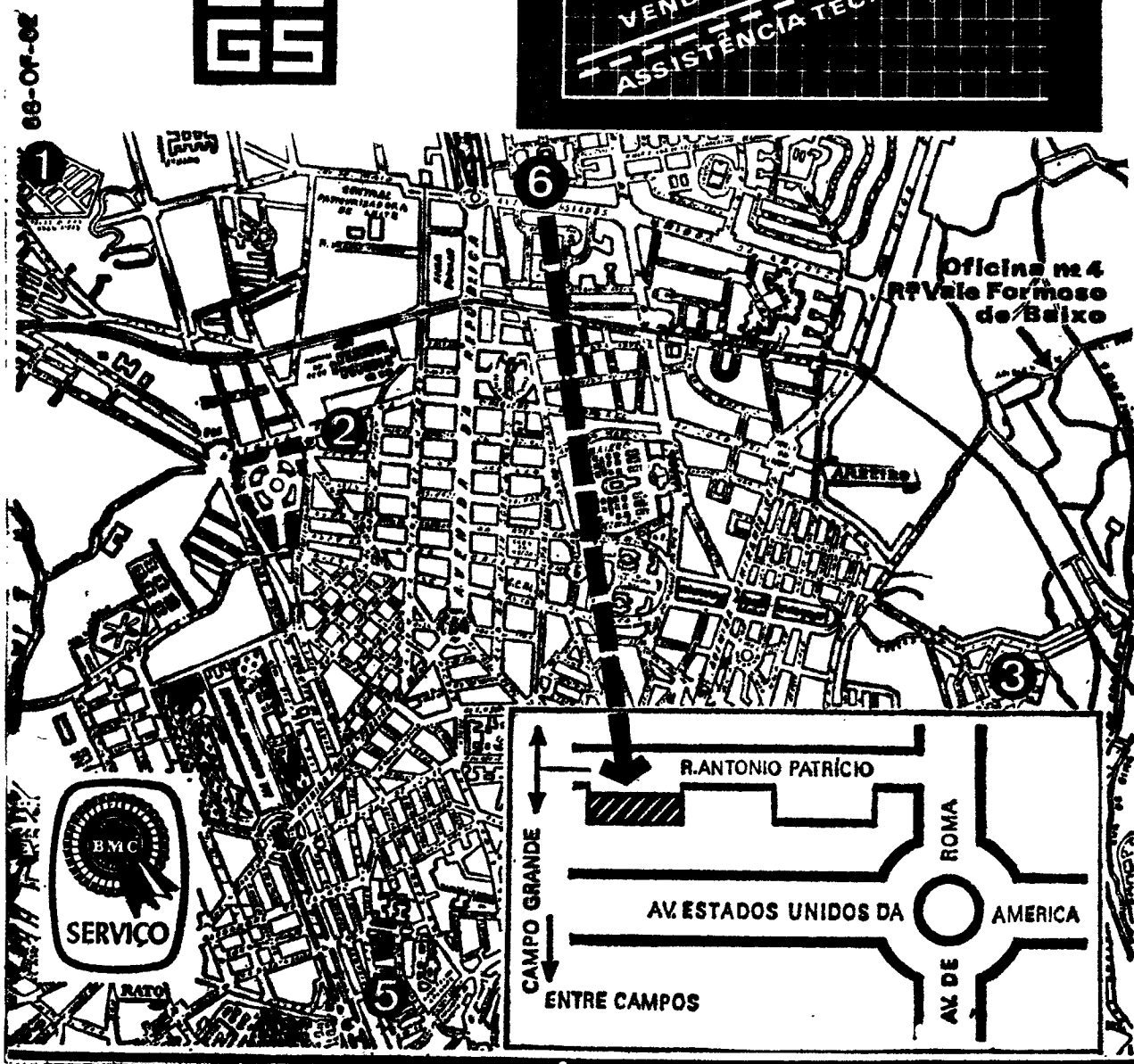
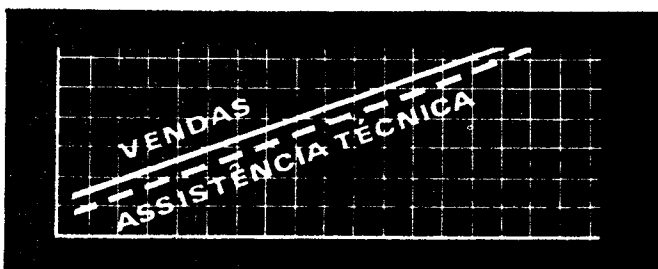
PARA SERVIR AINDA MELHOR

J. J. GONÇALVES, SUCRS., S. A. R. L. INAUGUROU EM LISBOA A OFICINA N.º 6 NA RUA ANTÓNIO PATRÍCIO, 11-E-F, COM TODOS OS SERVIÇOS DE APOIO E ASSISTÊNCIA ÀS MARCAS AUSTIN, RILEY E PRINCESS.

Mais de meia centena de concessionários de Agência e Agentes de Serviço, garantem aos veículos AUSTIN, uma assistência técnica adequada desde Bragança a Vila Real de Santo António, cobrindo todo o País. A criação de oficinas disseminadas pelas áreas urbanas proporciona, além disso, outro conjunto de facilidades de assistência especializada. A capacidade de realização de uma rede de oficinas e de Postos de Assistência como a de J. J. GONÇALVES, SUCRS. S. A. R. L. é garantia:

- antecipada da continuidade do actual nível de assistência aos futuros veículos AUSTIN;
- do acompanhamento do crescimento das vendas pelo da assistência.

AUSTIN



LIÇÕES DE ARQUITECTURA

NO CURSO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Integradas no Curso de Formação Artística organizado pela S. N. B. A., começam hoje, ás 18 e 30, as lições sobre Arquitectura, a cargo do arquitecto Manuel Tassinha, director pedagógico daquele curso.

Constituindo disciplina obrigatória para os alunos do 2.º ano do C. F. A., a ela podem também assistir, em regime livre, tal como acontece com os outros ciclos de lições do curso, todas as pessoas interessadas em compreender e viver lucidamente os problemas relacionados com a organização do meio físico habitado pelo homem, problemas todos eleg obser-

vados naquelas lições de um ponto de vista de unidade e continuidade conceptual e operacional, quer a etrate do desenho dos objectos próximos e de uso quotidiano, quer se trate do planeamento físico em que a Arquitectura ganha um conteúdo novo, ao-renascentista.

SOCIEDADE

PORTUGUESA

DE NEUROLOGIA

Na sua sede, situada no Hospital Miguel Bombarda, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria realiza hoje, ás 22 horas, a sua reunião de Outubro, com a apresentação das seguintes comunicações: «Aspectos electroencefalográficos nas endocrinopatias da tireoide e da suprarrenal», pelos drs. Odília Castelão, Pompeu Silva e Lúcia Guerra; «Estudo electroencefalográfico da panencefalite subaguda», pelos drs. Pompeu Silva, Odília Castelão e João Neves.

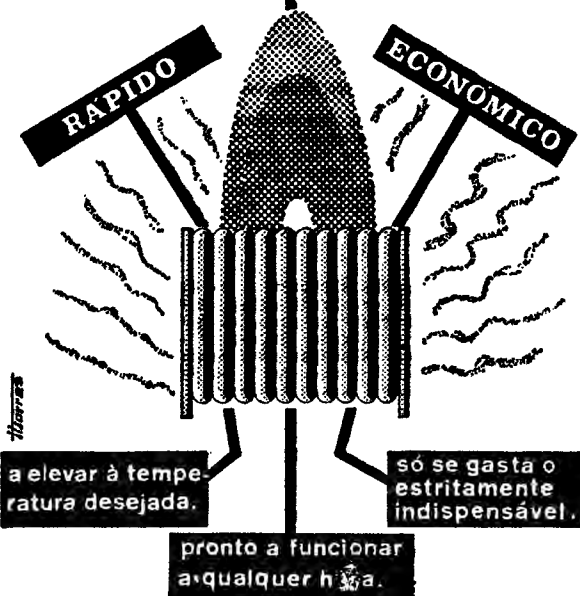
«DIÁRIO DE LISBOA»

Assinado pelo vice-presidente do conselho de administração da TAP recebemos um amável ofício no qual nos é comunicado que, na última reunião daquele conselho, foi exarado na acta um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa» pelo relevo dado ao noticiário sobre o relatório de gerência da companhia referente a 1967.

Aquecimento a Gás da Companhia

«O Combustível de Lisboa»:

O MAIS PRÁTICO



Consulta desde já os SERVIÇOS DE GAS INDUSTRIAL DAS C.R.G.E., que procederão ao estudo do seu caso, sem qualquer compromisso da sua parte.

HOJE PODE VER...

AVENTURAS DO «PAPA LÉGUAS»



NEM MAIS. Hoje é quinta-feira e há «Lanterna Mágica» para todo o mundo: pequenos e graúdos que queiram ver as aventuras supersónicas (vrum...) do «Papa Léguas». É pelas 20 e 15, durante cerca de um quarto de hora. Corre que se farta. «Beep, beep», lá vai ele. Parece que voa! Engraçado, amalucado e bom traz consigo o encanto da deformação mais ou menos caricatural que

tanto entusiasmo a miludagem.

Aventuras disparatadas, corridas sem ter fim, irrequetismo e brincadeira são os ingredientes que atraem a plateia fiel da Lanterna Mágica. Semana a semana.

O galeto esgalgado vai estar com quantos quisessem.

Beep, beep! Ele aí está.



FADO ANTIGO

na voz de Fernanda Maria

Zanguei-me com meu amor
Não o vi em todo o dia
À noite cantei melhor
O fado da Mouraria

Hoje «Fados». Canta Fernanda Maria, figura cimeira das hostes da canção portuguesa, turisticamente internacionalizada e muito procurada. É claro que se trata do fado, o fado de Lisboa, castigo ou moderno, tradicional ou enroupado ao estilo dos nossos dias. E o fado tem cultores de mérito, assim como apreciadores fiéis, sinceros e abalizados. Pois, hoje temos «Fados».

Esta noite canta Fernanda Maria. Acompanha-a o trio de guitarras «Lisboa à Noite», composto por Jaime Santos, Martinho d'Assunção e Liberto Conde.

Fernanda Maria é dama grande do fado. Voz rica, bem modulada, presença marcada, gesto definido. Sentimento vibrando na letra sentida, vivida.

Hoje ela canta: «Maria Severa», «Zanguei-me com o meu amor», «Rosa Enfeitada» e «Alamares». Fados clássicos, fados de há anos que tantos de nós ouvimos ainda crianças, na Rádio e nas ruas.

Era o estrilho de «Maria Severa», sentido e chorado. Assim:

Bem longe onde o luar
Azul tem mais luz
Eu vejo-a a rezar

Aos pés duma cruz.
Guitarras trinaí
Viradas ao Céu
Fadistas chorai
Porque ela morreu.

«Maria Severa» e «Rosa Enfeitada». Vidas tristes.

(Continua na pág. seguinte)



AMANHÃ — As 13 e 30: Eurovisão — Jogos Olímpicos. Resumo das provas: Natação: Senhoras 800 m livres (final); Homens 200 m mariposa (final); Senhoras 200 m mariposa (final); Luta, Futebol e Esgrima Florete por equipas (final); 14 e 40: Ciclo Preparatório da TV; 19: Telejornal; 19 e 10: Eurovisão — Jogos Olímpicos. Canção em transmissão directa das finais; 20 e 35: Quarto dos brinquedos; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim meteorológico; 22 e 05: Série do oeste — «High Chaparral». «Ouro que mata»; 23 e 15: Eurovisão — Jogos Olímpicos. Equitação — transmissão directa; 24: Telejornal, Meditação e Fecho.



O QUE VIMOS E OUVIMOS...

QUARTO DE BRINQUEDOS

Simplicidade extrema foi a característica da emissão de ontem de «Quarto de Brinquedos». Maria Isabel explicou que aquela rubrica existe em muitos países: na Inglaterra, França, Marrocos, etc. Em todos esses países terá a monitoria tão má dicção? tanta monotonia no ritmo da conversa? tão pouca naturalidade frente aos meninos e frente às camaras? E' pena isto, pois Maria Isabel mantém uma serenidade, uma tranquilidade de que os meninos tanto necessitam. Repito que deve cuidar do ritmo e da qualidade da sua linguagem. Evitar o «vou-vos contar...» e certas «ingratidões» género «sou parecido com o cavalo...», etc.

As canções são rudimentares na melodia e desinsensibilizadas na letra. Que diferença das canções da musica educativa que ouvi no domingo, ou na segunda, não me lembro bem!

Claro que o grande espectáculo do «Quarto» continua a ser o grupo de meninos. Ouviram aquele menino a dizer que a zebra era um cavalo que tinham pintado? Cada menino é um poeta que há-de morrer, salvo algumas excepções.

Falta apenas referir a cantoria a que se entrega Maria Isabel Simão, ela só, jamais acompanhada pela trupe infantil. Estará a treinar-se para o concurso da canção TV da Eurovisão?

UMA REVOLUÇÃO IMPERIAL

Primeiro, foi a mulher elegante, com modelo de violino. Depois é que veio a rubrica «Um Foco», subordinada ao tema «Uma revolução imperial».

Tratava-se do Irão Manuel Gama autor (ou tradutor?) do texto, não deixou de pôr em relevo a disparidade existente entre a miséria do povo daquele país e a ostentação da riqueza miumamoi-tasca existente na corte imperial. Na tal.

Na tal corte imperial que procede à tal revolução rural, industrial e também cultural (salvo seja! Revolução mas não tanto).

Mas em que consiste a «revolução» promovida pelo xá? Consiste naquilo a que chama pomposamente «uma reforma agrária», ou melhor dizendo: a distribuiçãozinha por alguns camponeses de parcelas de terras irrigadas pela nova barragem. Lá está o xá, uma simpatia de xá, a entregar os documentos comprovativos da posse das terras. Os camponeses, em longas curvaturas de espinalha, agradecem. Deve haver uma musica romântica em fundo. Não se ouve, mas deve haver.

Por tudo quanto digo já os meus leitores percebem que o termo «revolução» se encontra aplicado com uma excessiva boa vontade. As estruturas feudais do Irão permitem quando muito que a revolução não passe de uma revolução de biberão. O problema central da Pérsia é o do seu petróleo.

Talvez não se lembrem que, em 1951, o ministro Mossadegh nacionalizou os petróleos persas. Os técnicos ingleses debandaram. A boicotagem resultou, dado que sem os técnicos estrangeiros, e sem a coragem para buscar novos apoios, a refinação do precioso líquido se tornava impossível. Sobreveio a crise, a queda de Mossadegh, o medo pela acção da extrema-esquerda: em 1954 o petróleo é novamente entregue aos maternos cuidados estrangeiros com nova distribuição de lucros: 50 por cento para o Governo persa e a outra metade para o consórcio internacional British

O MOTOR E O HOMEM

Novidades e evocação

Programa de A. Canha e Sá, «O Motor e o Homem» inclui no semanário da edição de hoje, cerca das 21 horas, as seguintes rubricas: *Indústria naval britânica* (novidades dos estaleiros da velha Albion que não se detem encostada aos louros do passado e procura novas conquistas); *Certames Automobilísticos em Paris* (notícias ilustradas como todas as demais, já se vê do 55.º Salão Automóvel com os seus novos modelos, numa luta sem tréguas entre todas as marcas; e desfile de carros antigos, recriando a antiga prova Paris-Amsterdão-Paris e

(Cont. na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 6: Noticiário; 6 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, programa de Maria Emília Canelo de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: A orquestra Ron Goodwin; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 39: 8.º episódio do folhetim «Musica no Coração»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: O conjunto «The Guitar Kings»; 21 e 40: Variedades realizadas no Coliseu; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 23 e 40: Sereia de Coimbra; 1: Fecho.

2.º Programa — 391 m — 755 kc/s — As 16 e 10: Trio para flauta, oboé e cravo (Morawetz); 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Luisa» (Chorpenier); 18: Musica do século XX — Obras de Albert Roussel; 19: Horizonte, semanário de letras e artes; 19 e 30: Folclore português — Musica regional da Beira Baixa; 19 e 45: Musica de piano; 20: Diário So-

noro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Missa do Papa Marcelo (Palestrina); 21: Concertos pela Academia de Instrumentistas de Câmara sob a dir. do maestro Silva Pereira; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata 1960 (Siegfried Redal) (órgão); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa — [Cultura] em MF 21 — 94,3 mc/s — As 23: Musica de piano; 23 e 30: Festival de Salzburgo de 1968; 0 e 25: Quarteto n.º 1, em dó menor, op. 15 (Fauré) — solistas; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: E a o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 5: Na mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapason; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talsimá.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 6 e 04: Clube das Donas de Casa; 7 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 G-66; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: E a o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbiolac; 19 e 45: Crónica feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte da a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 5: Sô-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18: Saudação da tarde; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A nossa musica e os nossos artistas; 2 e 45: Tangos famosos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18: Uma Orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onça média — 88 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 das 8 e das 12 das 14 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 10 das 2 e das 19 e 30 das 22 — Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 das 10 e das 22 das 2 — Rádio Graça — Das 14 e 30 das 19 e 30.

Petroleum Company que agrupava os interesses ingleses (40 por cento), americanos (40 por cento), Royal Dutch Shell e Compagnie Française des Pétroles (20 por cento).

Perante estes dados, a palavra «revolução» não deixa de assumir aspectos um tanto

(Continua na pág. seguinte)

COISAS do pequeno «ecran»

HERB ALPERT é um dos muitos artistas que devem grande parte da sua popularidade à televisão.

Na verdade, o público americano descobriu um novo Herb Alpert através de um «show» especial de TV, série que foi transmitida em todos os Estados Unidos. O artista deixou por uns momentos, a sua trompeta e pôs-se a cantar. Interpretou uma só canção, o famoso cria-



Herb Alpert: a TV criou uma vedeta da canção

dor de «Tom Tijuana». Mas uma grande canção escrita pelo compositor norte-americano Burt Bacharach intitulada «Este rapaz enamorou-se de ti».

Uma semana depois deste programa ter ido para «o ar», a canção foi gravada em disco, a pedido de milhares e milhares de cartas dos espectadores do pequeno «ecran». Quatro semanas mais tarde, já tinha sido vendido um milhão de discos.

Herb Alpert é o grande «monstro» dos discos nos Estados Unidos, tocando a sua trompeta. Agora, utilizando a sua voz e, com uma única canção, continua a ser, também, o número um. E grande parte do seu êxito deve-o, não há dúvida, ao pequeno «ecran» da televisão.

TELERELAMPAGG — TEL. 83 12 23

ASSISTENCIA PERMANENTE AO DOMICILIO DE

TV

HIDRO-ELÉCTRICA DO ZÊZERE

S. A. R. L.

Sede — Avenida Sidónio Pais, n.º 24-1.º — LISBOA

Capital | Autorizado: 1 000 000 contos
Realizado: 640 000 contos

OBRIGAÇÕES DE 6 % — 1968

55 mil contos

Emissão de 55 000 obrigações do valor nominal de 1000\$00 cada

(Autorizada por Despacho de Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Tesouro de 18 de Outubro de 1968)

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

As obrigações são de cupão e vencem o juro à taxa anual de 6%, com isenção do imposto complementar e redução a metade do imposto de capitais, o que corresponde a uma taxa de rendimento líquido de cerca de 5,5% ao ano. Os juros semestrais, no valor de 30\$00 por obrigação, são pagos nos dias 1 de Maio e 1 de Novembro de cada ano, com início em 1 de Maio de 1969.

Haverá títulos de 1, 5, 10 e 20 obrigações.

A amortização será feita ao par, por sorteio, durante 24 semestres, a começar em 1 de Novembro de 1971.

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta de 28 de Outubro corrente a 5 de Novembro p. f. nos seguintes estabelecimentos de crédito, que tomarão firme a emissão:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco de Fomento Nacional
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Totta-Aliança
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Nacional Ultramarino

Banco Português do Atlântico
Banco Fonecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Borges & Irmão
Crédit Franco-Portugais
Montepio Geral
Banco de Angola
Crédito Predial Português

As obrigações são oferecidas ao público ao preço de 1000\$00 cada uma e serão integralmente pagas no acto da subscrição.

Os títulos definitivos serão entregues no prazo máximo de 6 meses.

Lisboa, 21 de Outubro de 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

TV DIA A DIA

(Continuação da pag anterior)

to... cómicos Resta saber até onde iria a curva do progresso iraniano se diminuisse a tal ostentação de riqueza da corte imperial persa a que muito justamente se referia o texto de «Em Foco». O que não seria possível fazer, por exemplo, em favor das pessoas simples com joias que valem cada uma 10 milhões de dólares?

MISSÃO IMPOSSÍVEL

Sim 10 milhões de dólares. não inventei nada. Era quanto valia a jóia que deu origem ao crime de que fora acusado um íntimo amigo de Jim. O pelotão da «Missão Impossível» resolve-se a esclarecer o problema e salvar o Jim's amigo.

Porquê «Missão Impossível»? Porque o tal amigo vai à cadeira eléctrica daí a horas. Impossível provar a sua inocência em tão curto lapso de tempo.

Mas para o pelotão não há impossíveis. Como resolvem o problema? Por fases. Primeiro, escondem o amigo na própria cela, criando uma parede artificial, por detrás da qual o amigo se esconde. As autoridades pensarão que ele se evadiu...

Não estejam a rir. Foi o que aconteceu. Se não quiserem acreditar, perguntem a quem viu.

FADO ANTIGO

(Continuação da pag. anterior)

Destinos chorados em estribilhos de dor:

Rosa enfeitada
Rosa humilde perfumada
Que a vida triste e chorada
O teu destino te deu
Rosa enfeitada
Final
Desventurada
Quem és tu?
Rosa enfeitada
Uma mulher que sofreu.

«Fados» esta noite na TV. A voz de Fernanda Maria, os trinados do trio, «Lisboa à Noite». Fado clássico, castiço! Fado que conta e vence os anos. Fado antigo. Marialva e os «Alamares» Fado que não morreu:

Comprei uns alamares
Pra enfeitares o teu varino
Quero-te à Marialva
À moda antiga.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203 r/c. — Telef. 771639.

(Ao Campo Pequeno)

A seguir, os compenhas descobrem tudo, utilizando máscaras, automóveis teicomandados, sinais que só ouve. Fingindo-se mecânicos da Companhia colocam um gravador no auscultador de um telefone. E é canja...

Como já lhe disse, o móbil do crime fora uma jóia no valor de 10 milhões de dólares, que pertencera à imperatriz Teodora («Teodora, não vás à sonora...»), que viveu no século quinto antes ou depois. Jim não se recorda bem.

Recordo, a terminar esta breve nota, que «Missão Impossível» mudou de figurino. Agora já não trabalham por conta do Governo dos Estados Unidos, mas sim por conta própria. Investigadores particulares por simples desportivismo.

Continuam, porém, a servir-se activamente da electrónica. Terão eles seguido o curso de electrónica básica da TV educativa?

M. C.

O MOTOR E O HOMEM

Novidades e evocação

(Cont. da pag. anterior)

organizado pela Federação Internacional de Automóveis Antigos, com a participação de carros nascidos entre 1905 e 1927). Outra rubrica do programa: O automóvel mais antigo existente em Portugal.

Trata-se de uma reportagem efectuada no Porto junto do mais velho «quatro rodas» existente entre nós. Por fim, virão duas rubricas lançadas para o futuro: Novos Modelos (apresentando tudo o que de mais moderno se lança e prepara, no mundo do motor, em Inglaterra, França, Canadá e Estados Unidos); e Asas da Pista. Nesta rubrica, fala-se dos grandes campeões do automobilismo mundial, dos seus esforços e preparação e fala-se, também, daqueles que procuram suceder-lhes amanhã, daqueles que querem ser corredores profissionais, «volantes» de eleição.

Observase, então, o funcionamento da Escola de Condutores de Brands Hatch, onde os jovens chegam, ricos de sonho e ilusão, em busca de fama, dinheiro e perigo.

Sociedade «ESTORIL»

SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTÁDIO NACIONAL

PORTUGAL-ROMÉNIA em Futebol

27 de Outubro de 1968

Partidas de Cais do Sodré das 13-28 às 15-06 h., e da estação do Estádio de da o fim do encontro.

Os comboios n.º 144 e 2104, que partem de Cascais, respectivamente, às 14-10 e 14-40, têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

155 CONTOS RENDEM-LHE 1.000\$00 MENSAIS

Informe-se nos Escritórios em:

LISBOA: Rua Condé Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670.

***Iniciaram-se hoje os estudos
para o aperfeiçoamento
de professores primários***

Como ontem largamente noticiámos, com o relevo que a iniciativa merece, decorrem em Lisboa, na Escola do Magistério Primário, desde hoje até sexta-feira, reuniões tendentes ao aperfeiçoamento dos professores primários portugueses.

A abertura das reuniões de trabalho presidiu o ministro da Educação Nacional, sr. dr. José Hermano Sarai-va. Com a sua presença, quis o ministro manifestar toda a atenção que lhe está merecendo a situação do professorado português, no duplo aspecto económico e profissional.

Não é segredo para ninguém que os professores primários constituem uma classe de essencial importância para a sociedade portuguesa. Nada é demasiado quando se trate de melhorar as suas condições de trabalho e rodeá-los daquela consideração social que a educação infantil *mais que nenhuma outra* justifica

Encontram-se em Lisboa
25 professores qualificados
em representação de Lisboa.

Porto, Coimbra, Aveiro e Braga. Após uma reunião ampla de todos os professores com o director-geral do Ensino Primário, dr. José Gomes Branco, receberam os mesmos professores instruções precisas por parte do inspector sr. Jaime Mota, sobre as matérias versadas neste curso restrito: Português, Aritmética, Ciências Geográfico-Naturais, Desenho, Trabalhos Manuais e Organização Escolar.

Tratados diversos assuntos relacionados genericamente com as disciplinas mencionadas, passam a reunir-se isoladamente os grupos de cada região para apreciação dos problemas específicos e organização de cursos mais amplos com os professores em exercício nas cidades já mencionadas.

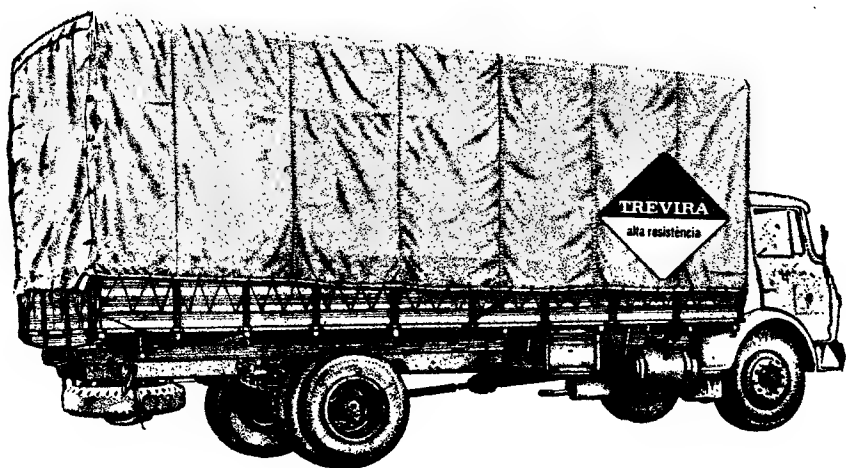
É grande a importância destes cursos de que virão a participar, ao que se julga, muitos milhares de professores. Melhor se compreenderá esta importância se nos lembrarmos de que, ao longo de mais de duas décadas de anos de trabalho ininterrupto e em meios pouco permeáveis

às inovações, à evolução das técnicas, o perigo da rotina é mais do que uma simples hipótese: é uma realidade — e bem triste.

Evidentemente que os cursos em perspectiva mais não fazem do que sublinhar a extrema necessidade de novas e poderosas golfadas de sangue novo na organização do professorado primário português.

I COLÓQUIO NO PORTO SOBRE MÁQUINAS- -FERRAMENTAS

PORTO, 24 — O secretário de Estado da Indústria, sr. eng.^o Amaro da Costa, preside esta noite à sessão de abertura do I Colóquio sobre problemas da indústria de máquinas-ferramentas, integrado na série promovida pela Associação Industrial Portuguesa e pelo Centro de Cooperação dos Industriais de Máquinas - Ferramentas (C.I.M.A.F.) e subordinado ao tema: «Importância e tendências da indústria de máquinas-ferramentas».



A experiencia destas firmas garante as vantagens dos encerados TREVIRA®

Albano & Miguel
Alvaro Figueiredo & C.
Camionagem Rosa d'Ouro, Lda.
Fábricas Triunfo, S. A. R. L.
Freitas & Araújo, Lda.
Oliveiras-Transportes e Turismo, S.A.R.L.
Sogrape
Transportes Jaime Dias

TREVIRA®

- São praticamente incombustíveis
- Resistem aos maiores esforços
- São impermeáveis e mantêm-se leves

Um fabrico da
SOCIEDADE TEXTIL DE BAIONA, LDA.
VIZELA

Confecção e Distribuição
FÁBRICA DE ENCERADOS DA RESTAURAÇÃO, LDA.
Rua da Restauração, 132 — P O R T O



Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 3 3/4 % ..	525\$	—	525\$
Consolidado 3 %	545\$	—	545\$
Consolidado 3 1/4 %	650\$	—	650\$
Cenitários 4 %	485\$	485\$	—
Obras Tesouro 5 %	002\$	001\$	003\$
Extrema 1 Série	—	775\$	800\$
Extremo 1 série c	—	845\$	850\$
Extremo 3 série	—	830\$	850\$
Extremo 3 série c	—	900\$	950\$
Gaufeiar 3 série	200\$	90\$	205\$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	485\$
A P I 5 % 56	—	925\$	—
A P I 5 % 58	925\$	925\$	—
C P A 12 % 65	—	915\$	920\$
C P B 12 % 67	—	010\$	018\$
C U - 6 %	990\$	985\$	992\$
C U - 5 % 68	002\$	1 000\$	—
Gas Elect 4 % 48	—	850\$	—
Gas Elect 4 1/2 % \$1	—	910\$	—
Gas Elect 5 % 52	910\$	900\$	—
Gas Elect 5 % 58	900\$	890\$	305\$
Gas Elect 5 % 59	—	885\$	910\$
Gas Elect 5 % 64	—	915\$	—
Gas Elect 5 % 63	—	915\$	—
Gas Elect 5 % 65	—	915\$	—
Gas Elect 5 % 67	—	1 020\$	—
H e A Alentejo 5 %	830\$	825\$	840\$
H e Cávoia 5 %	—	840\$	850\$
H e Cávoia 6 %	1 000\$	999\$	000\$
H e Doura 5 %	—	840\$	850\$
H e Doura 6 %	1 000\$	—	—
H E Norte Port 5 %	—	—	—
H e Estrela 6 %	—	000\$	—
H e Zêzere 5 % 55	—	845\$	—
H E Zêzere 5 % 57	—	840\$	—
Lisboa 6 %	1 002\$	001\$	—
Metropolitano 4 %	902\$	902\$	940\$
Metropolitano 5 3/4 %	1 010\$	010\$	—
Mocimboa 5 %	—	750\$	—
Nac Electr 5 %	—	835\$	840\$
N ratos 5 %	—	830\$	—
N ratos 5 % 60	—	820\$	—
Petroquímico 5 %	—	870\$	—
Port Celul 5 %	—	950\$	—
Sacor 5 % 54	—	—	940\$
Sacor 5 % 60	890\$	885\$	910\$
Sderurgia 5 % 2	—	830\$	840\$
Sderurgia 5 % 3	—	835\$	—
Sderurgia 5 % 4	—	—	—
Sonete 5 %	—	810\$	820\$
T A P 4 %	—	910\$	—
Termoelect Port 5 %	—	—	—
U E P 3 3/4 %	—	82\$	85\$
U E P 4 %	—	88\$	—
U E P 4 1/2 %	—	82\$	85\$
U E P 5 %	82\$5	82\$	85\$
U E P 5 % 60	—	850\$	870\$
U E P 5 % 63	—	855\$	—

ULTRAMARINAS	Efec.	Compr.	vendo
Diamantes Angola	1.155\$	50\$	160\$
H e Revue	—	600\$	—
Iha do Principe	—	—	—
Mocimboa	50\$	48\$	—
Sonete n	—	—	—
Sonete p	—	262\$	267\$
Zombézia	—	—	45\$
Diversos			
Alc	—	7.100\$	7 200\$
Lim Leira	—	1.750\$	850\$
Lim Feio	—	2 500\$	—
Co Navegação	—	—	620\$
C U	—	995\$	1 000\$
Ino Alanca	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	3 000\$
Port e Colónias	—	—	280\$
Port Celulose	3 070\$	—	3 070\$
Port Pesca	650\$	645\$	650\$
Port Tabacos	451\$	450\$	435\$
Sacor	4.700\$	4 650\$	4 750\$
Sderurgia Nac	—	1 050\$	—
Soce	—	2 080\$	2 10\$
Tapagos de Portugal ...	—	860\$	—
Tapalera	—	7 300\$	7 500\$
J e Azoto	675\$	672\$	680\$
Aqua Electricidade e Gas			
Aguas Lisboa p	—	385\$	393\$
Aguas Lisboa 34	—	390\$	—
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Elect Be na	—	1 500\$	1 550\$
Gas Elect	377\$	376\$	377\$
H e Alto Alentejo	157\$5	156\$	157\$5
H e Cávoia	1.240\$	235\$	1 245\$
H e Doura	1 206\$	205\$	1 207\$
H e Norte Portugal	—	325\$	—
H E s Estrela	—	1 500\$	1 750\$
H e Zêzere	—	1 315\$	—
Nac Electricidade	—	1 280\$	1 30

ÍNDICE

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	17/10/68	23/10/68	24/10/68
GERAL	103,0	103,5	103,5
METROP.	102,5	102,2	102,4
ULTRAM.	106,9	111,1	111,8

PAISES	Compras	Vendas
África do sul — Rand	36\$00	38\$50
América		
Dollars de 0 4	28\$25	28\$65
Dollars de 5 a 00...	28\$45	28\$85
Canadá — Dollar	26\$30	26\$80
Alemanha — Marco	7\$14	7\$30
Argentina — Peso	—	—
Austria — Schilling	\$08	\$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$50	6\$50
Espanha — Peseta	\$40	\$41,5
Holanda — Florim	7\$8-	8\$05
Inglaterra — Libra	67\$30	69\$50
Itália — Lira	\$04,54	\$04,7
Marracos — Dirham	4\$65	\$15
Bélgica — Franco	\$55	\$57
Francia — Franco	5\$54	5\$85
Suécia — Franco	6\$58	6\$78
Uruguaya — Coroa	3\$70	4\$05
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
ouro		
Inglaterra — Libra	3 5\$00	330\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	220\$00	240\$00
ouro Fino — Barra	36\$00	38\$50

J. BURNAY, L.^{DA} Notas estrangeiras
RUA DO OURO 72 Papéis de crédito
Tel. 321273

O «ANGOLA» LARGOU DE LISBOA COM 250 PASSAGEIROS NUM CRUZEIRO DA C. N. N.

Com cerca de 250 passageiros a bordo, o paquete «Angola» partiu esta manhã para um cruzeiro organizado pela Companhia Nacional de Navegação que, assim, continua a sua política de proporcionar férias no mar aos menos endinheirados.

O cruzeiro, idealizado de acordo com o lema «Conheça, Viva, Realize-se», proporcionará aos passageiros do «Angola» sete dias de vida a bordo, com todos os atractivos inerentes, além da possibilidade de visitar Palma de Maiorca, Ceuta, Tetuão e Tanger.

No primeiro ponto de escala, haverá uma excursão a Porto Cristo, com passagem por Manacor (célebre pelas suas pérolas) e visita às maravilhosas Cuevas del Drach, sobrando ainda tempo para admirar as belezas da prin-

cipal cidade da cosmopolita ilha do Mediterraneo. Em Ceuta, os participantes no cruzeiro terão possibilidades, após percorrer a cidade, de partir em autocarro para Tetuão e daqui para Tanger, de onde o «Angola» largará de rumo a Lisboa onde chegará na manhã do dia 30.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O presidente da Câmara Municipal do Concelho de Loures, teve a amabilidade de nos enviar um simpático ofício, no qual agradece «com vivo reconhecimento» o relevo dado pelo «Diário de Lisboa» às cerimónias realizadas na vila de Sacavém, no passado dia 20 do corrente.

O ESTADO DE SAÚDE DE SALAZAR

E' do seguinte teor o ultimo boletim medico sobre o estado de saude do Presidente Salazar, ontem divulgado ás 21 e 15 na Casa de Saude da C. V. P.:

«Mantêm-se as melhoras assinaladas no boletim de ontem. No entanto, ainda não se verificou qualquer recuperação da paralisia resultante do acidente vascular cerebral.

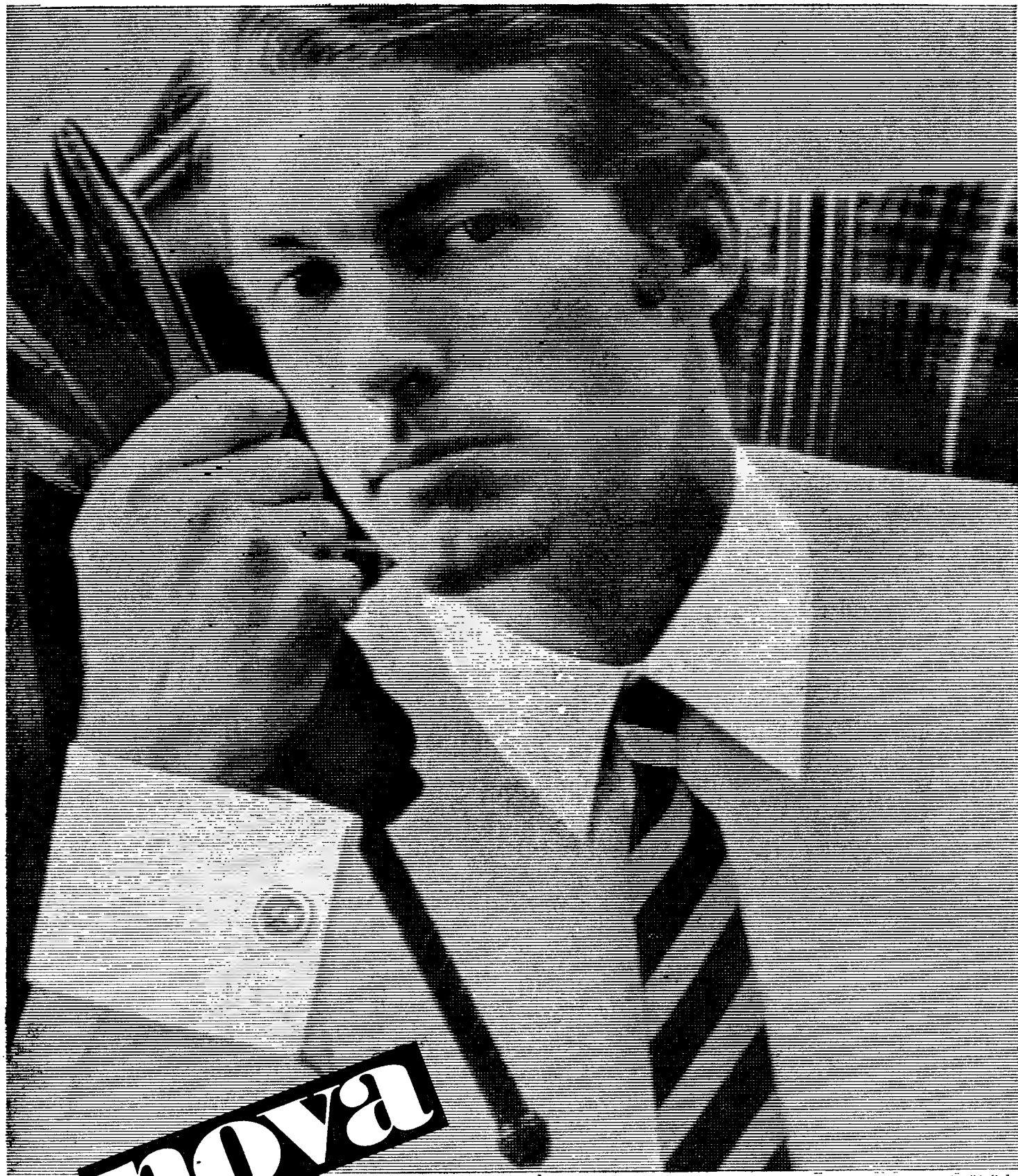
A situação respiratória tem vindo a melhorar progressivamente, tendo estado nas últimas 24 horas cerca de 6 horas com respiração espontânea.

A alimentação continua a ser feita por sonda nasogástrica.

As 20 horas os valores registrados eram os seguintes:

Temperatura — 36,5.

Tensão arterial — máxima 15; mínima 8,5.
Pulso — 80 pulsações por minuto.
Prognóstico reservado. »



69.31.7.1P

Camisas Stoffels splendesto® Duas vezes mais duráveis!

De uma forte resistência o novo tecido fabricado pela Stoffels, acaba com os problemas da constante deformação do colarinho e dos punhos que geralmente sofrem mais na lavagem.

Verifique em si próprio estas novas qualidades da Camisa Stoffels splendesto... O colarinho mantém-se sempre impecável e os punhos permanecem firmes e perfeitos.

Resultados? — Formidável! —

A melhor Camisa:

- Tem uma autêntica vida dupla, graças à única e resistente textura agora utilizada no colarinho e nos punhos.
- Mais saudável e agradável de vestir pois absorve a transpiração por ser o corpo da camisa de fina popelina de 100% algodão puro.
- Fácil de lavar, também na máquina.
- Nunca precisa ser passada a ferro.

Camisas Stoffels splendesto —
De corte distinto e perfeito.
Sempre permanecem
impecáveis. À sua escolha:

- Em branco e em cores suaves com um colarinho suplente
- Ao preço de Esc. 200\$00
- Também em qualidade super-leve cambráia Esc. 210\$00



Símbolo do Algodão
Mais saudável
Mais confortável



TECIDO SUÍÇO



FIQUE MILIONÁRIO JOGANDO NO AGENTE MAIS PRÓXIMO DA SUA CASA OU DO EMPREGO

R. CONDE REDONDO, 93-B
CAMPIÃO & CIA.
Lotarias e Totobola

R. ACTOR ISIDORO, 1-A
HAYANEZA DA ALAMEDA
Tabacarias-Novidades-Livraria

PRAÇA DO AREÍRO, 5-A
CAMPIÃO & CIA.
Sempre bons prémios

LARGO DO CARMO
QUIOSQUE DO CARMO
Valores selados-Lotaria

R. D. JOAO V, 5-C/7-A
«EQUIPA»
Tabacarias-Livros-Novidades

R. SARAIVA CARVALHO, 143
TABAC. «A CONCORRENTE»
Revistas-Livros-Lotaria

R. FERREIRA BORGES, 98-B
CASA NOVA ESTRELA
Inscrições desde 36\$50

R. MORAIS SOARES, 101
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários há um século

AV. E. U. DA AMÉRICA, 42
TAB. da PAST. NOVA IORQUE
Tabacos-Revistas-Jornais-Lot.

AV. DE MOSCAVIDE, 13
CAMPIÃO & CIA.
Jogue e a «sua hora» chegará

ROSSIO, 42
CASA TRAYASSOS
Sempre dinheiro às mãos cheias

ROSSIO (R. DO AMPARO, 2)
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários desde 1840

P. FIGUEIRA (R. AMPARO, 2)
CAMPIÃO & CIA.
Apostas de 3\$ a 2391484\$50

R. 1.º DE DEZEMBRO, 65
TABAC. DO CAFÉ NACIONAL
Tabacos, Bijuterias, Totobola

AV. DA LIBERDADE, 126
TABACARIA DO CAFÉ LISBOA
Jogue nas nossas séries

R. DA PALMA, 43
CASA TRAYASSOS
Sempre dinheiros aos maços

R. DO ARSENAL, 78
CAMBISTA TESTA
Jogue no Testa e terá festa

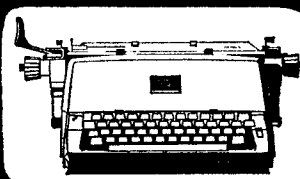
O PALPITE DE HOJE É DA
TABACARIA DA PAST. CAPRI
1-1-X-1-1-1-1-X-1-1-1-1
AV. DE ROMA, 1-A

HERMES



A MÁQUINA
DE ESCREVER
COMERCIAL
ROBUSTA E
PERFEITA

(CARRETOS DE 33, 38 E 47 cm.)



EST. M. SIMÕES JR.

S. A. R. L.

68, RUA DA PRATA LISBOA
208, RUA S. ANTÓNIO PORTO

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em
boas condições. Tran-
sacções rápidas. Si-
gilo absoluto.

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-20
TELEFNS 52248-556580

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita
em relevo executado em placa de
cobre ou cunho de aço de abso-
luta necessidade em praxes pro-
focolares para pessoas de distin-
ta condição social bem como de
bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

MEXICO 68 A HORA OLÍMPICA

Natação: supremacia americana

CIDADE DO MÉXICO, 24 — (F. P.) — A prova individual de estrada, última das competições olímpicas de ciclismo, decorreu sob um belo sol.

A primeira volta é dada em 33 m. 47,5 s pelo grosso do pelotão conduzido pelo alemão de leste Koslar. A uns 40 segundos segue um pequeno grupo. Na segunda volta verifica-se uma fuga (quando já há uns cinquenta corredores deixados para trás) em que tomam parte o espanhol Lasa, o italiano Bramucci, o dinamarquês Hansen, o húngaro Takacs e o russo Neliebin os quais têm no final 20 s. de avanço sobre os mais próximos. Na terceira volta o pelotão anula o atraso mas por pouco tempo, pois dá-se nova escapada do jugoslavo Valencic, do alemão de leste Koslar, do russo Shoukov, do mexicano Juarez, do irlandês Doyle, do dinamarquês Hansen, do húngaro Takacs e do belga Monsere.

O tempo aquece, o que, a mais de 2300 metros de altitude, afecta terrivelmente os corredores registando-se muitas desistências, entre elas a do inglês Leslie West, segundo no campeonato do mundo de 1966.

Na sétima volta, o dinamarquês Leif Nortensen ataca e passa com 15 s de avanço sobre o italiano Vianelli que vem fazendo uma persistente e magnífica recuperação. Na última volta, o italiano mostra-se irresistível alcança Mortensen, ultrapassa-o e distanciando-se de todos os seus rivais termina destacado com 1 m. 35 s. de avanço sobre Mortensen.

Pierfranco Vianelli causou extraordinária impressão nos últimos quilómetros da corrida, tornada extremamente difícil pelo calor e pelo vento. Trata-se de um atleta de 1,77 m, pesando 73 kg, que festejou o seu 22.º aniversário há três dias. Os seus compatriotas não lhe regateiam elogios afirmando que ultrapassará Felice Gimondi e Gianni Motta os actuais maiores campeões ciclistas italianos.

As competições de natação proporcio-naram-nos «records» olímpicos e do mundo. Nos 2000 metros bruços (senhoras), a jugoslava Bjedov, campeã olímpica dos 100 metros, toma vantagem logo à partida, dá a primeira volta à cabeça

(diante de Wichman e Prozumezhikova) mas aos 100 metros estas vão à frente e a jugoslava recua para terceira posição. Aos 150 metros, a russa continua a comandar seguida pela americana e pela jugoslava. Nos últimos 50 metros a russa fraqueja e a americana destaca-se, ao passo que a jugoslava se coloca em segunda posição. A prova termina sem alteração desta ordem, conseguindo a americana Sharon Wichman estabelecer novo «record» olímpico com o tempo de 2 m. 44,4 s.

Ao sair da água a soviética Prozumezhikova sentiu-se mal disposta. No final da cerimónia protocolar foi acometida de nova vertigem. Subira ao «podium» e mal se pudera manter de pé durante a cerimónia. Ainda não terminara o hino americano e já ela destalecia,

tendo sido levada por dois enfermeiros.

Burton e Hutton aos 200 metros têm um comprimento de avanço sobre Mosconi. Aos 300 metros, Burton vira com meio comprimento de avanço sobre o canadiano. Nos últimos 100 metros as posições não terão alteração e Burton triunfa como se gabara de que seria capaz.

Terminadas as provas de atletismo baixou notoriamente o interesse pelos Jogos Olímpicos. E são ainda do atletismo as mais impressionantes imagens que chegam do México, como estas, em que vemos duas atletas a triunfarem nas suas eliminatórias de 100 metros — pelo nariz!



DES POR TO

A pontuação de Esbela da Fonseca

Nas provas de ginástica ontem disputadas (exercícios à escolha) a portuguesa Esbela da Fonseca registou a seguinte pontuação:

Barras assimétricas: 8,55; trave: 7,90; mãos livres: 8,55; pinto: 8,40.

PARA
VENDER MAIS
É ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIO
INFORMAR MAIS!

OS DUPLICADORES POLIGRÁFICOS

REX-ROTARY

AUMENTAM O CONTACTO
COM OS SEUS CLIENTES



OFERTAS OPORTUNAS, MENSAGENS DE VENDA,
INSTRUÇÕES COMERCIAIS E ATÉ MESMO
IMPRESSOS PARA A SUA ORGANIZAÇÃO.
TUDO SE PODE FAZER NO SEU PRÓPRIO
ESCRITÓRIO COM IMENSA FACILIDADE
E A UM CUSTO MÍNIMO

PEÇA HOJE MESMO UMA DEMONSTRAÇÃO DUM DUPLICADOR

REX-ROTARY

SEM QUALQUER COMPROMISSO
OS NOSSOS ESPECIALISTAS ESTÃO À SUA DISPOSIÇÃO

REPRESENTANTES:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
68, RUA DA PRATA, TEL. 3615 45 — LISBOA
202, R. S.º ANTONIO, TEL. 215 82 — PORTO
62, R. D. DIAGO SOUSA, TEL. 24979 — BRAGA

AS MEDALHAS

Era a seguinte a distribuição de medalhas olímpicas no fim do 11.º dia de provas:

	Ouro	Prata	Bronze
Estados Unidos	35	22	24
União Soviética	15	18	16
França	7	1	4
Alemanha Oriental	5	4	5
Hungria	4	6	9
Austrália	4	6	4
Grã-Bretanha	4	4	3
Japão	4	2	1
Polónia	4	0	7
Alemanha Ocidental	3	7	7
Quénia	3	4	1
Roménia	3	3	0
Checoslováquia	4	1	1
Itália	2	4	8
Holanda	2	3	1
Pérsia	2	1	2
Suécia	2	1	2
Turquia	2	0	0
Dinamarca	1	4	1
México	1	2	0
Etiópia	1	1	0
Finlândia	1	1	0
Jugoslávia	1	1	0
Nova Zelândia	1	0	2
Tunísia	1	0	1
Bulgária	0	3	1
Austria	0	2	1
Canadá	0	2	0
Cuba	0	2	0
Mongólia	0	1	3
Suíça	0	1	3
Bélgica	0	1	1
Brasil	0	1	1
Jamaica	0	1	0
Noruega	0	1	0
Argentina	0	0	1
Formosa	0	0	1

OS JOGOS OLÍMPICOS E REX ROTARY

50 milhões de impressões em 15 dias tal é a tarefa a cumprir no México pelas máquinas Rex-Rotary.

Escolhidas, entre as grandes marcas mundiais, para transmitir todas as informações rapidamente aos órgãos de informação, 300 máquinas Rex-Rotary (duplicadores de stencil, off-set e de álcool) funcionam intensamente na cidade do México durante toda a duração dos jogos.

Este trabalho cíclico só podia ser confiado em exclusivo a uma marca de confiança. Por essa razão a preferência foi dada à Rex-Rotary.

VOCÊ NÃO VOA PARA A AMÉRICA DO NORTE TODOS OS DIAS...



Por isso aproveite o máximo de viagem. E o máximo só a Canadian Pacific Airlines lhe pode oferecer. Porque só a Canadian Pacific o pode levar — directamente de Lisboa e Santa Maria para os Estados Unidos ou México — via Canadá.

Sim — Você poderá voar para estes dois países, fazendo escala pelo Canadá. A sua oportunidade de conhecer a fabulosa Montreal, sem mais encargos! E por que não levar consigo a sua esposa e filhos? Eles pagarão a ida. Do regresso encarrega-se a CPA!

A CANADIAN PACIFIC é a única companhia de aviação que o leva, em voo directo, de Lisboa e Santa Maria para o Canadá.

De Montreal, você pode voar directamente, para as principais cidades canadianas — até à Costa do Pacífico. E também directamente, para os Estados Unidos e México. E ainda para a América do Sul, Oriente e Sul do Pacífico.

Goze todo o conforto dos jactos da CANADIAN PACIFIC — os novos DC 8 — — «SpaceMaster» ou «Empress» — e aprecie a cordialidade do seu pessoal — falando português consigo — tanto a bordo como em terra.



Informe-se no seu agente sobre a CANADIAN PACIFIC, ou envie-nos este cupão e recebe gratuitamente todas as informações sobre as nossas tarifas especiais para o continente Norte Americano.
Desejando utilizar o voo da CANADIAN PACIFIC para as Américas, agradeça que me informasse sobre:

() a minha escala no Canadá — em trânsito para os Estados Unidos ou México.
() o desconto de 50% nos voos da CPA em território canadiano e nos Estados Unidos.
() as tarifas especiais da CPA (quase metade do preço) para a minha família, respeitantes à viagem de regresso para e da América do Norte.

NOME: _____

MORADA: _____

Consulte o seu agente de viagens ou a:

CPA
CANADIAN PACIFIC AIRLINES

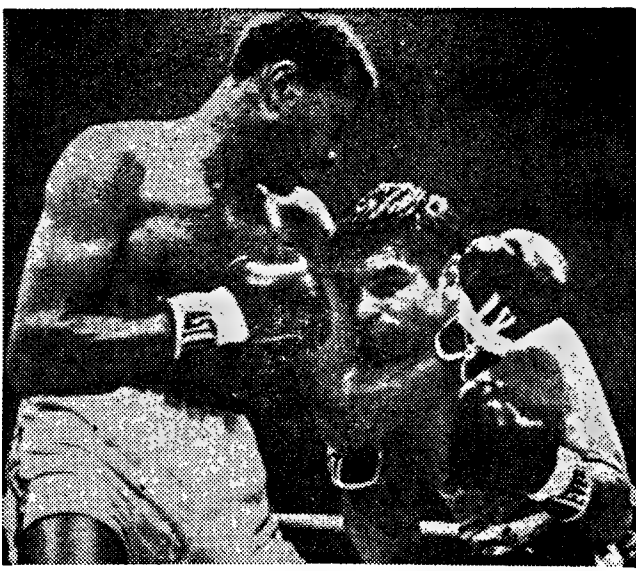
LISBOA — Av. da Liberdade, 261 — Telef. 55 61 92/3/4
AÇORES — Ponta Delgada — Av. Infante D. Henrique
Telef. 2 27 22

Reservas da A. F. L.

BENFICA-SPORTING AMANHÃ À NOITE NO ESTÁDIO DA LUZ

Em desafio que pode considerar-se decisivo, Benfica e Sporting defrontam-se amanhã à noite, às 21 e 45, no Estádio da Luz, em jogo a contar para o campeonato distrital de reservas da A. F. L.

Ainda invicta no torneio a turma dos «leões» se alcança o triunfo na Luz, pode considerar-se vencedora da competição. Mas é de admitir que os «encarnados» procurem contrariar as pretensões adversárias de molde a que possam ainda aspirar ao êxito final.



Curtis Coker mantém o título mundial dos meios-médios. No combate realizado na noite de segunda-feira, em Nova Orleães, o argentino Ramon La Cruz foi vencido, aos pontos, pelo negro americano, cuja superioridade foi unanimemente reconhecida. Aqui temos uma fase do combate em que se vê La Cruz em situação difícil

MAIS SEIS EQUIPAS APURADAS PARA A TAÇA DE PORTUGÁL

Mais seis equipas ficaram apuradas para a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal. Os resultados dos jogos de desempate ontem realizados determinaram a continuidade na competição das equipas do Tirsense (4-1 ao Riopelle), Rec. Algés (2-1 ao Sarilhense), Naval 1.º de Maio (4-1 ao Bragança), Desportivo das Aves (3-0 ao Torres Novas), S. C. Estrela (2-1 ao Almada) e Desportivo de Beja (2-1 ao Gil Vicente, ao 132.º minuto),

que irão juntar-se às trinta turmas já apuradas desde o passado domingo: Lusitano de Évora, Montijo, Covilhã, Portimonense, Vila Real, Vizela, Farense, Marinhense, Sintrense, Lamas, Barreirense, Peniche, Celoricense, Famalicão, Grandolense, Tramagal, Juventude, Vasco da Gama, Vianense, Olhanense, Nazarenos, «Os Leões», Fafe, Beira-Mar, U. de Leiria, U. da Guarda, Almeirim, Sacavenense, Ferroviários e Feirense.

Estão, assim, qualificados trinta e seis clubes, faltando apenas determinar os apurados dos jogos Penafiel-Leça, a disputar no próximo domingo, e Odivelas-Alhandra, cuja data ainda não foi fixada.

REUNIU-SE O CONGRESSO DA F. P. GINÁSTICA

Sob a presidência do eng.º Carlos Abreu Faia, reuniu-se, em sessão ordinária, o Congresso da Federação Portuguesa de Ginástica, para apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1967-68.

Ambos estes documentos foram aprovados por unanimidade.

Antes, porém, de se entrar na ordem dos trabalhos, o presidente da Federação, major Garcia Alvarez, referiu-se a uma exposição enviada à D. G. D. por um clube filiado (o Lisboa Ginásio), cujo conteúdo considerou ofensivo para o presidente do Congresso. Por proposta do major Garcia Alvarez, foi então decidido enviar ao director-geral dos Desportos um telegrama de «sentido repúdio agraço cometido pessoa ilustre presidente deste Congresso».

Todos os delegados dos clubes presentes aprovaram o texto, com excepção, natural, do L. Ginásio, cujo delegado explicou o sentido da exposição do seu clube.

BORDEUS: VINHO, SIM ÁGUA, NÃO

BORDEUS, 24 — (R.) Os jogadores da equipa de futebol do Bordeaux recusam-se a usar nas suas camisolas anúncios de uma companhia de água mineral. Um dirigente do clube afirmou: «É difícil de imaginar os jogadores do Bordeaux, cujo nome sómente evoca vinhos de renome mundial, fazendo publicidade de água mineral.»

«NACIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

BENFICA E C. OURIQUE ENTRARAM COM O PÉ DIREITO...

Numeroso público no Pavilhão dos Desportos, para assistir aos dois primeiros jogos da fase final do campeonato metropolitano de hóquei em patins, encontros em que se defrontavam os apurados da Zona Sul.

Os resultados foram os seguintes: Campo de Ourique-Parede 6-1; Benfica-CUF, 7-2.

Desfechos para além da expectativa, até por de antemão não poder considerar-se favorita qualquer das equipas.

Mas sucedeu e sem margem para quaisquer reparos,

porquanto a superioridade dos vencedores foi evidente.

No primeiro jogo, o Parede esteve irreconhecível. A equipa tem, é um facto, atenuantes — a fadiga resultante do jogo da véspera foi evidente — e também, na 1.ª parte, foi demasiado infeliz, mas o Campo de Ourique esteve bastante bem, principalmente após o intervalo e só veio a consentir o gol do adversário quando já vencida por 6-0.

No jogo principal, sem dúvida um dos mais importantes da competição, os «cufistas» em todo o encontro tiveram maior preocupação defensiva que atacante e a tática resultou até ao intervalo (2-0) e mesmo até após este, mas os «encarnados», obtendo mais dois golos e consentindo em contra-ataques cufistas outros tantos, acabaram por marcar sete golos a Vitor Domingos, o que não é vulgar.

O Benfica fez excelente exibição, mostrando todos os seus elementos excelente

forma e quando assim sucedeu, é difícil encontrar-se adversário capaz de o desfeitar.

Sob a arbitragem, respectivamente de Fernando Rodolfo e Carlos Bica alinharam e marcaram:

CAMPO DE OURIQUE — Luís Alves; Vaz Guedes (1), Barreto, Catarino (1), Almeida (4), Albino e Jorge.

PARADE — Branco; Dinis, Leitão, Barão (1), Alexandre, Amílcar e Coelho.

BENFICA — C. Alberto; Casimiro; Garrancho (2), J. Vicente (3), Livramento (2), V. Sousa e Fausto.

C. U. F. — V. Domingos; J. Carlos, Mário (1), Leonel, J. António e Fernandes (1).

Nos jogos disputados no recinto do Infante de Sagres, no Porto, respeitantes à zona Norte, os resultados foram os seguintes: F. C. Porto-Carvalhos, 2-1; Valongo-Ac. de Espinho, 0-0.

Próxima jornada, no sábado: F. C. Porto-Valongo; Ac. Espinho-Carvalhos; Parede-CUF e Benfica-C. Ourique.

A JORNADA DE ONTEM DO FUTEBOL EUROPEU

LONDRES, 24 — (A.N.I.) — Resultados dos encontros de futebol ontem disputados nos torneios internacionais:

QUALIFICAÇÃO PARA O CAMPEONATO MUNDIAL — Grupo três: País de Gales-Itália, 0-1 (0-1 ao intervalo).

Grupo quatro: Irlanda do Norte-Turquia, 4-1 (1-1). «Taça das Cidades com Feiras» — Segunda «mão» da primeira eliminatória: Leeds United (Inglaterra)-Standard de Liege (Bélgica), 3-2 (ao intervalo 0-1). O Leeds passa à segunda eliminatória, com 3-2 nos dois jogos.

Grasshoppers de Zurique (Suíça)-Nápoles (Itália), 1-0 (0-0). (O Nápoles qualificou-se, com 3-2 nos dois encontros).

Segunda eliminatória, primeira «mão»: Aberdeen (Escócia)-Real Saragoça (Espanha), 2-1 (1-0). Chelsea (Inglaterra)-DWS de Amsterdão (Holanda), 0-0.

MAIS DOIS CLUBES QUE SE INICIAM NO PUGILISMO

O ambiente de ordem e disciplina que a direcção da F. P. de Boxe tem imposto à modalidade está a dar os seus frutos. A Federação Portuguesa de Boxe conta com mais duas inscrições: a do Tarujense Futebol Clube e a do Clube Futebol Estrelas de Alvalade.

Dois dois, o clube e Alvalade é o melhor equipado pois possui além de sala, um saco, um «punching-ball» e bolas medicinais. Precisa de luvas de treino, aliás como o Tarujense.

Esperemos, contudo, que os dois clubes consigam obter o material de que necessitam através do Fundo do Fomento Desportivo.

Ambas as agremiações participarão no Torneio Preparação que principiará em 5 de Novembro, desde que o ringue oferecido à Federação pelo Fundo e Fomento do Desporto tenha sido completado pelo respectivo construtor visto que, o mesmo, por não obedecer às especificações fornecidas pela Federação, não construiu o ringue com todos os requisitos técnicos. Salvo esta possível eventualidade, no torneio participarão pugilistas dos seguintes clubes: Sporting, Rio de Ja-

neiro, G. D. Mouraria, Ginásio do Sul, Tarujense, Estrelas de Alvalade.

É de esperar que a competição decorra com interesse e animação.

PATRICIO ALVARES



INSTANTÂNEOS

O FRANGO DOS «PARODIANTES»



Há quem tome o futebol pelo lado trágico, trazendo a alma de luto quando o seu clube perde. Mas existe, também, e felizmente, quem dele extraia o lado salutar, traduzido num humor que a todos diverte e a ninguém ofende.

Este arrazoado vem a propósito da entrega do «frango de prata», instituído pelos «Parodiantes de Lisboa», a Armando, do Sporting de Braga.

Mesmo sem elas (batatas) o frango não terá, certamente, cádmio mal ao valoroso guarda-redes.

O CHORO DE COLETTE

O dia em que triunfou na prova de 400 metros dos Jogos Olímpicos já-mais esquecerá a Colette Beson. A graciosa francesinha passou, em pouco tempo, por diversos estados de espírito: ansiedade anterior à corrida, alegria sentida ao porém, preso em má altura (mas haverá uma

altura boa para alguém ser preso?).

Se Ferreira abandonar tão auspiciosa carreira, será, realmente, uma grande «pena»...

ATITUDE NÃO É PROBLEMA

Manuel Ferreira apresentou tardamente a sua candidatura aos Jogos Olímpicos. Ao tentar evadir-se da Cadeia Civil do Porto, o excêntrico «atleta» saltou 6 metros em comprimento e de uma altura de 4 metros, numa prova mista e arriscada.

Trata-se, pois, de um elemento com muitas qualidades, que, certamente, não estranharia a altitude do México. Foi, cortar a meta e emoção ao escutar a «Marselhesa».

De entre as pessoas que a felicitaram após o êxito, alguém a terá avisado na hora da felicidade: «Ri-te, ri-te, que logo choras!»

PORTUGUESES NO XADREZ

Uma equipa portuguesa está no xadrez, na Suíça. Desporto para intelectuais, ensina a mudar os peões e a mexer nas damas sem que o parceiro se aperceba das intenções de quem joga.

Modalidade que não goza do favor das multitudes, apaixonada, no entanto, muita gente, inte-

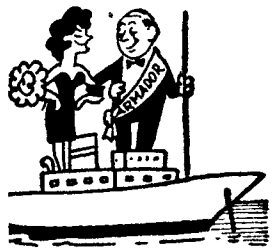
ressada nas suas combinações.

Há quem entre subitamente nos segredos do xadrez e quem passe anos sem os desvendar. É tudo uma questão de vocação.

JACKIE E O ARMADOR

Jackie ex-Kennedy já tem aquilo que muitas equipas de futebol não têm: um armador de primeira categoria. Quantas se podem gabar de contar com um de tanta experiência, estratégia cheio de visão a qual lhe proporcionou já a obtenção de tão bons resultados?

Sim, quantos grupos há por aí que não vin-



Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

Portugal-Roménia	1
Chaves-Vila Real	X
Mirandela-Vizela	2
Lamas-Feirense	1
Naval-Marinhense	1
Algés-Casa Pia	2
U. Leiria-Ferroviário	1
Odivelas-Nazarenos	1
Beja-Grandolense	1
Farense-C. Piedade	1
Olhansen-Juventude	1
Ferroviário-Caála	X
Textáfrica-Ferr. Beira...	1

Leia a Revista PALPITE e aumente as probabilidades de ser totalista no Totobola.

NOVO CALENDÁRIO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ATLETISMO

CIDADE DO MÉXICO, 23 — (F. P.) — O Comité de Atletismo que o ano passado decidiu organizar os campeonatos da Europa de dois em dois anos (os próximos realizar-se-ão em 1969, em Atenas, e em 1971, em Helsínquia), reconsiderou a sua posição.

No relatório que Adrien Paulem (Holanda) apresentou na capital mexicana à Federação Internacional de Atletismo, o presidente do Comité da Europa faz notar que após inquérito efectuado junto das Federações Europeias, a grande maioria dos países é favorável à organização de campeonatos da

Europa apenas de quatro em quatro anos, alternando com os Jogos Olímpicos.

Nestas condições, será proposto na próxima reunião do Comité da Europa, marcada para princípios de Novembro em Bruxelas, o seguinte calendário:

1969 — Campeonatos da Europa, em Atenas; 1970 — Taça da Europa; 1971 — Campeonatos da Europa, em Helsínquia; 1972 — Jogos Olímpicos, em Munique; 1973 — Taça da Europa; 1974 — Campeonatos da Europa; 1975 — Taça da Europa; 1976 — Jogos Olímpicos; 1977 — Taça da Europa; 1978 — Campeonatos da Europa.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 55 51 34
As 15.15 e 21.30 (Adultos)
Petúlia... uma mulher sem preconceitos para quem o amor tinha o sabor das coisas proibidas!

PETÚLIA

...O FILME INVULGAR
(Technicolor)

Um filme de Richard Lester
c/ Julie Christie, George C. Scott, Richard Chamberlain
(Dr. Kildare), Joseph Cotten.

CONDES

Tel. 322523 e 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)

7 NOIVAS
PARA 7 IRMÃOS

com Jane Powell — Howard Keel
e Rurs Tamblyn

TIVOLI

Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite (M. 17 anos)
2.ª SEMANA

Na tela gigante de 70 m/m
BANDOLERO
c/ James Stewart, Dean Martin
e Raquel Welch

SÃO JORGE

Tel. 54154
As 15.15, 18.15 e 21 e 30
(M. 17 anos)

4.ª SEMANA
O melhor filme do ano
— 5.ª SEMANA —
NO CALOR DA NOITE
com Rod Taylor e Sidney Poitier

MUNDIAL

Tel. 53 87 43
As 15.15 e 21.30 (12 anos)
Julie Andrews e James Fox
num filme de sensação

MILLIE, RAPARIGA MODERNA
2.ª semana de enches
SO A NOITE:
O Conjunto «Belle Époque»

IDEAL

Tel. 324194
As 21 horas (M. 17 anos)
ADULTERIO A ITALIANA
HOTEL DO NORTE

ALVALADE

(Adultos) — Color Tel. 763080
As 15.45 e 21.45

um filme esfuante, passado
na actual capital da Europa —
Carnaby Street
**DUAS RAPARIGAS
EM LONDRES**

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30

Um filme esfuante, passado
na actual capital da Europa —
Carnaby Street
**DUAS RAPARIGAS
EM LONDRES**
com Rita Tushingham
e Lynn Redgrave

ESTÚDIO

4.ª SEMANA Tel. 553134
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)

Um filme de Francis Coppola,
c/ Elizabeth Hartman, Geraldine Page e Peter Kastner
A NOITE É PERVERSA

ROMA

Tel. 727778
As 15.30 e 21.45

5.ª SEMANA (Adultos)
Inauguração da temporada
**ONDE ESTAVAS TU
QUANDO AS LUZES
SE APAGARAM?**

com Doris Day, Terry Thomas
e Robert Morse
METROCOLOR

ODEON

Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.)
e às 21.30

5.ª SEMANA TRIUNFAL
do filme português
ESTRADA DA VIDA

Que atitude deve tomar uma
mulher perante uma infidelidade
do marido? Perdoar-lhe
ou abandoná-lo?
c/ Paulo Renato e Laura Soveral
(Maiores 17 anos)

LIZ

As 15 e 21 h. (Adultos)
**QUEM BRINCA COM
O FOGO QUEIMA-SE
A VOLÚPIA DO CRIME**

EUROPA

(Adultos) Tel. 66 10 16
As 15.15 e 21.30

Panavision — Metrocolor
com George Mahans e Robert Morse
**DEPRESSA ANTES
QUE DERRETAS**
ou como amar a 60 graus
abaixo de zero!

EDEN

(Adultos) Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45

No exotismo da costa do
HAWAII, a sedução de uma
mulher com o fogo no corpo
e aventura no olhar
**VINGAR PRIMEIRO
AMAR DEPOIS**
com Richard Boone, Vera Miles
e Joan Blondell

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30

4.ª SEMANA
Super Panavision — 70 m/m
**2001: ODISSEIA
NO ESPAÇO**
HOJE, 24, às 18.30 (Adultos)
UM CACHO DE UVAS
AO SOL
Amanhã, 25 às 18.30 (12 anos)
MULHER FELINA

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45

A obra-prima
de François Truffaut
em 2.ª semana
«Palma de Ouro»
do Festival de Cannes
**OS QUATROCENTOS
GOLPES**

CHIADO
TERRASSE

Tel. 320917
As 15 e às 21 h. (M. 17 anos)
**ÓDIO QUE GEROU AMOR
QUEDA NO ABISMO**

CASINO
ESTORIL

Tel. 26 07 29
As 17 e às 21.30 (M. 17 anos)

**O ÚLTIMO COMBOIO
DO KATANGA**
com Rod Taylor, Yvette Mi-
mieux, Jim Brown e Kenneth
More.

POLITEAMA

Tel. 326305
HOJE, á noite, às 21.30

2.ª SEMANA
SENSACIONAL CRIAÇÃO
DE LEE MARVIN EM
SARGENTO RYKER
com Bradford Dillman e a
formosa vedeta Vera Miles
**ERA UM HEROI OU UM
TRAIDOR?**
(Coi.) (Maiores 12)
Hoje, às 18.30 / Sessão Clássica
(Adultos)

AVIS

Tel. 47163
As 15.30 e 21.45

(Adultos) 2.ª SEMANA
Tony Kendall, Brad Harris,
Nick Jordan e Gloria Paul
no mais espectacular filme
de aventuras:
OS 3 SUPER-HOMENS
EASTMANCOLOR

LIDO

Tel. 93 75 93 — AMADORA
As 21.30 (M. 17 anos)

Um filme de «suspense»
do excepcional realizador
Otto Preminger
**ANATOMIA
DE UM CRIME**
Magnifico desempenho de
James Stewart e Lee Remick

RESTELO

Tel. 61 03 75
As 21.30 (Adultos)

O VALETE DE OUROS
c/ George Hamilton, Joseph
Cotten, Marie Laforet.

IMPERIAL

As 15 e 21 h. (M. 12 anos)
O AGENTE DIABOLICO
AS ARMAS DA VINGANÇA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e
23: «Grande Poeta é o Zé» (17
anos)
MONUMENTAL — As 20 e 45 e às
23: «Lisboa é sempre mulher»
(17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: «Os 10 Gladiadores» (12 anos)
CINEARTE — As 21: «A fera amansada» (12 anos)
PARIS — As 21: «O Rei dos dolores» (17 anos)
JARDIM — As 21: «O massacre em Chicago» (17 anos)
ROYAL — As 21: «Os Libertadores» (12 anos)
OLIMPIA — As 21: «Boa Sorte Gringo» (12 anos)
SALÃO LISBOA — As 19: «Festas Galantes» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Um estranho em casa» (17 anos)
ORIENTE — As 21: «Doze indomáveis potifes» (17 anos)
PROMOTORA — As 21: «Um mordomo no Far-West» (12 anos)
ENCARNAÇÃO — As 21: «O meu funeral em Berlim...»
UNIVERSAL — As 21: «Homicídio em S. Francisco» (17 anos)
BOMB V LOURES — As 21 e 30: «A carga da Brigada Azul» (17 anos)
SPORT L BENFICA — As 21 e 15: «Com jeito va... Cow-boy» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «A força para um inocente» (17 anos)

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «Longe da multidão» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «O escravo das Amazonas» e «Ela e os maridos» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 17 e às 21 e 30: «O último comboio do Katanga» (17 anos) e CINE-ESPLANADA — As 21 e 30: «Operação paraiso» e «Sinistro Mr. Sardoreiceus» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Bonnie e Clyde» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Vera Cruz» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «A velha ama» e «Afasto-te querida» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «A vingança dos Vikings» e «A bela americana» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Duelo em Diabolo» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Pele de espírio» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «O terror dos arxos» e «Paulo o da forca-breta» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 30: «Adivinho quem vem jantar» (12 anos)

ATRÁS DO REPOSTEIRO

● A comédia «Os Filhos da Escuridão» deve ser apresentada ainda esta época no Vilar, por um elenco a organizar.

● É muito provável a apresentação no Porto do actor brasileiro Ricardo Bandeira.

● O elenco do Teatro Vasco Santana vai ser consideravelmente remodelado.

● muito embora a exploração continue a pertencer a Helena Felix e Maria Luiza Martins.

● Volta a falar-se na vinda a Portugal da companhia brasileira de que é titular a actriz Cacilda Becker.

● Ingressou no elenco do Teatro Experimental de Angola, a actriz Alma Flora.

FARMACIAS
DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (633288) * Boa Hora, R. dos Quarteis, 25-27 (637777)

ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (712070) * Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) * Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803)

ALCANTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020). ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (840122) * São José, R. dos Anjos, 4 (50730).

ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (842152). AREIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-E (72494) * Onilho, Av. João XXI, 3-A (726548).

ARROIOS — Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (45079)

AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (40592) * Segres, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) * Cordeiro, Av. Duque de Avila, 32-C (43495).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO — Ascenso, R. 27, 41 (31216). BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B, 6 Rua Marquês de Olhão, 7 (383800).

BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. António, 88 (321211) * Unita, R. da Vitória, 21 (323793).

BELEM — Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, JPM, 3 (610256). BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) * Sousa, Est. Benfica, 429-431 (780027).

CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 38 (774682). CAMPO DE OURIQUE — Porfiro, R. Franc. Metrass, 59 (663349) * Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760).

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (680304).

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181). CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (44158).

ESTRELA E LAPA — Paivas & Parente, R. de St. António à Estrela, 96-98 (665196) * S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mota, 74 (661010).

GRACA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).

LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 20-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704).

MARVILA — Tavares, R. Direito de Marvila, 25 (381612). MOURARIA — Tavares, R. do Palmar, 94 (863350).

OLIVAIS (Sul) — Antunes Rosas, R. C. I., lote 99 (313610). PENHA DE FRANÇA — Zonal, R. Morais Soares, 56-C (847708).

PICHELEIRA — Mariz, Calç. da

Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395)

REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).

RESTELO — Tanara — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo-próximo dos Moinhos) Telefone. 611814.

S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc. Politécnica, 82-A (660280) * São Bento, R. dos Poais de S. Bento, 73 (679673).

DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) * Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448).

MOSCAVIDE — Império — R. de Olivença, 48-A (2511234).

Linha de Cascais

ALGÉS — Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS — Nova, R. Bernardim Ribeiro, -A (242839).

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás R. Costa Pinto, 86 (2420034).

OEIRAS — Godinho — R. Candeio dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054).

ESTORIL — Lopes — R. Hangar, 3 (Tel. 260008).

CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (280141) * Cascais, R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407).

Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos — Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Cláudio — R. António Sordinha, 23-D (Tel. 938551), S. Jorge — R. Pedro do Negro, 5 — Reboloira (Tel. 938703).

DAMAIA — Confiança, Est. M. Jardo, lote D (971023).

QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 51 (950045) * Queluz, Av. Miguel Bombarda, lote 4 (951844).

CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 53 (2940034).

MEM MARTINS — Quilma, Est. Mem Martins, 285 (2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456).

SINTRA — Marraxes — (Vião) — R. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

CENTRO ENFERMAGEM
DE URGÊNCIA
SANTA MARIA

Injeções, tratamentos e ve-

las, oxigénio, soros e camas

articuladas

R. Conde Redondo, 56, 2.ª

Tel. 43738 — LISBOA

COLARES — Colares, Abreia (299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Gamela, L. António dos Santos Jorge, 5 (234100)

ALHOS VEDROS — Gasmão, R. Cândido dos Reis, 30 (224020)

ALMADA — Nuno Alvares — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 74 (224302)

BARREIRO — Pimenta — R. Cons. Joaquim António Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, P. 5 de Outubro, 62 — (270121).

MOITA — Silva Rocha — P. da República, 6 (Tel. 239029)

MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Res. 45 (Tel. 230008)

SESEIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (229028)

SETUBAL — Marques — R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); Bonfim — Av. Rodrigues Marinha, 2 (Tel. 245581).

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 (Tel. 2218580)

SERVIÇOS
URGENTES

Telefones

AGUA, GAS & ELECTRICIDADE — Companhias das Águas, 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gásdica, 538821 * Gásdica (dom. e feriados), 382069.

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 36865.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcantara, 663195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
Especialidades diárias
AGORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOSTA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana)
Telefone 4 62 47

PARREIRINHA DO RATO
Restaurante — snack-bar
cervejaria
Especialidades de churrasco
de frango, pato, porco
e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco)
Telefone 68 59 08
Parque para automóveis

RESTAURANTE XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente
à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA «YO LYN»
E FICARÁ CLIENTE

RESTAURANTE ALMOÇO
MESA REDONDA — \$0\$00
AMANHÃ
Bacalhau
recheado
à trans-
montana
lscas de
porco na
frigideira
à portu-
guesa

QUINTA DE S. VICENTE RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)
Parque privativo para
automóveis
(AR CONDICIONADO)

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 58 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para
Banquetes
Lanches de Casamento

HONG KONG RESTAURANTE CHINÊS
UM CONVITE PARA CONHECER
UM PALADAR DIFERENTE
R. Camilo Castelo Branco, 23-B
Telef. 538665 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar

Diário de Lisboa



Propriedade da
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Editor: J. Christóvão de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telefones: 32 02 71-2-3,
32 11 54-5 e 34 221
End. Tel. DIBOA; Telex 136
Lisboa 2 — Portugal

KIESINGER EM LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

Marcello Caetano, o aeroporto. Organizou-se, então, um cortejo automóvel, precedido

reira de Melo, e a Praça Marquês de Pombal.

Uma vez chegado ao Ritz, o prof. Marcello Caetano despediu-se do chanceler Kiesinger, que, pouco depois, almoçava em ambiente íntimo com com a sua comitiva.

Terminada a visita ao nosso País, o chanceler Kiesinger partirá para Madrid, onde conferenciará com Franco. É a primeira vez que um chefe do Governo Federal alemão visita oficialmente a Península Ibérica. Crêem observadores que a possibilidade de fortalecimento da cooperação política e militar entre os dois países, no âmbito da Aliança Atlântica, será o principal tema das conversações.

A tarde, o chanceler Kiesinger visitou o Presidente do Conselho no Palácio de S. Bento, e o Chefe do Estado em Belém. A noite, no Palácio Nacional de Queluz, Georg Kiesinger é homenageado com um banquete oferecido pelo prof. Marcello Caetano.

Está prevista para amanhã uma ida a Sintra, efectuando-se, à noite, um banquete no Hotel Ritz, oferecido pelo chanceler em homenagem ao Presidente do Conselho. Sábado Kiesinger visita os mosteiros da Batalha e de Alcobaça.

Domingo, o chanceler Kiesinger será doutorado «honoris causa» na Universidade Clássica de Coimbra.

Encontro

Kiesinger-Caetano

O chanceler Kiesinger chegou ao Palácio de S. Bento às 15.58. Era acompanhado pelo encarregado de negócios alemão, pelo embaixador Schwarzenbach, chefe do protocolo do M. N. E. alemão e pelo ministro Caldeira Coelho.

Um destacamento da G. N. R. prestou as honras do encontro.

tião á entrada do palácio. O chanceler, que trajava de cerimónia, foi recebido pelo presidente do Conselho em traje de passeio.

Durante a visita, Kurt Kiesinger entregou ao prof. Marcello Caetano a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Federal, a mais alta condecoração civil da Alemanha Federal.

O chanceler foi condecorado

alemão ocidental, que se desfechar, o chefe do Governo

A hora a que esta edição local em Lisboa num «Mercedes 600», vai ao Palácio de Belém visitar o sr. Presidente da República.

Durante esta visita, o almirante Américo Thomaz impetrará ao governante alemão as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de São Tiago da Espada.

Após a cerimónia, Kiesinger dirigirá-se à Casa de Saúde da Cruz Vermelha, onde se encontra internado o presidente Salazar para se inscrever no livro de cumprimentos ao enfermo.

HÁ MAIS DE OITO ANOS QUE UM CHEFE DE ESTADO OU DE GOVERNO NÃO VINHA A PORTUGAL

A visita do chanceler Kiesinger a Portugal não marca apenas a primeira visita de um chefe de Governo da República Federal da Alemanha ao nosso País. Ela é também a primeira que um chanceler germânico faz a Portugal. Nunca, de facto, um «premier» da Alemanha, quer do segundo império (1871-1918), quer da República de Weimar (1918-1933), quer do terceiro Reich (1933-1945) se deslocou ao nosso País em visita oficial.

Mas a visita que hoje principia tem um outro significado no aspecto diplomático. É a primeira vez que um chefe de Estado ou de Governo vem a Portugal desde 1960. A última visita deste nível foi a do presidente Kubitschek de Oliveira, que esteve entre nós de 6 a 11 de Agosto de 1960, participando nas cerimónias das comemorações henriquinas que então decorriam. No mesmo ano, em Maio, tinha estado também em Portugal, o general Dwight Eisenhower, ao tempo presidente dos E. U. A.

Desde essa altura, durante portanto, mais de oito anos, nenhum outro chefe de Estado ou de Governo

(como é o caso de Kiesinger) veio ao nosso País em visita oficial.

Hóquei em patins SELECIONADOR DE JUNIORES

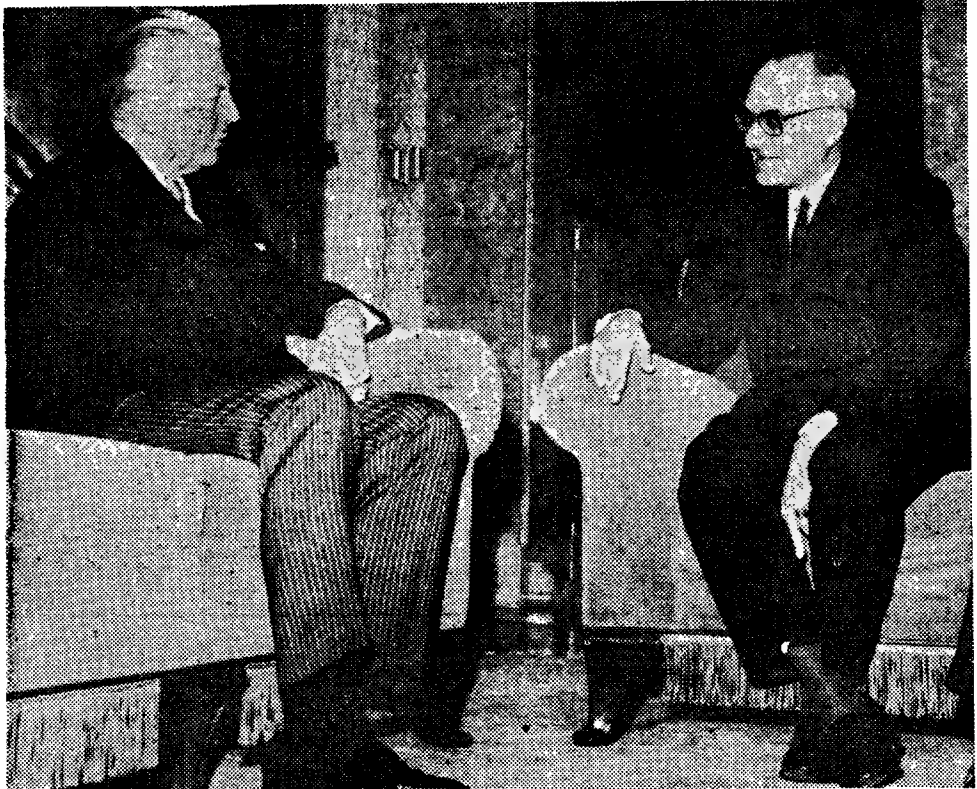
A direcção da Federação Portuguesa de Patinagem, atenta aos problemas de hóquei em patins particularmente os que afectam as categorias juvenis, dirigiu convite ao jornalista desportivo Guilhermino Rodrigues para exercer a semelhança da época anterior o cargo de seleccionador nacional de juniores.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado ou encoberto, chovia em alguns locais e o vento era fraco ou moderado do oeste com excepção das terras altas onde soprava forte.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 27,7; mínima: Penhas da Saúde, 5.
TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 19°; na água do mar: 16,8.
PREVISÃO GERAL DE AMANHÃ
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de noroeste, por vezes forte nas terras altas. Períodos de aguaceiros mais frequentes nas regiões do Norte.

Amanhã
Nascer às 7 e 56
Ocaso às 18 e 46

MARÉS
PREIA-MAR: Dia 24 — 5 e 28 (4,2 m); 17 e 50 (4,1 m); Dia 25 — 6 e 10 (4,1 m); 18 e 40; (3,9 m); Dia 26 — 6 e 56 (3,9 m); 19 e 26 (3,6 m) BAIXA-MAR: Dia 24 — 11 e 20 (0,8 m); 23 e 40 (1 m); Dia 25 — 12 e 02 (1,0 m); Dia 26 — 0 e 20 (1,2 m); 12 e 52 (1,2 m)



Marcello e Kiesinger conferenciaram mais de 2 horas

Campeonato Mundial de Futebol

A EQUIPA DA ROMÉNIA CHEGOU A LISBOA PARA DEFRONTAR PORTUGAL

Otto Glória que se deslocou a Metz, para observar um treino da equipa da Roménia, regressou esta tarde a Lisboa.

Interrogado sobre os elementos colhidos, o conhecido técnico afirmou: — «Trata-se de uma equipa jovem, muito rápida, com bons executantes e que, jogando mais fechada do que jogou em Metz, naturalmente tomará outras precauções. Tenho esperança numa vitória embora com muito trabalho».

Entretanto, no mesmo avião, viajou para Lisboa a equipa nacional romena que era aguardada no aeroporto pelo secretário-geral da Federação, Afonso Lacerda.

«Espero que seja um bom desafio. Cheio de desportivismo» — disse o sr. Dumitrescu que acrescentou: «Os portugueses já jogaram em Bucareste e nós também já jogámos em Lisboa, conhecemo-nos...» A seguir: «Temos uma ótima impressão da equipa portuguesa, porque se situa em terceiro lugar na tabela mundial. Conheço alguns elementos de grande valor como Busebio, Coluna, Torres e Simões, jogadores perigosíssimos que são muito apreciados no meu país».

O técnico Anghel Niculescu informou:

Tivemos, recentemente, três baixas de valor: os defesas Halmageanu e Barbu e os avançados Dumitache e Donea. Estamos numa situação difícil para formar a equipa nacional. No entanto, a equipa deve alinhar Coman, Lucovic Starenu, Dumitru e Mocanu; Ghergheli, Dinu e Dobrin; Pircolab Dembrovski, Petrescu e Lucescu.

Último treino do «onze» nacional

No Estádio Nacional, efectuou-se esta tarde o último treino de conjunto da selecção portuguesa que vai enfrentar, no próximo domingo, a representação da Roménia. O Atlético foi o «onze» treinador.

SELECÇÃO — Américo; Jacinto, Rui Rodrigues, José Carlos e Hilário; Jaime Graca e Coluna; José Augusto, Busebio Torres e Simões.

ATLÉTICO — Botelho; Valdemar, João Carlos, Candias e Murrças; Mendes e Pinhal; Fagundes, Raimundo, Tito e Seminário.

Assistiram apenas jornalistas e os elementos técnicos ligados ao grupo das «quinas».

por um esquadrão motorizado da G. N. R. Kiesinger e o prof. Marcello Caetano tomaram lugar no mesmo automóvel.

O cortejo automóvel, depois de ter percorrido as Avenidas Gago Coutinho e João XXI, Praça de Londres, e rodeado o monumento a António José de Almeida, atingiu as Avenidas da República e Fontes Pe-

CARROS USADOS

VARIAS MARCAS
E MODELOS PRO-
VENIENTES DE
TROCAS

Fac. troca e paga-
mento

Stand Moderno
Rua João Saraiva,
n.º 15 (Alvalade).

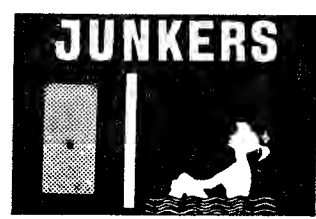
CONCESSIONARIO

ADVERTÊNCIA PELA TV ESPANHOLA

MADRID, 24 — (A. N. L.) — Qualquer reunião que hoje se realize na Universidade de Madrid será considerada ilegal, e, muito provavelmente, impedida — segundo aviso feito ontem, à noite, na Televisão, pelas autoridades madrilenas.

Foi esta a primeira indicação de que se espera novo surto de agitação na Universidade de Madrid.

O aviso das autoridades referia-se concretamente à Faculdade de Ciências Políticas e Económicas, onde se têm registado num passado recente, a maior agitação. A escola superior é frequentada por cerca de nove mil alunos.



**MATEUS DA SILVA
GREGÓRIO**
Praça da República, 40
Telef. 269 PORTIMÃO

**JOQUE NO
CAMPIÃO**

SEXTA-FEIRA 4000 CONTOS

Instituto Superior de Línguas e Administração
**ESCOLA SUPERIOR
DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO**
(reconhecida oficialmente
para fins militares e provimento de cargos públicos)

**FORMAÇÃO DE TÉCNICOS
DE ADMINISTRAÇÃO E PSICOLOGIA INDUSTRIAL**
Habilitação mínima: 7.º ano dos Liceus ou equivalente
Aulas das 20 às 24 horas

**ABERTAS AS INSCRIÇÕES
PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO**

Pedidos de folhetos e informações para a
Rua do Sacramento à Lapa, 16 — Telef. 67 63 95 - 67 37 66

**ELECTRIX — PEREIRA
& SANTOS, LDA.**
Rua Cândido dos Reis, 12
Telef. 24666 ÉVORA

**MARCELINO PERES
DOS SANTOS**
Rua Cândido dos Reis, 65
Telef. 324 LAGOS

Anatomia de um «best-seller»

por Alexandre Pinheiro Torres

É uma forma moderna de dizer «cor local». Melhor: é a «cor local» que nunca conseguiu ir além das divisas de sargento, promovida por obra e graça dos poderes pessoais de Michel Butor ao posto de major. Mas Edna O'Brien nada sabe destas coisas ao descrever-nos a Irlanda católica que serve de pano de fundo à primeira parte do seu romance *The Country Girls*, um dos grandes «best-sellers» na Inglaterra que vou ler para estar à *la page*, porque estar à *la page* na Grã-Bretanha significa saber o que é que se escreve na lousa Albion e não propriamente devassar o que os franceses forjaram.

Diz-me um meu amigo inglês: «Nós temos uma grande tradição literária, uma das maiores literaturas do mundo. Não precisamos de copiar nada de quem quer que seja; estamos-nos nas tintas para os franceses ou italianos. Os escritores do outro lado do Canal, os que lançam o «nouveau roman» ou o estruturalismo copiam-nos descaradamente. O talento dos franceses é roubar as nossas invenções literárias e fazer delas uma caldeirada que impingem aos países que pretendem culturalmente colonizar. O senhor acha-nos com cara de colónia literária da França?»

E o inglês que diz isto bebe o seu chá calmamente e obriga-me a ler Edna O'Brien. E, com efeito, eu deveria estar a ler o Robert Pinget, ou o Lévi-Strauss.

Não: lá isso a senhora O'Brien está toda metida dentro de uma tradição muito *velha*. Escreve romances como se nem sequer o Joyce tivesse existido!

Digo ao inglês: «Co'a breca! Esta senhora é de muito baixa qualidade. Isto consegue ser quase tão mau como *The Comedians* do Graham Greene».

O homem remexe o chá:

«Com que então você pensa que os Dickens aparecem assim todos os dias? E aqui copiar ninguém quer, essa é que é essa! Você veja só o barulho que os franceses fizeram quando Camus escreveu *L'Étranger*. Aquela do complexo de culpa por o fulaninho não se ter comportado como devia no enterro da mãe — e o romance arranca daqui, meu velho — tudo isto é roubadinho do *Ulysses*».

E ele a dar-lhe!

O INTERNATO

Nada adianta com tal conversa. Para estar à *la page*, leio a menina Edna, que me descreve longamente o sofrimento das duas heroínas do livro, as duas jovens de catorze anos (Caithleen e Baba), nos três anos que passam num convento católico. E lá vem a longa série de coisas horríveis por que elas passam, mas que — descanse o leitor — comparadas com as que sofre a protagonista de *A Religiosa* de Diderot é tudo romance cor-de-rosa.

Caithleen, que pertence a um extracto social inferior ao de Edna, conheceu, à data da entrada para o convento, um senhor casado de meia-idade, o sr. Gentleman (o nome não pode estar mais bem escolhido) que, um dia, lhe oferece

uma boleia. («Cá estão os D. Quijotes dos «Jaguars» de que nos fala Cardoso Pires nos *Jogos de Azar*, digo eu). Pois bem: o galã de meia-idade beija Caithleen, e não saímos daqui porque o Código é severo, ou haverá outra razão?

As meninas têm de se libertar do internato. Planeiam a própria expulsão. Assinam num «santinho» uma declaração segundo a qual uma das freiras teria entendimentos (pouco consentâneos com o voto da castidade) com um determinado padre. Pura calúnia, claro! E Baba e Caithleen são expulsas ignominiosamente.

BACKGROUND A ZOLA

Edna O'Brien que sabe como se cozinham «best-sellers» já nos descrevera o lar de Caithleen.

Ingredientes:

1.º — O pai de Caithleen está a jogar as cartas com a mulher e um vizinho. Nisto deixa cair uma carta ao chão. Horror! O vizinho tem



por engano uma das mãos pousadas numa das pernas da sua cara-metade. Murraça!

2.º — A cônjuge, a páginas tantas, decide fugir de casa com o dito cujo vizinho. Lá vão eles a fugir num barco a remos que atravessa um lago das proximidades! Mas o Destino não perdoa. Eis que desaba uma terrível tempestade e os dois amantes fugitivos morrem afogados. O marido ultrajado em vão espera que os corpos sejam devolvidos pelas águas. Mas as águas não querem nada com maridos ultrajados.

3.º — Este marido em particular tinha — de acordo com a regra dos «best-sellers» — de ser um bêbedo. Solução original da romancista: com a morte da mulher torna-se abstémio. Era pior, claro, se se tivesse tornado abstémio ao saber do adultério da cara-metade. E se a moda pegava? Talvez tivessem de fechar cinquenta por cento dos pubs da Grã-Bretanha.

A GRANDE CENA

Se um livro não tem uma *grande cena* não pode ser um «best-

-seller». Eu até já ouvi dizer a um má-lingua de Lisboa que se *A Selva* de Ferreira de Castro enfileirara na categoria, fora por causa de uma certa coisa acontecida com uma égua. Claro que *The Country Girls* dispõe de uma *grande cena*, com todos os matadores.

Depois de expulsas do colégio Baba e Caithleen emigram para Dublin. Ora um dia (Caithleen já tem dezassete anos) surge o sr. Gentleman. Ele arranjava maneira de lhe descobrir a direcção na capital. Jantam ambos.

Mais ingredientes:

1.º — Depois de jantadinhos ele vai levá-la a casa. Naturalmente que ela pergunta se ele quer entrar. Ele diz que sim, e instalam-se numa sala onde (a sr.ª O'Brien sossega o leitor) os dois protagonistas não correrão o perigo de ser surpreendidos.

2.º — O sr. Gentleman que afinal é malandro pede a Caithleen para ela se despir porque — ele assim o declara — gostaria muito de a ver sem roupa nenhuma. Ela faz-lhe a vontade e o sr. Gentleman que é evidentemente um *gentleman* limita-se a olhar a garota despida.

3.º — O tempo passa. Caithleen que já devia estar cheia de frio pede então ao sr. Gentleman para ele também se despir. E ele, que já sabemos que como *gentleman* não pode dizer que não, também se despe todo dos pés à cabeça.

4.º — Ficam ambos na saleta a olhar um para o outro. Mas, atenção!, ela ri-se. É que o seu apaixonado não apresenta sinais exteriores de entusiasmo amoroso. O que não o impede enquanto se veste — de facto está frio — de lhe garantir que a há-de levar de passeio a Viena, que lá é que há ambiente.

5.º — Combinam tudo. Ela vai de mala esperar o senhor de meia-idade para a estação. Mas bem pode esperar toda a vida. E regressa «lavada em lágrimas» à pensão.

MORAL DA HISTÓRIA:

1.º ensinamento: uma menina de dezassete anos não deve ter romances com senhores casados de meia-idade.

2.º ensinamento: quando alguém desata a ler um «best-seller» já sabe o que o espera.

The Country Girls vende-se às toneladas. Edna O'Brien escreve-lhe a continuação: *Girl with Green Eyes* que o público compra em ritmo desvairado porque quer saber o que vai acontecer á desgraçadinha da Caithleen, e a coisa rende tanto que escreve *Married Girls*. Enfim casadas! Não as poderia conservar, com efeito, solteiras por muito tempo. A bem da moral. E como a moral exige que, depois do casamento, não haja mais história. Edna O'Brien que completa a trilogia não ousa a tetralogia. Se a tentasse eu leria de certeza o quarto volume. Assim, não passei do primeiro.

Digo ao meu amigo inglês:

«E diz a vossa crítica que o Thomas Hardy não sabia redigir!»

[Continua na 7.ª página]



O «Nobel» para Ysamri Kawabata

Uma beleza cristalina

por Lucien Dumont

Um adolescente de dezasseis anos assiste à agonia do avô, um ancião quase cego, lentamente a entregar-se à morte. Sós, os dois. Um mundo fechado. Impotente o espectáculo da desagregação, o jovem nada mais pode fazer do que registar com uma estranha acuidade esses terríveis momentos. Tal é o tema do *Diário dos Dezasseis Anos*, uma das primeiras obras que impuseram Kawabata à atenção do público japonês.

Narrativa autobiográfica *O Diário dos Dezasseis Anos* é penetrado de uma intensidade pungente que se desprende do tom dos fragmentos que o autor escreveu exactamente naquela época, em 1914, e corresponde à história da sua própria infância. Nascido em Osaka, em 1899, filho de um médico, Kawabata guardará para sempre essa sensibilidade viva, exacta, caracterizada de uma grande cidade em ebulição. Cedo fica orfão de pai e mãe e é recolhido pelos avós que vivem no campo. Logo depois, tem então oito anos, perde o avô, a irmã logo a seguir e, por fim, o avô. No limiar da adolescência, assiste, aterrorizado, a esta sucessão de infortúnios. É uma experiência terrível que jamais se lhe apagará da memória.

Começa então a escrever. Ainda estudante de liceu, em Tóquio, funda com alguns condiscipulos uma revista literária. De tempos a tempos, viaja. Só, sempre só. Durante anos e anos percorre a península

DE
«LE MONDE»
em exclusivo para o
«DIÁRIO DE LISBOA»

de Izu que é para ele como um domínio de pureza, diferente do resto do mundo. Metendo ao acaso pelos caminhos da montanha segue uma companhia de saltimbancos e é, daí, que em 1926 sairá *A Bailarina de Izu*, a história de um amor que apenas se esboça e logo se desfaz. Esta narrativa curta, de cerca de cinquenta páginas, continua a ser ainda hoje a sua obra mais popular, construída, toda ela, de visões fugazes que se sucedem como poema em prosa, uma música melancólica, secreta.

«Narrativas dentro da mão»

Em 1924 funda com Ykimitsu Toshikazu — um dos maiores romancistas da sua geração — a revista

[Continua na 7.ª página]

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS:

Apresentação de «3 Semanas em Maio», por *Liberto Cruz*.
Desinfecção, por *Manuel Agra*.

LETRAS ESTRANGEIRAS:

O Prémio Nobel, por *Lucien Dumont*.
Anatomia de um Best-Seller, por *Alexandre Pinheiro Torres*.

HOMENAGEM A MANUEL BANDEIRA:

«Os Girassóis Amarelos Resistem», por *Alexandre O'Neill*.
Antologia breve.

ARTES PLÁSTICAS:

Noronha da Costa, por *Francisco Bronze*.
Rodin em Portugal.

ENTREVISTA:

A Estreia de Uma Romancista.

JAZZ:

Os Estudantes Franceses e o Conhecimento de Jazz, por *José Duarte*.

VARIA:

Progresso de Eros, por *Ana Hatherly*.

Escola de Belas Artes:

Rodin em Portugal

EXPOSIÇÃO DE OBRAS DE RODIN EXISTENTES EM PORTUGAL
Escola Superior de Belas-Artes — Lisboa

Para responder às superiores exigências da formação, a Escola não pode pretender separar-se do tempo em que funciona e a que se destina, sobretudo se se considerar que o seu existir só se justifica através dos alunos que nela participam, que afinal a constituem, e que são homens de um momento histórico determinado. Este mesmo compromisso com uma perspectiva temporal correcta, actualizado o senso crítico e abertas as linhas de convivência, deve fundamentalmente ser partilhado pelos professores, porque, como dizia há dias o prof. Prado Coelho, a actividade docente associa-se à alegria da descoberta e da criação em comum.

O entendimento destas questões, fundamentais para a saúde do ensino e para a fecundidade do convívio que lhe é inerente, aprecia-se nos reflexos que promove sobre a vida das Escolas. É neste ponto que podemos situar a actual

actividade da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, pois que dela recebemos uma manifestação pública de natureza cultural e um voto de confiança na convivência, através da exposição de trabalhos dos alunos e da relação pedagógica sucinta que dessa forma foi mostrada com alguma clareza. Embora com certa surpresa por parte da Imprensa, na medida em que esta se confrontava com um novo estilo de relações, os jornalistas, previamente convidados, puderam tomar contacto com a disposição expressa no catálogo da exposição de homenagem a Auguste Rodin, onde a direcção daquele estabelecimento de ensino declara que «é firme desejo da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa procurar, na medida do possível, dar incremento a um plano de iniciativas de expressão cultural». Nesta linha de acção, inscreve-se naturalmente a própria exposição de «Obras de Rodin existentes em Portugal», que prolonga entre nós as homenagens tributadas àquele escultor por todo o mundo, quando do cinquentenário da sua morte. Numa montagem discreta que se casa agradavelmente com



Rodin: o Burguês de Calais

o espaço da sala branca, as obras expostas realizam em bloco um inventário precioso e desenhavam um itinerário evocativo de grande dignidade.

Mas esta exposição não

foi obra isolada para a abertura do ano escolar. Apesar da sua manifesta importância e do natural cuidado posto na sua apresentação, as atenções do público foram em grande medida solicitadas pela exposição paralela de trabalhos dos alunos executados no passado ano lectivo (1967-68). Esta outra exposição, que estabelece para o presente uma ponte de indelével qualidade, beneficia igualmente de uma montagem cuidada, ainda que decidida a circunscrever-se ao carácter escolar dos trabalhos e ao seu enquadramento numa disciplina instituída de programas e de cadeiras. Nota-se, apesar de tudo, que existe já nas diferentes fases do que é possível ver, e dentro do âmbito considerado, uma linha de temperamento marcada, um critério genérico de diálogo com as formas vivas da actualidade artística. Para além disso, e na medida em que apenas noticiamos o acontecimento, importa aqui registar o facto desta convivência ter sido definitivamente aberta na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, para uma progressiva participação activa na vida cultural do País.

a estreia de uma romancista: «Nada nos livra da responsabilidade de viver»

Chama-se Maria Isabel Barreno de Faria Martins, mas o seu primeiro livro, lançado ontem durante um «cocktail» na Livraria Quadrante, suprimiu os dois últimos apelidos. Aos 29 anos Maria Isabel Barreno, licenciada em Histórico-Filosóficas, é funcionária do Instituto Nacional de Investigação Industrial (sector de estudos de produtividade) e desdobra-se em ficcionista e autora de trabalhos técnicos. Casada há seis anos, um filho. Marido engenheiro.

A sua estreia literária vem de 1961, quando publicou na imprensa diária três contos breves, quase crónicas. Mais tarde vemo-la incluída no vo-

lume conjunto *A situação da mulher portuguesa*, assinando o seu depoimento com o nome Maria Isabel Martins. O romance de estreia, ontem lançado, forja-se ao longo de vários anos. Título: *De noite as árvores são negras*.

«UM MEIO DENSO E ALIMENTÍCIO»

A entrevista começou há meses num último andar da Avenida Presidente Wilson. «Finalmente vou publicar o meu livro». Era uma espécie de contentamento, embora calmo. Deixámos então a Maria Isabel Barreno algumas perguntas. Se assim entendesse, responderia quando entendesse. «Está bem. Depois».

Ainda não conhecíamos o tema do seu romance. Daí

uma primeira curiosidade: que se passa em *De noite as árvores são negras*? É *novela literária*? Isto é, acha que há uma *nova literatura*, por exemplo a sua? A resposta veio escrita à máquina:

— Correctamente, deveria responder: para conhecer o tema dum livro o único remédio é lê-lo, e para explicar o tema dum livro o único remédio é escrevê-lo. Mas há também a necessidade de ideias aproximadas, que despertam curiosidade ou desinteresse, que conduzem a escolhas, e por isso resigno-me a uma resposta aproximada: há pessoas que se resolvem e exprimem na acção, e pessoas que não se resolvem, que se procuram, ou procuram outra coisa, e acabam por se exprimir contra vontade, porque a presença é sempre uma expressão que os outros interpretam, e nem o silêncio nem a imobilidade nos livram da responsabilidade de viver; também não é bem legítimo falar em termos de responsabilidade, as pessoas são diferentes pelas características com que nascem, pelas circunstâncias em que vivem, porque têm nomes diferentes, pés grandes ou pequenos, olhos bonitos ou feios, pela capacidade que têm de se sentirem ou não aceites pelo mundo, fazem o que podem e quando podem, mas alguns preferem atribuir-se escolhas muito pessoais e voluntárias, outros culpam as circunstâncias que os submergem; uma acção é um fruto de todos os homens que se gera num só, e a trajectória, o destino dum acção é sempre imponderável, por isso todos os homens se queixam da incompreensão dos outros e da sua solidão, mas entre os homens não há espaços vazios nem terras de ninguém, há um meio denso e alimentício feito de todas as palavras e de todos os actos aparentemente esquecidos ou

desconhecidos. Este é o tema que eu julgo propor, não será certamente o tema encontrado, ou o único, poder-se-á sempre ser compreendida ou julgada pelo que não julgarei cometer. Se o meu romance pode ser considerado como *nova literatura*, se há *nova literatura*, são perguntas com várias respostas possíveis. O tema que expus não é novo; o que disse atrás posso repetir aqui: um livro é um fruto de muitos homens que se gera num só; a criação é obra colectiva e demorada, mas são limitadas as possibilidades de combinação dos elementos de que a humanidade dispõe, e cada pessoa tem a sua forma única, nas palavras como nos actos. Há ainda a considerar que os homens são agrupáveis por época, por local, por características diversas. É sempre legítimo falar em *nova literatura*, ou em *velha*, conforme se preferir focar a diferença e a ruptura, ou a semelhança e a continuidade.

A MULHER QUE ESCRIVE

— Você é casada, mãe de um filho, mulher de um engenheiro, ocupada profissionalmente. Transparece dessa experiência alguma coisa (muito) no romance?

— Com certeza que sim; também tive uma criada gorda, sou míope e gosto de ir à praia. Tudo isto deverá transparecer no meu romance. Devo esclarecer que respondo muito a sério: considero difícil de catalogar por importância as experiências vividas. Uma criada gorda na nossa infância poderá estabelecer, talvez irremediavelmente, o sentimento dum prosperidade feliz nas pessoas que servem, ou dum frustração doméstica num excedente consumo de fari-náceos.

— A mulher que escreve: este tema diz-lhe concretamente o quê?

— Gostaria que esse tema nada me dissesse. Mas a vida continua difícil, ainda, para as mulheres que escrevem, e para as que não escrevem.

— Você tem uma formação literária. Como a adquiriu? Que autores a influenciaram (se algum a influenciou de facto)?

— Não sei se tenho uma formação literária, não sei o que é. Os autores que me influenciaram foram, provavelmente, todos os que li, mais ou menos, e talvez mais os que li na minha infância. Por esses deveria começar, mas não me parecem os desejados neste tipo de pergunta. Na actual novelística portuguesa sou Maria Isabel Barreno, não sei — ou não me interessa — posicionar esse facto.

UMA COOPERATIVA DE JOVENS AUTORES?

— Que dificuldades encontrou para publicar *De noite as árvores são negras*? Propõe alguma coisa no sentido de modificar a situação angustiosa dos jovens autores inéditos?

— É uma história comprida, mas talvez exemplar. Em 1964 acabei de escrever o meu primeiro romance; durante dois anos tentei publicá-lo, e escrevi entretanto *De Noite as Árvores são Negras*. Pus o primeiro de parte e recomencei as tentativas para o segundo. Há quatro anos eu imaginava-me preparada para todas as dificuldades, mas não encontrei o que esperava: não encontrei os clássicos editores in-

compreensivos, dizendo «o seu livro não interessa, é mau». Encontrei gente simpática, tecendo elogios às minhas obras tão válidas, gente acolhedora que se solidarizava com o autor contra o público, que me contava as suas aflições, porque não há dinheiro, nem público, ninguém compra livros, então, ninguém lê. Mas esta situação não mudou, então, ninguém lê. Mas ontem viu-se muito, vieram os amigos fazer perguntas, pedir (como!) autógrafos. Ao mesmo tempo eram lançados livros novos de Redol e Namora, um outro de Palma-Pereira. Estava lá toda a gente. «Não há dinheiro, nem público, ninguém compra livros, livros de gente desconhecida, então, ninguém lê».



Maria Isabel Barreno: o muro que se transpôs

Noronha da Costa

por Francisco Bronze

NÃO VAMOS DIZER quem é Noronha da Costa. O leitor interessado por artes plásticas já viu, decerto, obras deste moço artista.

De novo nesta galeria ele expõe os seus Objectos. Objectos, porque? Porque a propósito destas obras já não é possível falar-se de pintura sequer de escultura: os «géneros» tradicionais foram rebentados nos seus limites e sintetizados numa visão global, que é memória ainda de uma experiência nesses campos plásticos. Para esta nova estética do Objecto o crítico francês Galy-Carles propôs a classificação de *estética integracionista*. Esta *integração* que no Objecto se realiza pode deter-se no plano visual ou alargar-se a uma experiência mais concretamente *espacial*. Teremos, então, uma obra de arte que intervém de modo imediato numa definição arquitectónica, alterando todo esse espaço que poderíamos denominar de «habitável», aquele em que o utente da obra arquitectónica normalmente se move. Estão neste caso as «estruturas primárias», também chamadas de «environnements» ou «envolvimentos»: são Objectos de estruturas muito simples

(«primárias» por isso) de formas geralmente geométricas, sempre de grande rigor conceptual, o que permite a sua «fabricação» em série, se se desejar. Pelas suas dimensões e pelo seu próprio carácter formal, possuem a capacidade de alterar todo um espaço prévio. Não se submetem, pois, a qualquer projecto arquitectónico anterior: antes se propõem dinamicamente, alargando o campo das suas possibilidades de experiência.

Muitos dos Objectos de Noronha se aproximam desta definição de «estruturas primárias». Porém, na medida em que se inserem numa *poética* muito própria que é a sua, transcendem sempre essa proposta que sobretudo a arte moderna americana vem fazendo. Por isso, José-Augusto França, no prefácio do catálogo, agudamente frisou que estas peças devem ser classificadas antes como «estruturas secundárias» ou «estruturas de ordem (n)».

Qual a *poética* de Noronha da Costa? Das mais originais que poderemos encontrar na arte moderna portuguesa, ela se joga, sobretudo, num campo de antinomias fundamentais: o real e o não-real são aqui

expressos por aquilo que na obra é *objecto* e pelo que nela é *imagem*. O *objecto*, na sua tridimensionalidade, coloca-nos ante uma experiência eminentemente *espacial* — referida, portanto, a um espaço *concreto*; a *imagem* põe-nos ante uma experiência eminentemente visual e *ilusória*, que se entende num espaço *abstracto*, ou num *não-espaço*, para empregar a própria terminologia de Noronha. Esta *imagem*, definida num espaço ilusório, tem sido procurada pelo artista através de vários processos: utilizando *écrans* translúcidos, que alteram a visão de objectos escondidos, ou espelhos e superfícies espelhantes. Actualmente emprega, de preferência, espelhos baços e vidros semitransparentes. Pode o leitor compreender, então, como qualquer objecto *real*, espelhado num meio que o transforma (o espelho baço) se *irrealiza* numa *imagem* que (dialecticamente?) lhe responde. Citando, ainda, o prefaciador do catálogo: a «démarche» surrealista consistia na *realização do irreal*; a de Noronha da Costa, tal como a de certas correntes «pop» e «op», consiste na *irrealização do real*.

São estas razões que de-

terminam que os Objectos de maiores dimensões deste artista transcendam em muito as intuições das «estruturas primárias». A elas, no entanto, se assemelham pelo rigor da concepção, pela extrema pureza formal por vezes alcançada, pela sua capacidade também de intervenção directa e *decisiva* no espaço arquitectónico. Caracterizam-se sempre estas peças por uma grande sobriedade, por uma contínua brancura, que joga admiravelmente com a cor pérola dos espelhos, constantemente alterada pela reflexão das imagens circundantes. Não duvidamos que, a um certo gosto mais conservador, esta arte surgirá como a forma mais acabada de uma *«arte asséptica»*.

Mas outra série de Objectos o artista nos mostra, e aí as suas preocupações últimas plenamente se concretizam. São pequenas peças, espécie de «bibelots», que se podem colocar sobre qualquer móvel, mais fechadas em si, e, também, mais «íntimas», duma concepção muito delicada. Aqui a *poética* de Noronha se alarga, encontrando um fio que parecia ter-se perdido numa exposição de «paisagens» que realizou na Galeria 111, em 67. A pro-



Noronha da Costa: o homem perante o objecto recebido

pósito de tais Objectos, também de «paisagens» se deve falar, ou da recuperação de uma certa *poética* impressionista, eivada de da 111, essas «paisagens» eram obtidas ainda por processos pictóricos ou processos afins, como a colagem ou o decalque. Agora elas formam-se por reflexão no *écran* espelhante e são, também, a resposta «não real» da *imagem* à realidade concreta de um *objecto*. A cor assume, então, uma importância enorme, e com ela se enriquece esta arte de uma memória mais vivamente pictural.

Bem se poderia dizer de toda a obra deste artista, mas mais rigorosamente destas «paisagens», que ela entronca num veio «lírico» de raiz bem portuguesa, sem esforço a paisagem vislumbrada se abrindo para uma viagem mais longa, nas regiões já da metafísica. Então as ressonâncias subjectivas avolumam-se e a viagem não mais se detém. As antinomias Antes-Depois e Aqui-Acá, apontadas por J.-A. França, são chaves que vão abrir portas mais estreitas

(Continua na 6.ª página)

UM SINO NA MONTANHA



Acontecimento invulgar nas letras portuguesas: numa reunião efectuada na Galeria Quadrante, um editor — Publicações Europa-América — promove o lançamento de quatro obras nacionais. A iniciativa é a todos os títulos digna do mais alto registo, tanto mais que dois escritores de primeiro plano, como Alves Redol e Fernando Namora, se apresentaram lado a lado com dois camaradas mais jovens, um

Um sino cristalino

dos quais aparece, ao que supomos, pela primeira vez nas nossas letras.

De Alves Redol assinala-se mais uma reedição e de Namora um novo original: *Um Sino na Montanha*. «Páginas sem programa que correu vários telados», lhe chama o Autor, e, na verdade é um conjunto de notas pessoais, de meditações, do apontamento humano ou da apreciação intelectual que constituem este primeiro «Caderno de um Escritor» de que, neste mesmo «Suplemento DL», já foram publicados alguns trechos.

O admirável romancista, com o seu estilo pessoal, está presente na descrição mais passageira como na observação mais profunda dos problemas intelectuais.

Os leitores dessa extraordinária afirmação intelectual que é o *Diálogo em Setembro* reencontram-se aqui com o autor dos capítulos de «Conversas de Acaso» e de «Galeria» que constituem as duas últi-

mas partes do novo livro de Fernando Namora. E os admiradores do romancista de Minas de São Francisco ou do contista de *Relatos da Vida de um Médico* serão uma vez mais seduzidos pelos prestígios de observação dos apontamentos, por exemplo, da primeira parte de *Um Sino da Montanha*, tão repassado de compreensão e de profundidade sentimental.

Um fundo traço romanesco une estas páginas de *Um Sino da Montanha*; uma experiência vivida as enforma; um debate interior de ideias e de conceitos se lhes antepõe e lhes dá vida. Mas o que está em causa no novo original de Namora é uma consciência de escritor — o testemunho de um homem que no viver quotidiano carregou uma experiência e que, depois, na solidão da montanha agita um apelo cristalino e desperta em quem o ouve os recantos da sensibilidade e das atitudes responsáveis.

valor do texto e o prestígio de um autor junto de um público cada vez mais vasto e sempre renovado.

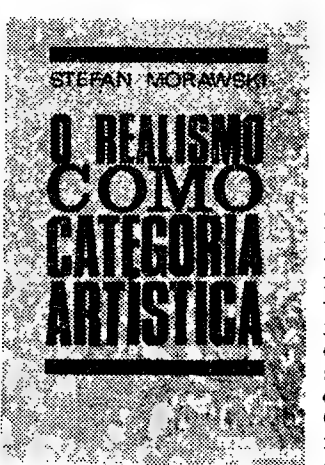


Teatro de José Régio

QUARENTA E TRÊS ANOS de actividade literária e uma obra consagrada pelo significado que encerra — eis o balanço de José Régio. Na Poesia, na Novelística, no Teatro e no Ensaio raros autores portugueses têm criado tão empenhada polémica à sua volta e raros também terão sido tão justamente admirados. Por isso, a Portuguesa Editora ao publicar as *Obras Completas de José Régio* está realizando um trabalho de inestimável valia nos quadros da cultura portuguesa, pela possibilidade que oferece

de divulgar e sistematizar uma obra tão variada e tão rica de contrastes.

A *Salvação do Mundo*, o mais recente volume dessa série, aparece agora no mercado, catorze anos depois deste original ter sido publicado pela primeira vez. Levada ao palco pelo grupo cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, numa encenação de Cláudio-Henri Frêches, a tragédia de José Régio passa, assim, ao público leitor em 3.ª edição. Tal facto impõe desde logo que se reconheça o excepcional



Um pequeno volume, um importante estudo, este *O Realismo Como Categoria*

A madre e a madrastra

De Joaquim Lagoeiro, o autor de *Os Foidas*, *Corda Bamba*, *Santos Pecadores* e de *Viúvas de Vivos* acaba de sair *Madre Antiga* (Editorial Minerva Lisboa), um novo romance em que mais uma vez o tema da emigração que o escritor, tão empenhadamente tem focado, reaparece com novas incidências e com novos contrastes. A citação de Sá de Miranda ilustra com felicidade a temática da obra («Deixais esta madre antiga/ie-vos buscar a madrastra») e a construção simples e despojada do romance ajusta-se com rigor ao cenário e ao perfil humano das personagens.

Na sociologia contemporânea o problema que, há anos, Joaquim Lagoeiro tem vindo a abordar, assume um significado cada vez mais pertinente que a evolução da nossa província tem vindo a confirmar. É esse um dos méritos

Mística de Stefan Morawski que as edições Nova Realidade acabam de publicar em tradução cuidada de Manuel Simões.

A análise das classificações semânticas, a caracterização dos sinais artísticos e muitos outros ângulos de estudo do fenómeno em questão, agrupam-se numa perspectiva realmente actualizada que permite interpretar a obra de arte com profundidade e sem as facilidades de rotina dos estetas demagógicos. O livro de Morawski vem responder às aberturas oportunistas que dissolvem o enquadramento dos conceitos e, simultaneamente, enjeita a estreiteza dos

«dialetas» do realismo naturalista. «Dentro da categoria literária do Realismo», escreveu Alexandre Pinheiro-Torres, a propósito deste ensaísta polaco, «se diversificam as diferentes formas do realismo (de há cem anos para cá: o realismo-naturalismo, o realismo dialéctico nas suas diferentes «apresentações»: realismo socialista, realismo histórico, neo-realismo, e o realismo objectivo: *nouveau roman*, etc.).

Tendo em atenção o exposto não poderá afirmar-se que toda a obra de arte é *realista*. É certo que não há obra literária onde não se encontrem referências ao real.

CHEGOU O OUTONO e para leitura a NOVIDADE LITERÁRIA apropriada JORNADA SEM FIM

(2.º Vol. do Ciclo Moçambique)

— de — DANIEL SEVERINO

(«inegável vocação de ficcionista») — «Diário de Notícias» de 1-3-957)

Autor de «O AMOR É UMA CABANA» — 1.º Vol. do Ciclo Moçambique — («Um longo, denso e amadurecido romance de costumes, este livro», «O livro, de aliciente leitura, é promissor preâmbulo dos volumes que, incluídos no mesmo ciclo, DANIEL SEVERINO se propõe publicar: «JORNADA SEM FIM» e «MIRAGEM TROPICAL») — «Diário Popular» — Secção Letras e Artes, de 17-5-962.

DANIEL SEVERINO é Autor, também, de «CONTOS DO NATAL»

(«O primeiro conto destes paradoxais Contos do Natal — Adeus, Amigo! — é das histórias mais patéticas que temos lido em língua portuguesa. E a sua originalidade, talvez inconsciente e por isso ainda mais apreciável, não a podemos relacionar com a novelística corrente. Por vezes, vem-nos ao espírito «O ESTRANGEIRO» de Camus») — Dr. JOÃO GASPAR SIMÕES.

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA

Cursos: BÁSICO, NORMAL, ACELERADO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CURSOS — OUTUBRO

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES

Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702

CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS

R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380

Manuel Bandeira

Na morte de Manuel Bandeira
o «Suplemento DL» presta homenagem ao poeta
que foi uma das maiores glórias
do espírito brasileiro e da língua portuguesa
um homem que aos oitenta e dois anos
era ainda um dos mais vivos,
inquieta e renovadores
artífices da criação literária.

Manuel Bandeira

e alguns poetas portugueses



«...engoliu um dia um piano
mas o teclado ficou de
fora...»

Desenho de Fujita

Auto Retrato

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
a face do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da Arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

António Botto, inventor

Era um grande poeta —
e um grande inventor de
mentiras. Como poeta po-
dia fazer canções desta de-
liciosa ingenuidade:
«Faze ó ó, meu pequenino, —
Anda lá fora um rumor...
Voz do mar, ou voz do vento.
Faze ó ó...»

— Seja o que for!
Vejo as estrelas brilhando
Através desta vidraça;
— Sinto-me triste, mais só...
andorinha, andorinha
E a minha voz vai cantando:
— ó ó... — ó, ó...»

Cito essa cantiga de em-
balar porque é curta. Há
numerosas outras tão bo-
nitas ou mais.

Como inventor de menti-
ras era capaz de improvi-
zações como esta:
Uma noite, numa reu-
nião em São Paulo, a con-
versação caiu no nome de
Mário de Andrade, já fale-
cido. Botto tomou um ar
pesaroso e falou:

— Ainda me lembro da
primeira vez que o vi. Foi
em Lisboa. Eu estava a
banhar-me quando o cria-
do veio dizer-me: «Está aí
o senhor Mário de Andra-
de». Mário de Andrade?

Nu, como estava e sem me
enxugar corri à sala...

Ai um dos da roda inter-
rompeu-o:

— Mas o Mário nunca
salu do Brasil.

Botto não se alterou:

— Ah, não? Então devia
ter sido o Gide ou o Proust.

Não se contentou jamais
de ser um grande talento;
proclamava-se génio. Por
si e pela voz dos maiores
escritores — Pirandello,
Unamuno, António Macha-
do, Garcia Lorca, Fernan-
do Pessoa... Quando deu o
primeiro recital no Rio
(dizia maravilhosamente
os seus versos) pediu-me
que o apresentasse. Foi-lo
em algumas palavras que
depois me fez escrever.
Mas tirando cópia delas
para publicação numa re-
vista, onde o chamei de
grande poeta, riscou o qua-
lificativo «grande» e subs-
tituiu-o por «genial». Ele
não fazia por menos...

Tinha tudo para ser ad-
mirado e amado: presen-
ça simpática, maneiras en-
cantadoras, voz insinuante,
dotado de persuasivas in-
flexões. Não precisava se-
não de ser simplesmente o

que era. Não compreendeu
isto. Não compreendeu que
mais do que as palavras
de exagerado louvor que
pôs na boca dos que talvez
nunca tivessem lido uma
linha dele, valiam as do
seu sincero conterrâneo
José Régio ao dizer da obra
do confrade mais velho
que ela ficaria «pesada de
sentido e cristalina de tim-
bre, sobre a qual o tempo
não terá poder.»

Março 1959



António Botto
ou a automotificação

«OS GIRASSÓIS AMARELOS RESISTEM»

por Alexandre O'Neill



RESISTEM os girassóis. Resiste Irene.
Resiste o Pneumotórax. Resiste a Evocação
do Recife. Resiste Manuel. Nada mais enga-
nador que a simplicidade de Manuel Bandei-
ra. É arje consumada. Aconselho-vos a des-
confiarem da facilidade com que ele «despa-
cha» um poema. Manuel joga e desmancha,
muito habilmente, o jogo, diante dos nossos
olhos, para fingir que sai perdendo. Sabe,
muito bem, dar a impressão de que não
sabe, de que encontrou a solução por mila-
gre, assim, de supetão.

Conto, entre os meus antepassados, al-
guns pernambucanos. Napoleão, o conse-
lheiro, que, apesar da muita aguardente de
cana que há por lá, espero não tivesse an-
dado de mão a aliviar a úlcera, como se diz
que fazia o seu homónimo, aquele das bata-
lhas; Olympia-do-Brasil, minha tia-avó, que
passava a vida nos navios do Lloyd Brasi-
leiro em recovagens sentimentais entre Bra-
sil e Portugal; tantos outros, a sépia, no ál-
bum, cujos nomes esqueci ou nunca soube.
Mas todos eles e tudo isso (as histórias de

família, os velhos almanaques recifenses,
uma vaga quinquilharia exótica desarrumada
por cómodas e gavetas, o falso sotaque per-
nambucano dos de cá) são as minhas ra-
zões muito fortes para amar Manuel Ban-
deira e sentir a especial atmosfera das suas
evocações — que sessenta anos de Rio não
mataram, em Manuel, o pernambucano!

Aparte estas razões tão minhas, há as ra-
zões que o concernem; a sua alta qualidade
de poeta, a sua falta de aparato (que falta
grave!), o seu gosto de rejeitar a «perfei-
ção» para que a «marca da vida» venha
desmanchar um pouco as coisas, a sua re-
signação exemplar (e nada masoquista!) no
aceitar os momentos pobres da existência,
a sua ironia, a ironia de quem jogou, tantos
anos, às escondidas com a morte...

— Já poode!, fez Manuel do seu canto.
E a morte veio e, desta vez, apanhou-o.
Mas...

... Quando a Indesejada das gentes chegar,
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

Progresso

por Ana Hatherly

RECENTEMENTE foi posto em relevo nesta página o
aparecimento em português da obra de Denis Rouge-
mont «O Amor e o Ocidente», que aliás tive o prazer
de traduzir. Numa espécie de adenda a esse comen-
tário, gostaria de me referir ao recente aparecimento
na mesma casa editora (1) da obra de Paul Tillich
«Amor, Poder e Justiça», em tradução de Maria José
Miranda.

Não é porque se possa
fazer que uma obra é
prosseguimento da outra —
para além dos 16 anos de
intervalo que existem en-
tre a publicação de uma e
de outra (1938 e 1954, res-
pectivamente) — mas sim
porque ambos os autores
se empenham, também pa-
ra lá de todas as diferen-
ças de temática, tese ou
objectivos, em estabelecer
o confronto entre as no-
ções de Eros e Agapê. As-
sim, enquanto Denis de
Rougemont — para quem «o
Ocidente é, antes de tudo,
uma concepção do amor» —
parte do mito de Tristão e
Isolda para elaborar toda
uma série de investigações
de ordem cultural e moral,
Tillich encara o problema
do amor de um ponto de
vista puramente ontológico,
fundamento moral das es-
truturas da sociedade. A
sua «ontologia do amor» é
uma base para a elucidar-
ção do problema como tal
e das suas relações com o
poder e a justiça. Diz: «a
maior parte dos estratage-

mas da ética social, da teo-
ria política e da pedago-
gia são devidos à incom-
preensão do carácter on-
tológico do amor». Tillich
rejeita a tentativa de re-
dução do amor ao seu ele-
mento puramente emotivo:
«A vida é o ser actualiza-
do e o amor o poder ini-
ciador de vida. Estas duas
definições exprimem a na-
tureza ontológica do amor.
Dizem que o ser não se
actualiza sem o amor que
impõe tudo o que é de um
lado, para tudo o que é do
outro. A natureza da vida
manifesta-se ao homem na
experiência do amor. É o
amor quem reúne o que
está separado. E uma reu-
nião pressupõe a separa-
ção do que pertence essen-
cialmente a uma mesma
unidade. Seria no entanto
falso conferir à separação
a mesma importância on-
tológica da reunião. Com
efeito a separação pressu-
põe uma unidade original.
A unidade contém em si
a separação, exactamen-
te como o ser com-
preende ao mesmo tem-

po o ser e o não-ser.
É impossível unir o que
está essencialmente se-
parado. Em última aná-
lise, não se pode conceber
a união de dois objectos
que não pertencem a um
conjunto. Não há comuni-
cação entre duas entida-
des absolutamente estran-
has uma à outra. Mas o
que está alienado procura
areunir. A alegria do
amor pelo «outro» traz
igualmente em si a ale-
gria da sua própria reali-
zação graças ao outro. E
ainda: «O amor manifest-
ta o seu maior poder
quando supera a maior se-
paração. É a maior sepa-
ração é a separação do
que é idêntico, do mesmo,
do eu.» «O amor reúne
duas entidades, cada uma
das quais individual e em
relação consigo própria. O
poder do amor não é uma
espécie de aditamento a
um processo completo e
acabado em si, mas a vi-
da contém em si o amor
como um dos seus elemen-
tos constitutivos.» «A rea-
lização e o triunfo do amor
residem na sua capacida-
de de reunir os seres mais
radicalmente separados, is-
to é as pessoas individuais.
A pessoa individual é si-
multaneamente o que há
de mais «separado» e o
que possui em si o amor
mais poderoso.»

Tillich defende a libido
contra Freud: «A libido em



«Provinciano que nunca soube escolher bem uma gravata...»

Desenho de Cícero Dias

A António Nobre

*Tu que penaste tanto e em cujo canto
Há a ingenuidade santa do menino;
Que amaste os choupos, o dobrar do sino,
E cujo pranto faz correr o pranto:*

*Com que magoado olhar, magoado espanto
Reveja em teu destino o meu destino!
Essa dor de tossir, bebendo o ar fino,
a esmorecer e desejando tanto...*

*Mas tu dormiste em paz como as crianças.
Sorriu a Glória às tuas esperanças
E beijou-te na boca... O lindo som!*

*Quem me dará o beijo que cobijo?
Foste conde aos vinte anos... Eu, nem isso
Eu não terei a Glória... nem fui bom.*

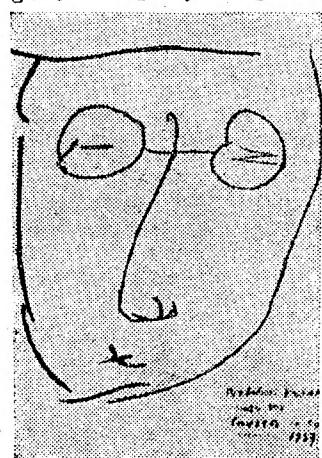
Fevereiro 1916

Manuel Bandeira

e alguns poetas portugueses

Os vários Fernando Pessoa

CONFESSO que prefiro a obra de Fernando Pessoa ele mesmo à dos seus personagens fictícios. Ricardo Reis não me interessa grandemente senão em meia dúzia de odes e alguns versos lapidários («ir



Pessoa, ou realidade imediata

no rio das coisas». «Que é qualquer vida? Breves sóis e somos»); a ênfase, os excessos de Álvaro de Cam-

pos me fatigam, ainda que lhe reconheça a grandeza da «Ode Marítima», da «Tabacaria», a delícia menor das «Cartas de Amor». Simpatizo mais com Alberto Caeiro, talvez porque encontre nele muito do Fernando Pessoa. A filosofia de Caeiro se resume a isto: «Cada coisa é o que é, e isso me alegra e me basta». Mas como ele sabe ser poeta dentro dessa realidade imediata! Esse Caeiro me tem ajudado a viver. Muitas vezes me tenho repetido isto:

*«Pouco me importa.
Pouco me importa o quê?
Não sei: pouco me importa.»*

Caeiro faz a gente encontrar alegria no facto de aceitar: «no facto sublimemente científico e difícil de aceitar o natural inevitável.»

Agosto 1960

NOVIDADES
LITERÁRIAS



A ATENÇÃO, de Alberto Moravia

Um novo Moravia, ousado e estilisticamente em ruptura com a obra anterior do romancista.

Colecção CONTEMPORÂNEA — 390 págs. 55\$00.

POESIA-III, de José Gomes Ferreira

Reedição do livro mais acarinhado de José Gomes Ferreira, Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores.

OBRAS DE JOSÉ GOMES FERREIRA — 3.ª edição, 286 págs. 50\$00.

ILHA DO DESTERRO, de Alexandre Pinheiro Torres

Alexandre Pinheiro Torres reaparece no nosso coro poético.

Colecção POETAS DE HOJE — 114 págs. 35\$00.

OS MEUS AMORES, de Trindade Coelho

Conta já 16 edições este clássico da literatura portuguesa.

OBRAS DE TRINDADE COELHO — 16.ª edição, 384 págs. 50\$00.

O MÉDICO RURAL, de Balzac

No portentoso monumento que Balzac erigiu à glória da humanidade («A Comédia Humana»), mais uma das pedras fundamentais: O Médico Rural.

A COMÉDIA HUMANA — 350 págs. 50\$00.

A ILHA DO VULCÃO, de Fenimore Cooper

Um clássico da literatura americana escolhido para leitura dos mais jovens.

BIBLIOTECA DOS RAPAZES — 264 págs. 30\$00.

A HERANÇA DA TIA DE CORDES, de Hector Malot (2 vols.)

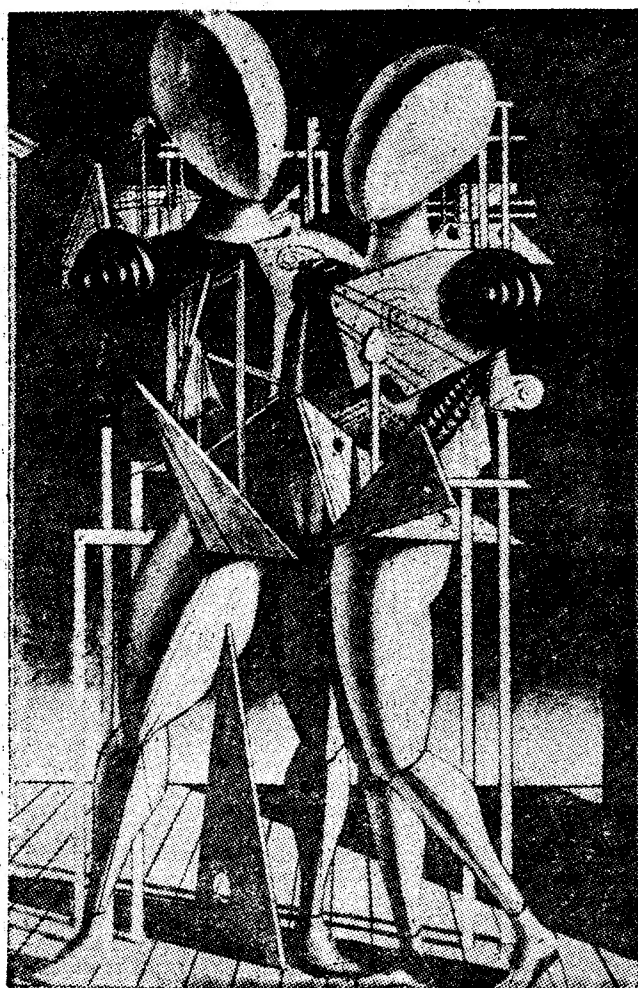
Leitura amena, instrutiva e recheada de intrigas e peripécias para os jovens de mais de 12 anos.

BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS — 2 vols. 232 págs. 50\$00. (Cada vol. 25\$00).

Portugalia Editora

AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

de Eros



Chirico:
«Os amantes»

si é boa. Defendemo-la contra Freud e a desvalorização do que descreve como a tendência libidinosa infinita com as suas consequências, a insatisfação profunda e o instinto da morte. Aceitamos esta análise como uma descrição da libido na alienação mas não no sentido criador. Sem libido a vida seria puramente estática.»

Qual a diferença entre Eros e Agapê? «Segundo Platão, definimos Eros como a potência de movimento em toda a criação cultural e em toda a mística.» «O Agapê dirige-se ao que constitui o centro da pessoa. O amor de Agapê vê outra pessoa como Deus vê. O Agapê eleva a libido a um nível de unidade última de amor, poder e justiça.»

Paul Tillich, o admirável e discutido autor da «Teologia da Cultura», cuja tradução em português está já anunciada para breve, propõe em «Amor, Poder e Justiça» um ângulo de visão extremamente fértil em possibilidades de discussão, de contestação.

E a propósito de contestação, não posso deixar de mencionar o aparecimento em língua portuguesa de «Eros e Civilização», de Herbert Marcuse (2). Que diz este autor logo na in-

trodução? Isto: «A tese de Sigmund Freud segundo a qual a civilização é fundada na permanente sujeição dos instintos humanos, foi geralmente admitida. A questão, que ele põe, de se saber se as vantagens da civilização compensam os sofrimentos infligidos ao indivíduo, não foi levada suficientemente a sério e isso até na medida em que o próprio Freud considerava esse processo como inevitável e irreversível. A livre satisfação das necessidades instintuais do homem é incompatível com a sociedade civilizada. A renúncia e o transporte da satisfação são as próprias condições do progresso. A felicidade, diz Freud, não é um valor cultural. A felicidade deve ser subordinada à disciplina do trabalho como ocupação constante do tempo, a disciplina da reprodução monógama e às leis da ordem social. O sacrifício sistemático da libido, o seu desvio rigorosamente imposto no sentido das actividades e das manifestações socialmente úteis é a civilização.»

Esse é o tema da obra, que Marcuse sujeita a uma investigação exhaustiva.

Mas para além das dissertações dos filósofos, ocorre perguntar: o que pensa o homem comum do

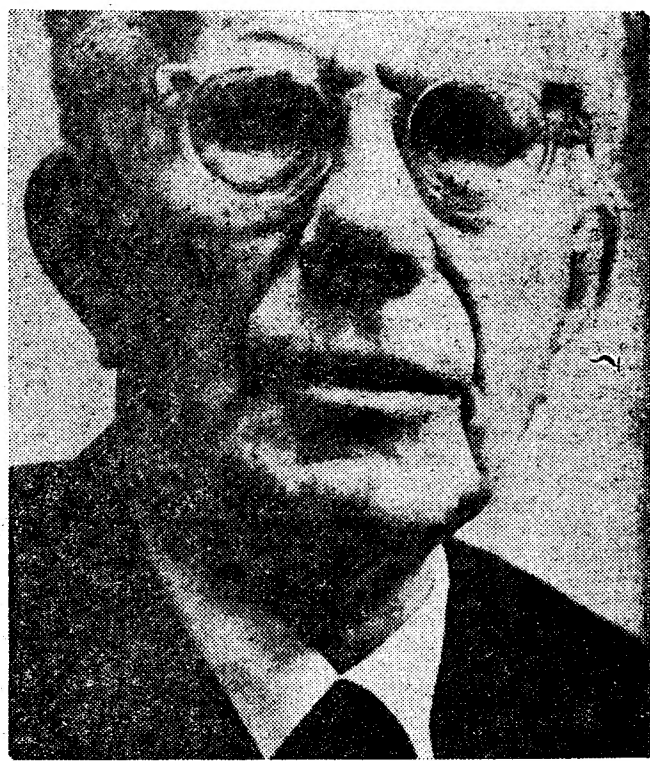
amor? Há dias assisti na televisão a uma entrevista com o actor de cinema Omar Sharif. Tendo-lhe sido perguntado «que pensa do amor?» ele pôde dizer:

«O amor é o estado em

que um indivíduo é capaz de abdicar da sua liberdade, conscientemente e sem esforço.»

1) Moraes, Editores.

2) Zahar Editor, Rio de Janeiro.



Paul Tillich:
Uma nova definição de Deus e do pecado

Desinfecção

por Manuel Agra

«Pois — disse-me aquele amigo — o que me atrai na literatura moderna portuguesa é, como é que hei-de dizer... É a sua recusa da ficção, pelo menos ficção à maneira romântica, à maneira naturalista».

Contrariar-me, neste ponto. Garanti, com a autoridade que me vem dos muitos anos atascado em naturalismo, que aí a ficção estava em estado de pudor, mas estava e talvez mais desavergonhadamente do que nunca. Mesmo o primo neo-realista, com suas preocupações intervenientes e a curto prazo, usa uma ficção um tanto romba, mas ficção.

PRÓLOGO

O tal meu amigo concordou. Disse o habitual nestas circunstâncias: que não era bem isso o que queria dizer. Que o que ele queria dizer era que...

Em resumo: a ficção começa a gastar-se. A imaginação foi usada em demasia e o resultado está à vista: o inevitável mal da próstata. O tal amigo meu fartou-se da ficção, à base da rãfia. É a construção, a interrogação ao real, o escrever como quem eruditiza (e já não apenas eroditiza) que o apaixonado. Cita o «Bolor» de Augusto Abelaira. Cita «O Delfim» e o «Hóspede de Job» de José Cardoso Pires.

Desculpem: não foi ele quem citou. Fui eu. A minha situação, no domínio das ficções, era idêntica à do meu amigo. Simplesmente, ele declarou-a primeiro do que eu. Vale-me não ser ele um literato. Se não, de duas uma: ou não me declarava coisíssima nenhuma e a guardava para si, como quem aperta ao colo o filhinho amado, para fazer brilhar nas revistas de literatura que são os suplementos dos diários dos quais o nosso foi pioneiro; ou a estas horas estava na Brasileira a gritar que eu o plagiara indecentemente, que me aproveitara das suas investigações e que, se me

apanhasse nas imediações, me bengaleava.

HE LISBOA UM OLHO CLARISSIMO...

Porque eu vou escrever um livro. Ai vou. O livro do meu divórcio com a ficção. Livro mui digno de ser lido pelos que, como eu e o meu amigo, se desmagnetizaram, romanesca-mente falando.

E no entanto hesitei quando se me proporcionou a primeira oportunidade de me libertar da ficção. A oportunidade chamava-se «NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA ORIGEM DO NOME LISBOA», da autoria de Arlindo de Sousa.

Pensei que talvez me falecesse a coragem. Que talvez ainda não estivesse maduro para a almejada desficcionização. Ainda rabbiava em mim muito do interesse costureirinho afinal casaram ou não casaram?

Comecei por assustar-me com a bibliografia do autor. Nada menos de 39 títulos saídos e 19 prometidos, dado a arteirices ficcionistas, por exemplo: «Antiqua Lusitania — Nomina virorum mulierum deorum dearum aliaque in Lusitania reperta (elementa ad Lo cupletius studium».

Entendamo-nos. Contra ficção, mas não tanto. Já agora, que me não matasse o remédio.

Havia, ainda, o pormenor dos asteriscos, na Bibliografia, a substituir os números para chamadas. Os asteriscos deixam-me fora de mim. Doido, até às mãos na cabeça. «VOCABULÁRIO DE ENTRE DOURO E VOUGA» (***)

E em baixo: (*****) — A maior obra de geografia linguística, etc., etc.

A dedicatória quase me derrotou: «IN MEMORIAM do eminente olisipógrafo eng.º Augusto Vieira da Silva, a quem devo o estímulo da minha humilde obra sobre a gloriosa cidade de Lisboa».

Diabo. A gente não quer ficção, não quer, não quer, mas depois é que são elas:

NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA ORIGEM DO NOME DE LISBOA

por Arlindo de Sousa Lisboa 1968

o vício leva-nos a exigir ao que não é ficção as qualidades que das ficções literárias são atribuídos. Os eminentes estes e aqueles, a humilde obra, a gloriosa cidade? Ah, não isto custa. Vou regressar às lides inventivas...

Quanto a carne é fraca! Quem me salvou foi a página que não leva número mas, por dedução, é a 13. Ai se transcreve de Jorge Ferreira de Vasconcellos: «Tal he Lisboa em que nunca falece trato & boa ventura para todos. Ah, que não ha terra no mundo como Lisboa, a conversação da gente, a arte das mulheres, a liberdade da vida, nem creais que se pode viver em outra parte».

Ai se cita de Alvarenga Peixoto. Almanak das Musas, 1794, parte IV, pág. 139-145:

Lisboa, da Europa maravilha cuja riqueza todo o mundo assusta.

Isto me resolveu. Conclui que talvez valesse a pena descobrir Lisboa, como valera a pena ao Afonso conquistá-la.

Para maior glória do antificcionismo, nem se punha o problema de descobrir Lisboa, o que implica sempre dose elevada de fantasia. Tratava-se de descobrir a raiz da palavra Lisboa. Manda o rigor, nestes domínios. Manda o positivo. Arlindo de Sousa leu e interpretou as inscrições de Rafael Volaterrano. Não esqueceu que além da literatura das conquistas e descobrimentos que culmina com a gloriosa epopeia dos «Lusiadas», há a literatura tradicionalista dos velhos habitantes do país: tartéssios, hebreus, ligures, iberos, fenícios, fócios, celtas, cartagineses, lusitanos, Viriato, o guerreiro terror de Roma, Boco o escritor, as cidades, as vias militares, as divindades pré-romanas e romanas as termas, os teatros: a Idade Média, as lutas contra os mouros, a bravura dos reis, a protecção dada às artes, às ciências, às letras, ao comércio, à indústria e à navegação, as lutas civis e guerras contra

a Espanha; nos séculos do Renascimento os estudos das humanidades, da gramática e da língua, o meio europeu, Portugal no seu meio natural, geográfico, náutico, filosófico.

Embora Lisboa seja aqui desde 1147, Arlindo de Sousa sempre desejou celebrar a sua aparição na História em mais remota antiguidade: «Recordamos o paleolítico (musteriense e paleolítico superior e pós-paleolítico); o neolítico; os tartéssios; durante os romanos, os anos de Públio Cipião Africano, Marco Pórcio Catão, Décimo Júnio Bruto, Sertório, Júlio César, Q. Cássio Longino, Augusto, Nero, etc.

Arlindo de Sousa cita o P.e Frei Manoel dos Anjos, autor da História Unversal, 2.ª edição, Lisboa, 1702, págs. 6-7.

Diz o P.º dos Anjos: «A nobreza de Lisboa ha myster longo tratado, mas por q pode parecer ingrata deslealdade, passar de todo por seus louvores, quero me contentar com imitar a Plinio, quando louvou a Itália. He Lisboa hum olho clarissimo do univervo potentissima Raynha do Oceano, Atlantico, Arabico, Persico, Indico & Boreal. Esclhida por Deos para esclarecer, o Mundo, & ascender o lume da fee em gentes Barbaras, & nações feras.

«A primeira, & principal Cidade, Corte dos Reis de Portugal he a illustrissima, & famosa Cidade de Lisboa, a cujas grandezas fizera agravo, se as quizeira copiar nesta breve summa, quando para ellas se requerem grandes tomos, & Chronicas mais dilatadas, pelo qual as deixo para os que em particular as descreveram, contentandome com dizer, que he hum das quatro mais sinaladas, & populosas da Europa (segundo tem communmente os geographos) as quaes são Constantinopla, Paris, Lisboa, & Napoles: porem no sitio, clima bondade de territorio, porto de mar, & mais grandezas, se aventaja a todas, sendo uma perpetua primavera, deleite, & regalo da natureza humana, compendio, & cifra dos bens, que a commun repartio pelas mais partes do mundo, como largamente se pede ver nos Autores, & Chronicas de Portugal q descrevem todas estas cousas por extenso».

Também o P.º João Bau-

tista de Castro é lembrado na obra de Arlindo de Sousa. P.º João Bautista, que escreveu «Roteiro Terrestre de Portugal em que se ensinão por Jornadas e Summarios não só os Caminhos, e as Distâncias que ha de Lisboa para as principaes terras das Províncias deste Reino, mas as derrotas por travessia de humas e outras povoações delle», Lisboa, 1748:

«O ponto central, que elegi para delle lançar os Roteiros para as mais partes, pareceu-me ser adequado, e útil para a clareza. Lisboa, como Corte do Reino Portuguez, he o coração da sua Monarchia, não tanto pela vantagem do felissimo sitio, em que está, quanto pela grande capacidade, e conveniência do commercio, que tem, onde a maneira do coração nos corpos viventes, que he o principal fundamento que vivifica todos os seus membros, assim Lisboa com humas facil, e continua distribuição communica, e reparte a subsistência vital dos cabedais a todas as partes mais remotas das suas comarcas: ou já pelas veas dos portos, tractos dos rios, ou pelas vias das estradas, por meio das quaes recebe também com reciproca affluência a fertilidade, e regalo dos frutos, que todas as terras deste continente lhe estão tributando, como a Princeza».

Ainda para se situar historicamente, o author de que trato aqui hoje não pode deixar de fazer referência aos Normandos, da Escandinávia. Madjus, e afrancesados, pagãos veneradores do fogo, piratas arrogantes, destemidos, que infestaram as costas dos mares, desde a Finlândia até ao norte de Africa, e, ao que parece, até às Canárias, as barbaridades, praticadas por estes «Lobos» por entre as quaes se contam a destruição de Ruão e o assassinio do bispo de Nantes».

Arlindo de Sousa garante a relação deste povo com a cidade de Lisboa:

«Nos meses de Agosto a Setembro, do ano de 844, desembarcaram, em Lisboa os contingentes de uma frota de 54 navios e outras tantas barcas. Estas tropas, partindo de Lisboa, atingiram Cádiz e Sevilha (1 de Outubro do mesmo ano). Só no mês de Novembro é que foram obrigadas a reembarcar, per-



seguidas pelos árabes. Um bando dos invasores chegou até Arzila.

«Em 966 deu-se uma grande invasão de Dinamarqueses que vieram em auxilio dos primeiros duques da Normandia, de França, que tentaram uma expedição contra a Espanha muçulmana, sobre os conselhos interesseiros de Ricardo I.

«Durou três anos. Os invasores apareceram primeiro em Alcácer do Sal e desembarcaram na região de Lisboa que devastaram. «O Califa al-Hakam enviou contra eles uma esquadra de Sevilha que se encontrou com a esquadra normanda no estuário do Tejo.

«Travou-se, além desta batalha naval, outra terrestre, nos arredores de Lisboa, que terminou mal para os muçulmanos.

«As sagas dos Normandos descrevem as suas antigas viagens à Península. Numa delas, norueguesa, do século XII, que narra a viagem do rei Sigurd à Terra Santa, vem o termo Lissibon».

De tudo quanto falei e transcrevi não se pode inferir ter conseguido uma perfeita incursão no reino antificcionista. A alguma fantasia pelo meio houve.

Chegámos, porém, ao ponto (Lissibon) a partir do qual toda a ficção acaba. Vai começar a aventura pelos «NOVOS Elementos para o estudo da Origem do nome Lisboa», de Arlindo de Sousa. Aventuremo-nos. Quem estiver inflacionado de ficção acompanhe-me na próxima semana para aquele livro. E para outros, nas outras.

Artes Plásticas (continuação)

Noronha da Costa

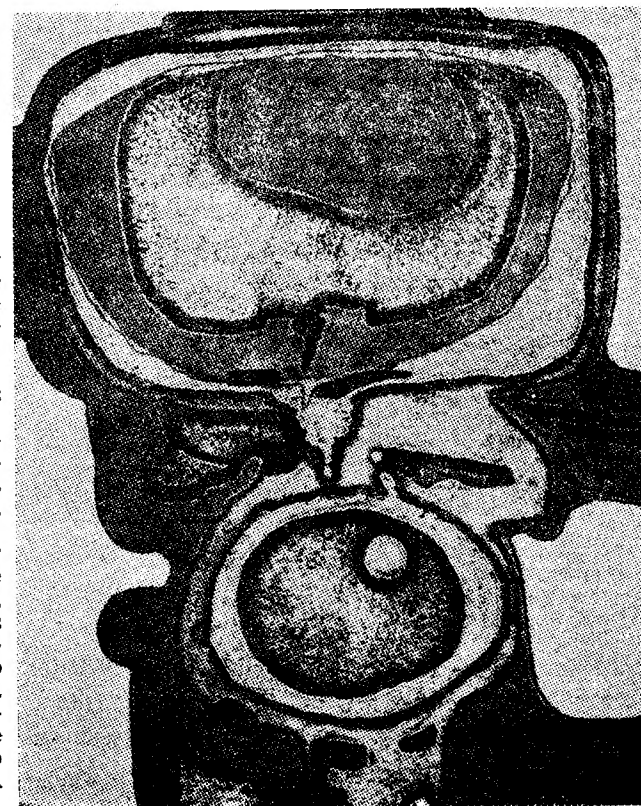
(Continuação da 3.ª página)

e mais longínquas no pensamento do artista. Não cabe, porém, nesta nota, o aprofundamento da problemática com que Noronha hoje se debate. Apenas queremos sublinhar as extraordinárias «aberturas» que a sua obra oferece.

Por mais esta razão elas nos parece hoje um dos momentos altos da nossa vanguarda artística; o equilíbrio do conjunto demonstra bem o esforço do artista no desvendamento da sua verdade original e os cuidados postos na feitura de cada peça, trabalho que já nada tem que ver com o «artesanato» que constituía uma pintura ou escultura tradicionais. Com efeito, sabe o leitor que muita da arte moderna se faz sem que nela o criador ponha as suas mãos. Mu-

tas vezes ele apenas traça o projecto, e operários especializados constroem o Objecto. Isto só foi possível desde que o artista entrou no âmbito de uma estética que recusa a acen-tuação do Sujeito, pensando-se a atitude anterior como o prolongamento de uma ideologia burguesa, de expressão individualizante. A posição dos «objectistas» não deve, pois, ser encarada como um reflexo da tecnocracia actual, mas como o aproveitamento dos recursos da tecnologia por uma arte que propõe um homem novo, no seio de uma sociedade em que o colectivo acaba por trans-romantismo. Na exposição ceder o meramente individual. Esta posição é fundamentalmente optimista: o progresso tecnológico deve servir a realização humana, constituindo, apesar

de tudo quanto parece afirmar o contrário, um factor altamente positivo no domínio do homem sobre as forças obscuras — e obscurantistas — que se opõem à sua libertação. Se a tecnologia, hoje, longe de acelerar essa libertação, pelo contrário, visa a escravizar o homem, sabemos bem que isso se deve apenas ao facto de se encontrar ela ao serviço de certas forças regressivas. Mas esse é outro problema, que, decerto, não está inteiramente alheado de qualquer problemática que a obra de Noronha nos possa trazer, já que neste mundo todas as coisas se ligam ou se relacionam. Mas enquanto o não debatemos, não perca o leitor esta bela exposição, uma das melhores que Lisboa terá visto — e não apenas nesta temporada ou nestes últimos anos.



«Gravura»

A Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, que tem desempenhado um papel importante na vida artística portuguesa, em paralelo com outros organismos de finalidades semelhantes, retomou a sua acção pedagógica depois de ter apresentado uma significativa exposição de trabalhos realizados por alunos no ano lectivo anterior. Essa exposição, que provou, mais uma vez, a eficácia e a actualidade dos métodos seguidos na Sociedade de Gravadores, foi também sinónimo de uma produção já projectada a nível superior no quadro dos géneros praticados entre nós. A gravura que publicamos, da autoria de Fernando Calhau, pode sem dúvida integrar-se no âmbito destas considerações e representa condignamente os resultados obtidos por aquele ensino nos últimos anos.

Anatomia de um «best-seller»

(Continuação da 1.ª página)

O inglês remexe o chá e sentença:

«Todo o grande escritor não sabe escrever».

Pelo diagnóstico Edna O'Brien deve ser quem mais bem redige o inglês na Grã-Bretanha. Distó não me podem restar quaisquer dúvidas. Arranjar uma certeza destas não é coisa que se consiga todos os dias.

University of Cardiff. Maio de 1968.

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

Nobel-68

(Continuação da 1.ª página)

Epoca Literária onde lança o movimento «Novas Sensações», que viria a ser um marco na história da literatura nipônica, e inventa uma nova forma de narrativa — os «Contos Miniatura» ou, para seguir à letra a expressão que ele próprio utilizou, «Os Contos que Cabem Dentro da Mão»: em poucas páginas ele descreve experiências singulares, no limite do irreal, onde dá largas ao seu sentido da cor e do fantástico. Lê Joyce, descobre o expressionismo, interessa-se pelo cinema e, nessa altura, escreve o argumento de *Uma Página Inconcebível* de que o realizador Kinugasa Teinosuke faria um extraordinário filme que marcaria o início de uma nova era no campo das artes. O crescimento brutal das cidades, o «jazz», a vida nocturna cosmopolita e, por outro lado, as dificuldades económicas, as incertezas e as lutas políticas, envolvem-no de uma atmosfera perturbadora.

Kawabata descobre então uma nova terra de eleição: Asakusa, bairro de prazer nos limites da velha Tóquio que iria experimentar uma súbita fase de desenvolvimento nos anos que precedem a Segunda Guerra Mundial. Durante todo este período os seus romances situam-se neste universo artificial: *Festa de Asakusa*, *Diário de Asakusa*, *Arco-Iris*, *As Irmãs de Asakusa*. Obras de grande envergadura, repletas de colorido, turbilhões de personagens e de contrastes, todas elas representam um fresco de dimensões gigantescas.

E eis que subitamente a produção do escritor se vai tornando menos abundante, fazendo pressentir a gestação de profundas modificações. Em 1935 aparece numa revista um pequeno conto, *Visão duma Paisagem no Crepúsculo*, a que se seguirão outros textos que Kawabata irá mais tarde trabalhar e agrupar numa obra nova intitulada *Pais de Neve*. O livro constitui um êxito sem precedentes, pondo em evidência uma subtilidade e uma profundidade que o escritor não tinha atingido antes em tão alto nível. Hoje *Pais de Neve* é considerado uma obra-prima da literatura japonesa e é típica dos métodos de trabalho de Kawabata. Tal método, tão particular em si mesmo, consiste, depois de um longo processo de cristalização, em o autor se limi-

tar determinadamente a redigir breves fragmentos, que publicará, e que, em seguida, irá reunir refundindo-os num conjunto onde cada parcela adquire uma ressonância imprevista. Em 1947 tornará a «recriar» *Pais de Neve*, a que acrescentará novos episódios e, assim, a edição definitiva deste livro data de 1948. É este método de criação que o romancista irá aplicar em todas as suas obras-primas, nomeadamente em: *As Aves Brancas*, redigido entre 1949 e 1951 e *O Som da Montanha*, composto entre 1949 e 1954.

De ano para ano a actividade de Kawabata parece evoluir em ritmo crescente. Desde 1922 que tinha mantido — e durante cerca de vinte anos — uma crónica literária, ao mesmo tempo que fazia parte do júri do Prémio Akutagawa, desde a sua fundação. Além de participar desta iniciativa que constituiu o mais importante galardão literário japonês, é nomeado, em 1948, para presidente do Pen Clube e a partir daí inicia diversas estadias no estrangeiro onde lhe são concedidas honras e divulgação.

Entretanto principia a manifestar um gosto particular pelo folhetim e, nessa modalidade, publica: *Gentes de Tóquio* (1954-1955), *Ser Mulher* (1956), *A Antiga Capital* (1961-1962). Comparados com os triunfos precedentes estes romances, por vezes de dimensões consideráveis, denunciam uma qualidade menos apurada, mas representam apenas uma nova etapa de uma obra que está longe de se considerar encerrada.

Kawabata gosta de viver retirado na sua casa de Kamakusa que fica nos arredores da imensa metrópole de Tóquio, protegida por montanhas abruptas e por florestas densas. A sua experiência do infortúnio e a vivacidade do seu espírito sensível explicam certamente a paixão que tem por certos textos antigos, pelas meditações filosóficas da linha do *Hôjôki*, por esse admirável conjunto romanesco que é o *Gengis Monogatari* ou pelos textos budistas.

E cada uma das suas obras nos faz acreditar em que, mesmo no mais pobre desespero, o homem guarda dentro dele a capacidade de uma beleza cristalina.

LUCIEN DUMONT

Três semanas de Maio

(Continuação da 2.ª página)

lumbramo-nos com o brilho de uns degraus gastos mas impecavelmente limpos, detemo-nos num sorriso de mulher, um roçar de roupas femininas, em vícios secretos, como se a morte não existisse e a imortalidade fosse a humana condição. Chega-se mesmo a pensar que tudo é fácil. Todavia só é fácil o que é aparente e é fácil pensar na guerra quando estamos longe da guerra e é fácil pensar no amor quando o amor é apenas uma palavra convidativa. (2)

Diz-se-lhe que ficamos como os cidadãos da An-nexia de que fala esse monstro sagrado que é William Burroughs e João Palma-Ferreira evoca em *Três Semanas em Maio*.

Mas é com adolescente expectativa que imaginamos a vinda desse espantoso João Placenta, o Magnate das Secundinas. Entretanto nada se passa. Porque tudo se passou. Fomos dilacerados, reduzidos a pó.

Repare-se na última frase de *Três Semanas em Maio*:

E as aves nocturnas voltaram a acoitar-se na única árvore da extensa e solitária campina.

Narrativa desesperada, duma acuidade impressionante, ultrapassa assustadoramente a habitual temática da literatura portuguesa. Abrem-se novos horizontes, mergulha-se em aspectos até hoje só focados noutras literaturas e, de tal maneira que, a primeira vista, este livro de João Palma-Ferreira nos surge como uma magnífica e exemplar tradução dum autor estrangeiro. Não estamos habituados a ver a língua portuguesa circular com este à-vonta-

de e esta mestria em tão importantes temas. Não nos iludamos todavia. Sabemos distinguir o trigo do joio. Sobretudo não ponhamos nunca de parte o direito consentido a um escritor de servir-se da imaginação para descrever a realidade. Existe, apesar de tudo, uma tendência atenuadora, um eufemismo apto a suavizar a crueldade do real. A imaginação, por mais fértil que seja, raro atinge a irre realidade do real. Assim a pura coincidência que possa tornar semelhantes pessoas e factos fica às vezes bem longe da crueza do dia-a-dia. É tempo de citarmos Hemingway:

Cada dia que passa torna-se mais perigoso, mas nós vivemos o tal dia-a-dia como acontece na guerra. (3)

O homem está só, cada vez mais só, mais entregue aos seus fantasmas, porque cada vez é maior a falange de coisas e pensamen-

tos, de acções e ideias que o povoam e solicitam. Mesquinho e magnânimo, abúlico e entusiasta, erótico e frígido, voraz e passivo, insaciável e exausto, calculista e arrebatado, angustiado e safardana, o homem interroga-se e exibe-se pelos estrados sabujos e encerrados que lhe estendem. Mas *la solitude est partout*.

De tudo isto nos dá conta João Palma-Ferreira com desassombro e amor, lucidez e segurança. Saboreando as palavras como um verdadeiro gastrónomo, não hesitando no emprego do condimento mais adequado, ainda que exótico, escrevendo como quem ama, João Palma-Ferreira oferece-nos um belo e salutar livro.

Chegou o momento de o recomendarmos a quantos estejam interessados na renovação da literatura portuguesa e de reconhecermos com júbilo que *menor é quase sempre o que*

em torno da própria ficção se vai dizendo. (4)

É preciso ler estas narrativas que constituem *Três Semanas em Maio*. Discuti-las. Apreendê-las. Mas não vai ser fácil. João Palma-Ferreira escreveu o livro incómodo. E ainda bem. Estamos todos tão re-passados das histórias portuguesas bem penteadas, bem alinhavadas e cheirando a naftalina.

Em suma: La Fontaine já não convence ninguém.

LIBERTO CRUZ

Rennes, 2 de Outubro de 1968

- (1) *Três Semanas em Maio*, narrativas de João Palma-Ferreira. Lisboa, 1968.
- (2) In pág. 52.
- (3) In *A Movable Feast*, de Ernest Hemingway. Fragmento da epígrafe a *Três Semanas em Maio*.
- (4) Palavras de João Palma-Ferreira numa entrevista (importante para a compreensão do seu livro) concedida ao «Diário de Lisboa» em 12/9/68.

Desde Outubro de 1966 milhares de pessoas passaram a saber muito mais que você, lendo e coleccionando Conhecer.

A partir de 11 de Outubro você tem a mesma oportunidade.



Abril Cultural lança Conhecer - Série Azul, a reedição, fascículo por fascículo, de Conhecer. Conhecer está sendo publicado desde Outubro de 1966. Conhecer é lido por milhares de pessoas, semanalmente. Conhecer é de leitura fácil e agradável. Tem muitas ilustrações coloridas. Você lê como se fosse uma revista, e num instante vai aprendendo factos e coisas que compõem o próprio conhecimento humano. Conhecer já está no 6.º volume. Seria uma injustiça se não lhe facultássemos uma nova oportunidade para coleccionar Conhecer.



CONHECER

Série Azul
Reedição de Conhecer
Enciclopédia Semanal Ilustrada
A partir de 11 de Outubro
Em todas as livrarias
e tabacarias do País
Apenas 12\$50
(todas as sextas-feiras)



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL LIVRARIA BERTRAND

Os estudantes franceses e os conhecimentos de «Jazz»

por José Duarte

«Meu pai e minha mãe eram dois garotos quando se casaram. Ele tinha 18 anos, ela 16; eu tinha 3 anos.»

BILLIE HOLIDAY

O Centro de Sociologia Europeia, dirigido por Raymond Aron, Jean-Claude Passeron e Pierre Bourdieu, publicou em fins de 1964, um estudo penetrante sobre a condição estudantil francesa: «Les Héritiers».

As conclusões finais deste estudo salientam o fraco conhecimento dos estudantes em matérias às quais a escola não se dedica. Uma dessas matérias é o jazz. Num inquérito ao nível nacional a parte relativa ao jazz apoiava-se num questionário elaborado pelos melhores especialistas, críticos de jazz, entre os quais a presença de Lucien Malson era índice de qualidade. No que dizia respeito ao jazz, duas perguntas principais subdivididas:

1.º) Entre os músicos que abaixo se indicam, quais os que já ouviu em disco, na rádio ou em concerto: Cannonball Adderley, Louis Armstrong, Count Basie, Ray Charles, John Coltrane, Miles Davis, Duke Ellington, Dizzy Gillespie, Jimmy Giuffrè, Harry James, Thelonious Monk.

2.º) Diga se já ouviu as gravações a seguir indicadas e date-as aproximadamente (n.º 1: antes de 1935; n.º 2: entre 1935 e 1945; n.º 3: depois de 1945) —

«Dippermouth blues» de King Oliver, «Double Chek Stomp» de Duke Ellington (1.ª versão), «Flamenco sketches» de Miles Davis, «Four brothers» de Woody Herman, «Gimme a pigfoot» de Bessie Smith, «Hot House» de Charlie Parker, «Li-very stable blues» da Original Dixieland Band, «Misterioso» de Th. Monk, «One o'clock jump» de Count Basie (1.ª versão), «Sing, sing, sing» de Benny Goodman, «Tisket a tasket» de Chick Webb e Ella Fitzgerald, «West end Blues» de Louis Armstrong (1.ª versão).

Os resultados foram resumidos em percentagens no seguinte quadro:

AUDIÇÃO	EM DISCO		NA RADIO OU TELEVISÃO		EM CONCERTO	
	menos de 4	4 ou mais	menos de 4	4 ou mais	0	1 ou mais
CIDADES						
com menos de 100 000 hab	53	42	53	47	89	11
com mais de 100 000 hab. e cidades universitárias	54	46	60	40	91	9
Paris	53	47	63	37	84,5	15,5

Constata-se, assim, no que se refere, por exemplo, à frequência de concertos de «jazz», uma tendência análoga à que se observa no caso do concerto de música clássica ou do teatro: a residência em Paris é o principal privilégio. Nos pequenos centros urbanos é a rádio ou a televisão que

conquista, por sua vez, mais auditores.

Parece, no entanto, que o «jazz» e a sua divulgação não se podem contentar com a rádio e a televisão como principais veículos, pois é impossível não relacionar a ignorância geral de cultura jazzística e a raridade da audição directa.

Por outro lado, a relação demonstrada nos resultados do inquérito, entre a ignorância radical da história do «jazz» (2.ª pergunta) e a forte percentagem daqueles que indicaram possuir na sua discoteca algumas das obras citadas, confirma que esta música é, na maioria das vezes, consumida, sem que, a acompanhá-la, existam interesses eruditos, caso semelhante ao do cinema.

O acesso a uma cultura verdadeira (quer ela se situe no domínio do «jazz» ou noutro qualquer) de-



aos grupos sócios-profissionais da média ou da alta burguesia.

As possibilidades de chegar à descoberta e posterior adopção do «jazz» são no entanto inúmeras, dado que o «jazz» pertence ao domínio dessa cultura marginal, que a burguesia tanto valoriza, ao depreciar o que é comum, escolar, neste caso. O ideal da cultura burguesa é, com efeito, a singularização, a preferência do que, a maior parte dos outros, ignora ou repudia. No entanto, esta escolha não obriga a um comportamento determinado, mas somente a um uso simbólico desse comportamento, uso destinado a evidenciar QUE se escolheu.

No «jazz» este anticonfor-

mismo é ainda mais relativo. As respostas dos estudantes franceses situaram-se em dois níveis diferentes, de significação equivalente. Ou se contentaram em responder, segundo o conformismo global da crítica de «jazz» ou ciosos duma independência simbólica, refractários a qualquer influência, opuseram-se às opiniões mais competentes.

A família burguesa, com as suas maneiras de pensar e existir, influencia basicamente este tipo de cultura, mais até que a rádio, o cinema, a imprensa ou a televisão. A família burguesa oferece, aliás, muitas mais possibilidades potenciais de frequência universitária, que uma família de operários, e a Universidade, por sua vez,

prolonga, confirma, multiplica as forças de educação que um adolecente, cujo pai pertence à elite recebeu em casa, sem esforço.

Estas as conclusões de Passeron e Bourdieu, uma tomada de posição contra o que eles consideram a ilusão duma educação pela «mass media»: a verdadeira cultura é sempre transmitida, segundo eles, pelos agentes tradicionais: pais e mestres. Assim eles opõem-se nitidamente à opinião do grupo «Argumentos» dirigido por Edgar Morin, sobre o valor profundo dos meios de comunicação de massa». Estas posições contraditórias são tanto mais interessantes, pois ambas pretendem realçar uma análise de tipo marxista.

Apresentação de «Três Semanas em Maio»

por Liberto Cruz

É PRECISO DIZÊ-LO desde já: *Três Semanas em Maio*, (1) de João Palma-Ferreira, inicia, neste Outubro de 1968, um itinerário diferente na literatura portuguesa contemporânea. Creio mesmo que nunca, excepção feita a Almeida Faria, uma estreia literária se me apresentou, nestes últimos anos, tão segura, tão inovadora, tão apaixonante como a de *Três Semanas em Maio*. Falei do autor de *A Paixão* mas quero esclarecer que entre Almeida Faria e João Palma-Ferreira só há de comum o facto de ambos se expressarem na mesma língua.

A temática, a linguagem, o amor com que manipula as palavras, o frenesim com que evoca os factos, o sortilégio que envolve as personagens, a anárquica beleza que se aderra pela narrativa, a sensualidade com que escolhe os vocábulos, a humildade com que inventa

confessando-se, a frieza de prehenção de humanidade como aceita e fala dos seres humanos, a desesperada e obsessiva busca da verdade, concedem a João Palma-Ferreira um lugar ímpar na actual literatura portuguesa.

Com um livro ultrapassado em obsoleto e absurdo tabu, penetra-se na realidade do cosmos que nos rodeia, dá-se a conhecer, com ardor e paixão, que há efectivamente outras terras e outras gentes. Nada melhor para nos conhecermos do que nos debruçarmos sobre os outros, nada melhor para nos justificarmos do que sabermos como se processam na casa alheia as grandes e pequenas manobras. Eis que o problema da habitação do quotidiano se desenrola pungente e atroz perante os olhos, quicá atónitos, de muitos leitores portugueses. É a vida dos nossos dias, do nosso tempo, de muitos que se não de des-



cobrir assustados, o que perpassa nestas histórias aparentemente desligadas mas que o elo fortíssimo da solidão une e solda com angústia e raiva. *La solitude est partout*. E envolve, tortura, domina, avilta, esmaga o homem. Força-o a monólogos ridículos, condu-lo à droga, acena-lhe com riquezas, perde-o entre ideais burgueses, ele-

va-o a ideais revolucionários, atasca-o na lama, dignifica-lhe a memória, é um luxo asiático ser-se distraído, constitui acto de pirataria fingir-se ignorante. O mais comum dos mortais tem de suportar toda a diabolica engrenagem do nosso planeta, tem de distinguir entre um Ferrol e um amigo, um cavalheiro de indústria e

um simples homem, precisa de habituar-se ao gosto das palavras, sopesá-las, rejeitá-las só pelo cheiro, conhecer-lhe todos os truques, todas as grandezas e misérias e jamais esquecer quanto elas se encaminham vertiginosamente para a cantilena safada e traçoira.

Torna-se difícil e insuportável viver quando se topa que se habita irremediavelmente uma solidão povoada. É então a vez das reminiscências, do soporífero anelante e incómodo que constitui a chamada *Spatz* a um barco, evocar uma cidade onde nunca se viveu mas se conhece profundamente, uma casa onde nos encontrávamos entre Fevereiro e Março, o cheiro opressivo do formol.

É a vez de dizermos serenos que há ocasiões em que flutuamos no espaço, de afirmarmos que convém dizer sempre a verdade, de um homem exclam-

mar: *sou feliz. «Take the acid»*.

É a vez de desejar que chova lá fora, de se escolher entre um *Tocay* e um *Visconde de Salreu*, de a gente não se manifestar porque *no fundo serve*. Mas é também a vez de recordar *sem esforço* um 15 de Fevereiro em que mataram um amigo entre as oliveiras, de olhar com ternura e êxtase um moderno e abençoadamente maldito Sebastião crivado de balas em nome sabe-se lá de quê. E ignora-se onde começa a realidade e termina o sonho. As coisas fundem-se, interpenetram-se e quase ao mesmo tempo são demoníacas e beatas, compensam-se e contradizem-se. Há um símbolo para cada objecto, para cada gesto, agarramo-nos a um dia de amor no bafio de uma casa há muito morta, saltamos sebes, rolamo-nos na humidade da erva, des-

[Continua na 7.ª página]